



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS
E IDENTIDADES**

NICÉIA ANDRADE DA SILVA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E PROJETOS DE VIDA: DIALOGANDO COM A
PROPOSTA METODOLÓGICA DO SERTA (SERVIÇO DE TECNOLOGIA
ALTERNATIVA)**

RECIFE

2020



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM
EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES**

NICÉIA ANDRADE DA SILVA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E PROJETOS DE VIDA: DIALOGANDO COM A
PROPOSTA METODOLÓGICA DO SERTA (SERVIÇO DE TECNOLOGIA
ALTERNATIVA)**

Dissertação apresentada, como exigência para obtenção do grau de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco e da Fundação Joaquim Nabuco.

Orientadora: Professora Doutora Flávia Mendes de Andrade e Peres

RECIFE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A553e Silva, Nicéia Andrade da Silva
EDUCAÇÃO DO CAMPO E PROJETOS DE VIDA: DIALOGANDO COM A PROPOSTA METODOLÓGICA DO SERTA (SERVIÇO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA) / Nicéia Andrade da Silva Silva. - 2020.
212 f. : il.

Orientadora: Flavia Mendes de Andrade e Peres.
Inclui referências e anexo(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Recife, 2020.

1. Educação do Campo. 2. SERTA. 3. Projetos de Vida. I. Peres, Flavia Mendes de Andrade e, orient. II. Título

CDD 370

NICÉIA ANDRADE DA SILVA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E PROJETOS DE VIDA: DIALOGANDO COM A
PROPOSTA METODOLÓGICA DO SERTA (SERVIÇO DE TECNOLOGIA
ALTERNATIVA)**

Dissertação apresentada, como exigência para
obtenção do grau de Mestre, ao Programa de Pós-
Graduação em Educação, Culturas e Identidades da
Universidade Federal Rural de Pernambuco e da
Fundação Joaquim Nabuco.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e Processos
Educacionais e Culturais da Infância e da Juventude.

Dissertação aprovada pela banca examinadora em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Doutora Flávia Mendes de Andrade e Peres – Orientadora

Doutora Adelaide Alves Dias – Examinadora Externa

Doutor Moisés de Melo Santana – Examinador Interno

Aos meus filhos Rafael Victor Andrade de Lucena e Thiago Henrique Andrade de Lucena, aos meus pais, a minha família, a minha orientadora Flávia Peres, a minha querida e especial amiga Fabíola Nascimento e aos que fazem a grande família SERTA, pelo apoio, participação e acolhimento e por permanecerem juntos na luta por uma educação mais justa e emancipatória.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela presença viva e pela força diária, fortalecendo a minha caminhada.

Aos nossos ancestrais, que se fazem presentes em nossos corações e em nossos pensamentos;

Aos meus familiares, em especial, aos meus pais, Laura e Antônio (in memória), pela força, educação e apoio que nos deram; aos meus irmãos Maria Andrade, Ivanise, Edmilson, Edson e Betânia, pelo afeto e por compreenderem minhas ausências, aos meus amigos, pela força e carinho; aos meus professores pelo acolhimento e partilhas;

Aos educadores do SERTA, que, durante alguns meses, me receberam com carinho e me acolheram, contribuindo para o bom desenvolvimento da minha pesquisa e para o meu crescimento pessoal;

Aos estudantes do SERTA, que partilharam saberes e experiências e contribuíram com a minha pesquisa de forma significativa e muito acolhedora;

Às/Aos docentes e toda a equipe do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) que, com muito amor e muita dedicação, colaboram com a nossa formação e nos ajudaram a crescer como seres individuais e coletivos;

À Professora Doutora Flávia Mendes de Araújo e Peres, pelos momentos de partilhas, vivências e por me proporcionar oportunidades de reflexão e crescimento.

A minha querida e especial turma (2018) pelos momentos vividos, pelas partilhas, risadas, trocas de saberes e experiências e pelo acolhimento e carinho.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as práticas educativas do SERTA (SERVIÇO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA), observando como contribuem para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes. Com base em uma perspectiva histórico-cultural, busca-se compreender as relações dialógicas entre as atividades vivenciadas no espaço educativo do SERTA e a construção de projetos de vida de seus estudantes. O SERTA, que por sua atuação, vem contribuindo e promovendo o desenvolvimento sustentável e fortalecendo a produção da agricultura familiar do nordeste brasileiro, já desenvolve uma reconhecida atuação, tornando-se importante refletir sobre a responsabilidade diante das oportunidades e escolhas que os sujeitos que estudam nessa instituição terão ao longo de sua vida. Buscamos nos apropriar dos fatores sociais, culturais e históricos que contribuem para a construção dos projetos de vida dos estudantes, relacionando-os com a proposta educacional orientadora das ações em seus espaços. Trata-se de uma pesquisa mista (quantitativa e qualitativa) realizada de modo triangular, em três momentos no espaço institucional do SERTA: i) imersivo (observação participante e diário de campo das vivências e práticas pedagógicas); ii) documental (análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS); iii) enunciativo (questionário *online* com os estudantes). Os dados foram analisados à luz da Análise Dialógica do Discurso, ancorada em Bakhtin. Os dois primeiros momentos (imersivo e documental) favoreceram uma compreensão sobre as práticas e organizações do espaço do SERTA, e um olhar aos seus aspectos característicos; enquanto que o momento enunciativo focalizou o jogo de vozes presente nos enunciados dos estudantes sobre suas próprias percepções a respeito do que vivenciam no SERTA e as apropriações para suas vidas. Atentamos para uma maior compreensão acerca das mediações sociais que se relacionam com o sentimento de pertencimento à terra e ao campo de possibilidades que se apresentam aos estudantes em práticas educativas como as vivenciadas no SERTA. Os resultados desse trabalho indicam que as vivências e atividades da alternância entre tempo escola e tempo comunidade, propostas pela metodologia PEADS, favorecem a partilha de saberes e oportunizam a prática dos conhecimentos adquiridos durante o curso. Percebemos que os objetivos e metas traçados pelos estudantes durante o curso contribuem para a realização dos seus projetos de vida por dialogarem com as propostas do Curso Técnico em Agroecologia. A necessidade de um contato maior com a natureza, de enxergar a terra de outra maneira, a necessidade de partilhar conhecimentos, de compreender melhor a agroecologia e a permacultura para a construção de uma vida mais sustentável no campo, a partir das técnicas compartilhadas no curso, são alguns aspectos dialógicos encontrados tanto na proposta metodológica e na prática do SERTA quanto nos enunciados dos estudantes.

Palavras-chave: Educação do Campo; SERTA; Projetos de Vida.

ABSTRACT

This work aims to analyze SERTA's educational practices (ALTERNATIVE TECHNOLOGY SERVICE), observing how they contribute to the construction of students' Life Projects. Based on a historical-cultural perspective, we seek to understand the dialogical relationships between the activities experienced in the educational space of SERTA and the construction of life projects for its students. SERTA, which for its performance, has been contributing and promoting sustainable development and strengthening the production of family farming in northeastern Brazil, has already developed a recognized performance, making it important to understand the responsibility for the opportunities and choices that the subjects who study in this institution will have throughout their life. We seek to appropriate the social, cultural and historical factors that contribute to the construction of the Students' Life Projects, relating them to the educational proposal guiding the actions in their spaces. It is a mixed research (quantitative and qualitative) carried out in a triangular way, in three moments in the institutional space of SERTA: i) immersive (participant observation and field diary of pedagogical experiences and practices); ii) documentary (analysis of the Political Pedagogical Project (PPP) and the Educational Program to Support Sustainable Development (PEADS); iii) enunciative (*online* questionnaire with students). The data were analyzed in the light of the Dialogic Discourse Analysis, anchored in Bakhtin. The first two moments (immersive and documentary) favored an understanding of the practices and organizations of the SERTA space, and a look at their characteristic aspects; while the enunciative moment focused on the play of voices present in the students' statements about their own perceptions about what they experience in SERTA and the appropriations for their lives. We focus on a greater understanding of social mediations that relate to the feeling of belonging to the land and the field of possibilities that are presented to students in educational practices such as those experienced in SERTA. The results of this work indicate that the experiences and activities of TE and TC, proposed by the PEADS methodology, favor the sharing of knowledge and make it possible to practice the knowledge acquired during the course. We realized that the objectives and goals set by students during the course contribute to the realization of their life projects by dialoguing with the proposals of the Technical Course in Agroecology. The need for greater contact with nature, to see the land in another way, the need to share knowledge, to better understand Agroecology and Permaculture for the construction of a more sustainable life in the field based on the techniques shared in the course are some dialogical aspects found both in SERTA's methodological proposal and practice and in students' statements.

Keywords: Rural Education; SERTA; Life Project.

*Vozes a mais
vozes a menos
a máquina em nós que gera provérbios
é a mesma que faz poemas,
somas com vida própria
que podem mais que podemos*
(Paulo Leminski)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Número médio de anos de estudos da população de 15 anos ou mais – Brasil em grandes regiões – 2001/2004.....	24
Figura 2 - Taxa de analfabetismo, por faixa etária e local de residência, Brasil.	24
Figura 3 - Percentual de homens e mulheres, por anos de estudo, na área rural, Brasil.....	25
Figura 4 - Aula sobre Design Permacultural	85
Figura 5 - Apresentação da discussão em grupo sobre Projetos de Vida	87
Figura 6 - Discussão sobre Projetos de Vida após as apresentações	88
Figura 7 - Credenciamento do SEMEA.....	95
Figura 8 - Dinâmica de abertura do SEMEA	96
Figura 9 - Plenária SEMEA 1	97
Figura 10 - Plenária SEMEA 2.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Turma dos participantes	115
Gráfico 2 - Gênero dos participantes	115
Gráfico 3 - Idade dos participantes.....	116
Gráfico 4 - Residência dos participantes	117
Gráfico 5 - Expectativa dos participantes em relação ao Curso	135
Gráfico 6 - Relação entre as atividades do TE e TC	146
Gráfico 7 - Importância da Pedagogia da Alternância para os Projetos de Vida ..	166
Gráfico 8 - Sugestões de mudança para o Curso Técnico	189

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação com o campo	117
Quadro 2 - Transformações após o início do curso	123
Quadro 3 - Motivações ou interesse em procurar o Curso Técnico	129
Quadro 4 - Insatisfação dos participantes.....	136
Quadro 5 - Vivência da metodologia.....	140
Quadro 6 - Relação entre as atividades do TE e TC.....	146
Quadro 7 - Espaço da Instituição SERTA.....	153
Quadro 8 - Concepção dos estudantes	160
Quadro 9 - Importância das atividades vivenciadas no TE e TC	166
Quadro 10 - Contribuições da Proposta metodológica do SERTA para os Projetos de Vida.....	170
Quadro 11 - Percepções sobre o Campo.....	177
Quadro 12 - Relação do Campo com o Curso Técnico em Agroecologia	184
Quadro 13 - SIM - 55,6% - Sugestões de mudança para o Curso Técnico	190
Quadro 14 - 44,4% - NÃO apresentaram sugestões de mudança para o Curso Técnico	197

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADAC – Agentes de Desenvolvimento da Arte e da Cultura
ADD – Análise Dialógica do Discurso
ADL – Agente de Desenvolvimento Local
AL – Alagoas
AMA – Amigos do Meio Ambiente
ANA – Articulação Nacional de Agroecologia
ANMTR – Agência Nacional de Mineração e Tratamento
ASA – Articulação do Semiárido Brasileiro
ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural
BA – Bahia
CE – Ceará
CEB – Câmara de Educação Básica
CECAPAS – Centro de Capacitação dos Projetos Alternativos da Seca
CEE – Comunidade Econômica Europeia
CEFAs – Centros Familiares de Formação por Alternância
CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CFR – Casas Familiares Rurais
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNE – Conselho Nacional de Educação
CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CREA – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DTDIE – Diretor de Tecnologia e Disseminação de Informações Educacionais
EFAs – Escolas Famílias Agrícolas
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENERA – Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária
FEAB – Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil
FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPB – Instituto Federal da Paraíba

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEC – Ministério da Educação
MPA – Ministério da Pesca e Aquicultura
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico
ONG – Organização não Governamental
OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PE – Pernambuco
PEADS – Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável
PB – Paraíba
PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PJR – Pastoral da Juventude Rural
PLANAPO – Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNATER – Política Nacional de Assistência Técnica Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária
PNEDC – Panorama Nacional da Educação do Campo
PPP – Projeto Político Pedagógico
PRONACAMPO – Programa Nacional de Educação do Campo.
PRONATER – Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária
PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
RN – Rio Grande do Norte
SAF – Sistema Agro florestal
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.
SECTMA – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente
SEE – Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco
SEMEA – Seminário Estadual de Agroecologia
SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa

TA – Técnico em Agroecologia

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UNB – Universidade de Brasília

UNERAB – União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF – Fundo Internacional de Emergência para a Infância das Nações Unidas

UPPO – Unidade Pedagógica Permacultural de Observação

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	29
2.1	RESIGNIFICANDO O PARADIGMA DA EDUCAÇÃO RURAL	33
2.2	A INSTITUIÇÃO SERTA.....	39
2.2.1	Fundamentos Legais.....	43
3.	PROJETOS DE VIDA.....	45
3.1	PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL EM VIGOTSKI	49
4.	METODOLOGIA DE PESQUISA	53
4.1	Construção dos dados	60
5.	ANÁLISE E RESULTADOS.....	64
5.1	PRIMEIRO MOMENTO: IMERSIVO	64
5.2	Segundo momento: Documental – Análise do projeto Político Pedagógico (PPP) E do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS).....	99
5.2.1	Projeto Político Pedagógico (PPP) do SERTA.....	99
5.2.2.	Programa Educacional de Apoio ao desenvolvimento Sustentável (PEADS).....	107
5.3	Terceiro momento: enunciativo – Análise dos questionários.....	113
5.3.1.	Caracterização dos Participantes.....	115
5.3.2.	História de Vida	116
5.3.2.1.	Relação com o campo.....	117
5.3.2.2.	Transformação de si mesmo após o início do Curso Técnico em Agroecologia	123
5.3.3.	Instituição SERTA.....	129
5.3.3.1.	Motivação/ Interesse.....	129
5.3.3.2.	Satisfação / Insatisfação	135
5.3.3.3.	Vivência da Metodologia PEADS.....	140
5.3.3.4.	Pedagogia da Alternância: Tempo Escola (TE) X Tempo Comunidade (TC)	145
5.3.3.5.	O espaço da Instituição SERTA.....	152
5.3.4.	Projetos de Vida.....	160
5.3.4.1.	Concepções dos estudantes sobre Projetos de Vida	160
5.3.4.2.	Importância da Pedagogia da Alternância para os Projetos de Vida	165

5.3.4.3. Contribuições da Proposta metodológica do SERTA para os Projetos de Vida.....	169
5.3.5. Curso Técnico em Agroecologia.....	176
5.3.5.1. Percepções sobre o Campo.....	177
5.3.5.2. Relação do Campo com o Curso Técnico em Agroecologia	184
5.3.5.3. Sugestões de mudança para o Curso Técnico em Agroecologia.....	189
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
7. REFERÊNCIAS	203
8. ANEXOS	208
8.1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	208
PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	208
8.2. QUESTIONÁRIO SOBRE PROJETOS DE VIDA DOS ESTUDANTES DO SERTA.....	210

1 INTRODUÇÃO

As questões relativas à educação do campo há algum tempo vem me inquietando, uma vez que, em um determinado momento da minha vida profissional, os estudantes, em sua maioria residindo em zona rural, estiveram presentes na minha trajetória enquanto professora do Ensino Médio de uma Escola Estadual, como alunos do EJA Médio (Educação de Jovens e Adultos), no turno da noite. A ausência de um currículo voltado para o contexto desses sujeitos me despertou e me levou a perceber o quanto a educação que é ofertada a esses povos está desarticulada de suas realidades, como essa educação os desrespeita e invisibiliza suas trajetórias, suas origens, suas dificuldades em estarem ali e permanecerem, mesmo diante das adversidades e das contradições presentes no currículo escolar, que não dialoga com suas vivências.

Assim, o interesse em estudar a temática *Educação do Campo e Projetos de Vida* originou-se da constatação de que, no geral, a educação que é ofertada aos sujeitos que vivem em territórios rurais não contempla suas singularidades, não respeita suas especificidades, não valoriza suas origens nem o contexto sociocultural em que se encontram. Os enunciados presentes em livros didáticos e nos discursos que permeiam os ambientes educacionais não se orientam para alcançar os sujeitos do campo, dificultando respostas em uma cadeia dialógica ininterrupta, que afeta os projetos de vida desses sujeitos.

Há, no entanto, uma luta que vem sendo travada por vários movimentos sociais, fruto de tensões, avanços, começos e recomeços, por uma educação do campo e para o campo, em que se pode perceber enunciados cujos alcances discursivos se orientam para os sujeitos do campo. Essas lutas nos dão esperanças e motivação para acreditarmos que é possível educar para respostas que favoreçam a cidadania, a libertação, a emancipação política e social, por melhores condições de vida e por uma sociedade mais justa e igualitária.

No atual contexto político-social, caracterizado por retrocessos, perdas de direitos e ameaça à nossa cidadania, nos sentimos convidados a resistir, lutar e desenvolver pesquisas que respondam a indagações de nosso tempo e apontem caminhos possíveis, em diálogo com pares que primam por mudanças e por uma educação de qualidade.

Muitos estudos indicam que os povos do campo são afetados diretamente

por movimentos migratórios, frutos de uma invisibilização do campo enquanto espaço de vida e de conhecimento (WANDERLEY, 2013; WEISHEIMER, 2005; MOURA, 2015) devido à disseminação de crenças controversas sobre sair do campo como opção para que possam ter uma vida melhor.

Segundo Ximenes *et al* (2019), refletir sobre o contexto histórico-cultural em que a juventude camponesa está inserida, implica reconhecer a diversidade e pluralidade da condição juvenil no Brasil, uma vez que essa juventude (re) inventa diversas maneiras de participar, manifestando outras identidades, novos sonhos e percepção de futuro que são protagonizados por eles.

Ao voltarmos nossos olhares para a educação destinada aos povos do campo, percebemos que a histórica valorização da cultura urbanocêntrica deturpou conhecimentos do meio rural através de uma imagem de atraso e ignorância. As vozes sociais dos sujeitos que vivem no campo pouco são contempladas nas ações e políticas educacionais, econômicas e sociais voltadas à realidade camponesa. Neste contexto, refletir sobre a educação que é ofertada a esses povos é urgente e necessário, por se perceber que essa educação, apesar das lutas e conquistas dos movimentos sociais relacionados ao campo¹, continua se fundamentando em paradigmas urbanos, e, desta forma, não evidencia o campo como espaço de vida, de cultura, de história.

A partir dessa realidade, o trabalho de algumas instituições que pensam e respeitam o campo como espaço de vida e fonte de saberes diversos, pode ser encontrado em Pernambuco, por exemplo, como a instituição SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa). O SERTA orienta-se para um trabalho que, fruto de muitas lutas e tensões, conseguiu se constituir como um espaço formal de educação do campo. Trabalha com sujeitos de identidades distintas e de diferentes territórios, com um projeto pedagógico voltado para o respeito à natureza, à vida e à integração do sujeito com o meio, através de uma educação que busca contemplar esses sujeitos em sua proposta, favorecendo-os a (re) construir seus projetos de vida. Neste sentido, indagamos como problema de pesquisa: como acontece o jogo dialógico entre as vozes organizadoras das ações, as atividades propostas nos espaços do SERTA e as vozes presentes nos enunciados dos estudantes que

¹ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), e de iniciativas populares de organização da educação para o campo, como os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFAs) e Escolas Famílias Agrícolas (EFAs).

vivenciam tais espaços, no tocante aos seus projetos de vida?

Tendo como base o Curso Técnico em Agroecologia, ofertado pela Instituição SERTA, pretende-se compreender como as especificidades das relações dialógicas presentes, entre esses sujeitos e a instituição, podem contribuir para a construção dos projetos de vida dos estudantes. Justifica-se esta escolha, pois o curso trabalha em uma perspectiva formativa ligada à discussão da Agroecologia, buscando ressignificar a relação dos estudantes com a terra, com suas famílias, com suas raízes.

Nesta perspectiva, acreditar em uma educação que respeite os povos do campo, além de valorizar esses sujeitos, caminhará para uma educação mais humanizadora e emancipatória. Porém, os alcances discursivos que se almejam nas propostas pedagógicas nem sempre encontram ressonância nas práticas sociais em seus espaços e nos enunciados daqueles a quem se destinam, abrindo-se um campo de pesquisas para favorecer uma educação que liberta, uma educação que, como destaca Café (2007, p. 31):

“possa constituir sujeitos, homens e mulheres, identificados com a emancipação humana, com a transmutação das desigualdades de gênero, raça, etnia, em que as diferenças sejam afirmadas no sentido da (re) valorização da identidade camponesa”. (CAFÉ, 2007, p. 31).

Uma educação emancipatória se fundamenta na existência de escolas do campo e para o campo, que consiste em “escolas com um projeto político pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo” (ARROYO, CALDART, & MOLINA, 2004, p. 27). Essa educação deve respeitar as raízes dos povos do campo, sua história, sua cultura e ter como base a formação humana integral e crítica para que possa contribuir com a mudança da organização social, baseando-se na emancipação humana, promovendo um novo desenvolvimento do campo e da sociedade, numa perspectiva libertadora. Para Santos; Paludo; Oliveira (2010, p. 53):

“A educação do campo se fundamenta nos princípios da pedagogia socialista – formação humana integral, emancipatória -, vinculada a um projeto histórico que busque superar a sociedade de classes – e a uma teoria do conhecimento, que o concebe como imprescindível e voltado para a transformação social”. (SANTOS; PALUDO; OLIVEIRA, 2010, p. 53)

Neste modelo de educação, a identificação com o campo e com a vida no campo é perpassada pelo reconhecimento da cultura dos sujeitos que ali vivem.

Esse reconhecimento favorece a construção de uma identidade cultural que respeita as múltiplas diferenças e percebe o sujeito como construtor de sua história.

Para Wanderley (2013, p.47), “As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado – e orientam as alternativas possíveis no futuro das gerações jovens e a reprodução do estabelecimento familiar”. Ou seja, a escola não é a única referência que esses sujeitos possuem, pois, eles estão cercados por relações interpessoais que os levam ao desenvolvimento da percepção de si mesmos e à construção de seus projetos de vida. O lugar onde se vive é um dos principais fatores que determina “o campo de possibilidades” à disposição dos jovens. Para Wanderley (2013, p. 47), “essas dinâmicas se interligam e através delas emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural”.

Nesse contexto, o estudo sobre *Projetos de Vida* supõe a compreensão desta dinâmica social: de um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa, a vizinhança, a cidade; do outro lado, a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro estão imbuídas de uma dinâmica temporal, o passado das tradições familiares, que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro. Segundo Wanderley (2013, p. 204), “a escolha da profissão de agricultor está diretamente associada à valorização que o jovem e sua família atribuem a essa atividade”.

Com base nessas ideias, apresentamos nosso estudo como ferramenta para a compreensão de um contexto educacional específico voltado para os interesses dos povos do campo e buscaremos responder em que medida sua organização e proposta metodológica dialogam com as necessidades desses sujeitos e oportunizam melhores condições de vida, contribuindo para a construção dos seus projetos de vida.

O contexto específico ao qual nos referimos é o Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), que tem como missão formar jovens, educadores e produtores para atuarem na transformação das circunstâncias econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas, na promoção do desenvolvimento sustentável com foco no campo, desta forma, buscaremos compreender como esse espaço educativo promove ações de cooperação e defesa conjunta da causa do jovem rural brasileiro, dialoga com a construção dos projetos de vida desses sujeitos e se/como contribui

para com a formação humana/cultural, social/política dos povos que vivem na e da terra.

É relevante discutirmos sobre o modelo de educação que está sendo oferecido aos sujeitos do campo, como as vozes desses sujeitos estão presentes na organização e nas vivências das atividades propostas pela instituição em estudo. Além disso, refletirmos sobre as vozes sociais presentes nos discursos do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) e o Projeto Político Pedagógico (PPP) do SERTA, no que tange ao reconhecimento e valorização dos povos do campo, pois, essa juventude permaneceu e ainda permanece na invisibilidade no Brasil (WEISHEIMER, 2005). Essa invisibilidade não foi rompida até os dias atuais. Apesar das lutas sociais e de algumas conquistas, se apresenta como uma das maiores dificuldades e entraves no que diz respeito à garantia e à conquista de direitos pelos povos camponeses. Conforme afirma Wanderley (2013, p.37):

“Podemos dizer que esta invisibilidade atinge a população rural como um todo, tantas vezes negada, desconhecida e relegada, como se o meio rural tivesse deixado de existir e tivesse se diluído completamente no modo de vida urbano.” (WANDERLEY, 2013, p. 37).

A importância do estudo sobre o Programa Educacional do SERTA, caracterizando-o e compreendendo as relações dialógicas em seu espaço e suas contribuições para os projetos de vida dos estudantes, decorre da inquietação de analisar a situação e as perspectivas dos sujeitos a partir do contexto histórico-cultural em que estão inseridos. Considera-se, portanto, que tanto nos aspectos do conhecimento, quanto no fortalecimento do indivíduo, a educação pode exercer grande parcela de responsabilidade sobre as oportunidades e escolhas que esses sujeitos terão ao longo da sua vida.

A luta travada pelos povos do campo, bem como o movimento por uma Educação do Campo², é por uma educação humanitária, libertadora, que rompa com a cultura hegemônica imposta pelo modelo de educação atual, por acreditarem que ela possa contribuir para a emancipação verdadeira dos sujeitos, como resultado da luta e das conquistas dos povos camponeses. Pois, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”, tendo a

² I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (I ENERA), ocorrido em 1997 na Universidade de Brasília é considerado o fato que melhor simboliza o nascimento do Movimento de Educação do Campo no Brasil, nos anos 90.

consciência que essa mudança ocorre a partir do momento em que esses povos tomam consciência do seu estado de “oprimido” e lutam para transformar essa realidade. (FREIRE, 1987, p. 29).

Embora, ao longo da história, a luta por uma educação do campo e para o campo venha ganhando força e apesar de ter tido alguns avanços, ainda não conseguiu transformar a realidade educacional no campo, principalmente a realidade vivida pelos sujeitos camponeses.

No Brasil, os dados estatísticos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Panorama Nacional da Educação do Campo (PNEDC), mostram um distanciamento dos jovens camponeses das instituições escolares, que apesar de ter diminuído nas últimas décadas, muitos jovens ainda permanecem fora da escola, se comparados com os jovens urbanos.

Na área rural, (...) “pouco mais de um quinto dos jovens nessa faixa etária (15 a 17anos) estão frequentando o ensino médio. No Nordeste, somente 11,6% dos jovens de 15 a 17 anos que residem na área rural frequentam o ensino médio. Apenas as duas regiões mais desenvolvidas do País, Sul e Sudeste, já alcançaram taxas de escolarização líquida superior a 35% nesta faixa etária. Mas mesmo nessas regiões prevalecem acentuadas discrepâncias entre as populações urbana e rural. Na Região Sudeste, 60% dos jovens urbanos de 15 a 17 anos estão no ensino médio, índice que se reduz para 35,1% entre os jovens do campo na mesma faixa etária. Na Região Sul os percentuais são 54,6% e 48,2%, respectivamente”. (PANORAMA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2007, p. 18).

Esses dados não são apenas fruto da grande defasagem escolar desses sujeitos, mas de problemáticas diversas, como escassez de escolas do campo, dificuldades de acesso aos locais da escola, entre outros. Considerando-se o alto índice de evasão pelos jovens, provavelmente, será necessária uma maior articulação sobre essas causas-consequências e os projetos de vida dos jovens nesta pesquisa. Como podemos evidenciar Figura 1 referente à média de anos de estudos, existe a necessidade de uma maior compreensão e aprofundamento sobre o fenômeno.

Figura 1 - Número médio de anos de estudos da população de 15 anos ou mais –Brasil em grandes regiões – 2001/2004

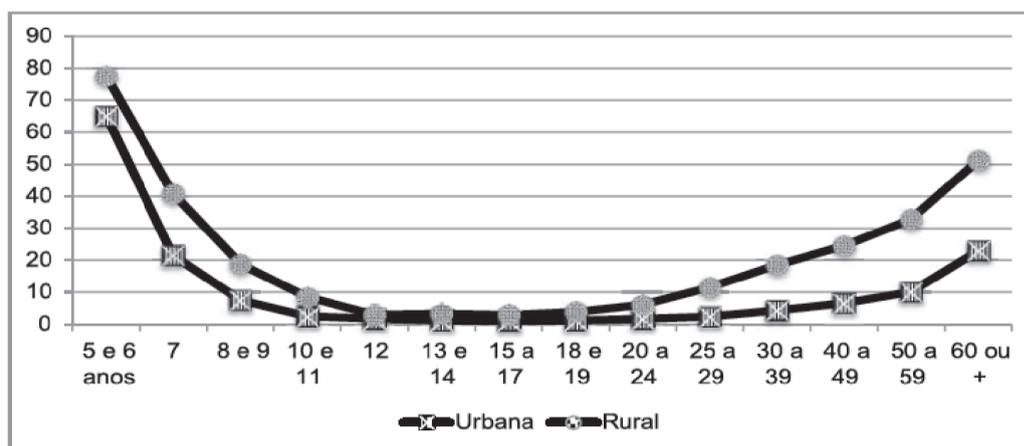
Regiões Geográficas	Ano de Estudos					
	Total		Rural		Urbana	
	2000	2004	2000	2004	2000	2004
Brasil	6,4	6,8	3,8	4,0	6,9	7,3
Norte	5,6	6,2	3,3	4,0	6,5	6,9
Nordeste	5,2	5,6	3,2	3,1	6,0	6,3
Sudeste	7,1	7,6	4,5	4,7	7,3	7,7
Sul	6,8	7,2	4,9	5,0	7,3	7,7
Centro-Oeste	6,6	7,0	4,2	4,7	6,9	7,4

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000, Pnad 2004. Tabela elaborada pelo DTDIE. IN: Panorama da Educação do Campo, Brasília: Inep/Mec.2007

Percebemos que em todas as comparações feitas pelo PNEDC³, no período de 2000 a 2004, na figura acima, a situação da população que vive na área rural, em relação a anos de estudos, é inferior à área urbana, em várias regiões do país.

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2011) apresenta uma realidade ainda muito difícil sobre o nível de instrução entre os indivíduos que residem na área urbana e rural, que visualizaremos na Figura 2

Figura 2 - Taxa de analfabetismo, por faixa etária e local de residência, Brasil.



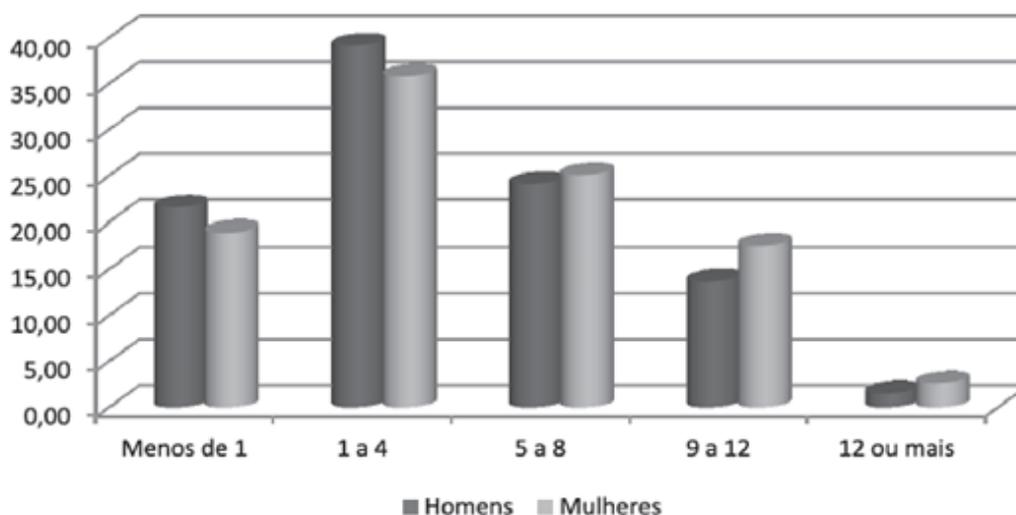
Fonte: DIEESE (2011) IN: JUVENTUDE RURAL E AS POLÍTICAS E PROGRAMAS DE ACESSO À TERRA NO BRASIL: Recomendações para Políticas de Desenvolvimento para o Jovem Rural, 2011.

³ Apesar da relevância dos dados acima apresentados, sente-se a necessidade de estudos mais atualizados sobre a temática, mas não encontramos pesquisas mais recentes realizadas pelo Panorama da Educação do Campo (PNEDC), que nos trouxessem dados atuais sobre jovens na faixa etária entre 15 a 17 anos, entre as populações rurais e urbanas que frequentam o ensino médio.

Podemos dizer como aponta a figura acima, que a taxa de analfabetismo tem um índice mais elevado, quando se refere aos povos que vivem na área rural, necessitando de políticas públicas que atendam às necessidades desses povos e possam garantir uma educação de qualidade. Percebe-se que o índice mais elevado que atinge a faixa etária entre 5 a 6 anos, chega a 80% o nível de analfabetismo para as crianças que vivem na área rural.

As análises sobre escolaridade nos apontam uma maior dificuldade para alcançar o nível de qualificação necessário para os povos que vivem no campo, em relação àqueles que vivem na cidade, por outro lado, indicam também que para os homens esta dificuldade é bem maior, como indica na Figura 3:

Figura 3 - Percentual de homens e mulheres, por anos de estudo, na área rural, Brasil.



Fonte: DIEESE, 2011, adaptado. IN: JUVENTUDE RURAL E AS POLÍTICAS E PROGRAMAS DE ACESSO À TERRA NO BRASIL: Recomendações para Políticas de Desenvolvimento para o Jovem Rural, 2013.

Verifica-se que, ao considerarmos somente a população rural, os homens apresentam menor proporção que as mulheres na distribuição de anos de estudo referentes à faixa etária de 0 a 4 anos; na categoria 5 a 8 anos, observa-se um valor similar, com um leve acréscimo para as mulheres; É observado que para as categorias de 9 a 12 anos de estudo e de mais que 12 anos de estudo, há uma diferença semelhante às demais, evidenciando que, as mulheres do campo, buscam obter maior tempo de escolaridade, em geral, do que os homens.

O Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, no Brasil, indica que cerca de 84% da população vive na zona urbana e 16%, na

zona rural. No entanto, Veiga (2003, *apud* ALENCAR, 2011, p. 42) aponta discordâncias em relação aos critérios apontados pelo IBGE no que diz respeito à categoria “urbano”, uma vez que, o Índice de densidade demográfica da OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico), aponta – 150 habitantes/km² –, ou seja, o Brasil teria 60% da população urbana em vez de 84%.

Diante do atual contexto social, político e econômico, desencadeado a partir das eleições de 2018, novos desafios se apresentam para o contexto da educação do campo, bem como para outros aspectos sociais. Provavelmente, haverá luta e resistência para que possamos garantir os direitos conquistados pelos movimentos sociais e pelos povos do campo, ao longo da nossa história, de ter uma educação do campo e para o campo.

Não podemos aceitar uma educação uniforme, sem partido, descontextualizada, desarticulada, pois isso nos levaria a pensar uma sociedade estática, homogênea, sem articulação entre os sujeitos e sem considerá-los possuidores de história e de saberes diversos.

A presente pesquisa, amparada pelas diretrizes da Educação do Campo, pode contribuir para uma compreensão sobre como uma educação crítica específica pode dialogar mais estreitamente com a diversidade dos sujeitos do campo, suas particularidades, suas histórias e projetos de vida. Acreditamos em uma educação que ajude os povos a se perceberem enquanto sujeitos de transformação social, uma educação que liberte e faça sonhar. Também acreditamos que uma educação libertadora pode oferecer visibilidade e fortalecimento dos conhecimentos científicos, mas também favorecer a troca de saberes, como resistência a esse modelo de educação uniformizado que deslegitima os saberes diversos e os conhecimentos produzidos historicamente.

A partir da análise da Proposta Metodológica do SERTA, das vivências das atividades e dos enunciados dos estudantes, buscamos compreender as diversas vozes que permeiam esse espaço educacional e suas contribuições para os Projetos de Vida dos estudantes.

O contexto prático da construção de dados foi o espaço físico da instituição SERTA, localizado no município de Glória do Goitá, cujos estudantes do Curso Técnico em Agroecologia foram os sujeitos participantes da pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa realizada de modo triangular em três momentos no espaço institucional do SERTA: i) imersivo (observação

participante e diário de campo das vivências e práticas pedagógicas); ii) documental (análise do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) e do Projeto Político Pedagógico (PPP); iii) enunciativo (questionário *on line* com os discentes).

A análise dos dados foi orientada pela *Análise Dialógica do Discurso* (ADD), baseada em princípios teóricos delineados pelo círculo de Bakhtin (FARACO, 2003). Todos os dados foram analisados a partir dessa perspectiva dialógica e de uma visão polifônica, amparada pela noção do discurso bakhtiniano (MEDINA, 2013). A ADD defende que toda palavra permite duas faces, tendo em vista que estas se estabelecem a partir do processo de interação no discurso entre locutor e ouvinte, mesmo que estes não estejam presentes na cena, como no caso de enunciados proferidos em textos. Um ponto importante que foi analisado nesses discursos diz respeito às vozes presentes e suas cargas ideológicas, que se manifestaram nos enunciados dos participantes que vivenciam atividades na Unidade SERTA em estudo, considerando-se que “todo signo é ideológico” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 16).

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, compreende-se que o signo, que em muitos estudos anteriores a sua visão, tinha um caráter predominantemente linguístico, passa a uma instância ideológica. O sujeito, então, passa a ser constituído como um ser linguisticamente formado a partir das interações sociais e de contextos específicos, uma vez que o discurso do eu não se constrói isoladamente, mas é construído em uma troca dialógica com o discurso do outro.

O presente trabalho de pesquisa está organizado em capítulos, apresentados da seguinte forma: capítulo 1: Um olhar sobre a educação do campo, que traz algumas considerações sobre a educação ofertada aos povos do campo ao longo da história, com duas seções, sendo a seção 1.1 Resignificando o paradigma da educação rural e a 1.2. Dados sobre a Instituição SERTA, lócus da pesquisa. O Capítulo 2: Projetos de vida, que traz algumas reflexões sobre a relação do programa educacional do SERTA e os Projetos de Vida dos estudantes; O Capítulo 3: Perspectiva histórico-cultural de Vigotski, base teórica que fundamenta e ampara a visão de sujeito da pesquisa. O capítulo 4: traz a metodologia do trabalho de pesquisa como algumas considerações sobre a Análise Dialógica do Discurso (ADD) baseada nas ideias do círculo bakhtiniano, que servirão de base para a análise dos dados construídos ao longo dos 3 momentos da pesquisa. No capítulo 5,

encontra-se a análise e o resultado dos dados construídos de modo triangular, sendo dividido em 3 seções, de acordo com os momentos da pesquisa: o primeiro momento: *Imersivo* – caracterização dos espaços, a partir das observações vivenciadas pela pesquisadoras; o segundo momento: *Documental* – caracterização do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) e do Projeto Político Pedagógico (PPP); o terceiro momento: *Enunciativo* – Análise dos enunciados dos estudantes, sujeitos do Curso Técnico em Agroecologia, nos questionários *on line*.

Para alcançarmos resultados satisfatórios e favoráveis, elencamos como Objetivo Geral: Compreender as contribuições da proposta metodológica do SERTA para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes, considerando-se o jogo dialógico presente nos enunciados dos sujeitos, a partir das interações possibilitadas por este espaço formativo.

E como Objetivos Específicos: Analisar os processos educativos possibilitados pelo SERTA e a produção de significados e sentidos de pertencimento à terra entre os estudantes; caracterizar a rede dialógica presente nas atividades vivenciadas pelos estudantes do SERTA em relação aos seus projetos de vida.

2 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Quando voltamos nosso olhar à realidade dos povos camponeses percebemos que, no geral, a educação “ofertada” a eles, sempre foi fundamentada no que Arroyo (2007) chama de “paradigma urbano”. A vida urbana é tida como ápice da civilização, aquela que possui cultura, detentora de direitos. Tudo isso, segundo Fernandes (1999, p. 29) se dá pelo estabelecimento de um sistema de subordinação do campo à cidade, ou seja, do modo de vida rural ao modo de vida urbano, na sociedade atual.

Como reafirma Bourdieu (2007), a escola é vista como promotora das desigualdades sociais, pois perpetua e legitima essas desigualdades ao utilizar a teoria dos dons naturais:

“As aptidões socialmente condicionadas que trata como desigualdades de “dons” ou de méritos, ela transforma as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em “distinção de qualidade”, e legitima a transmissão da herança cultural. Por isso, ela exerce uma função mistificadora. Além de permitir à elite se justificar de ser o que é, a “ideologia do dom”, chave do sistema escolar e do sistema social, contribui para encerrar os membros das classes desfavorecidas no destino que a sociedade lhes assinala, levando-os a perceberem como inaptidões naturais (...) (BOURDIEU, 2007, p. 58-59)

Nessa perspectiva, a falsa ideia de igualdade pregada nos sistemas escolares, se configura como uma negação das diferenças regionais e culturais em que se privilegia uma cultura em detrimento das outras. No caso da educação brasileira, esta, predominantemente, tem favorecido a disseminação da cultura urbana da classe dominante em detrimento do modo de vida dos povos do campo, invisibilizando seus saberes e negando o campo como espaço de vida e de construção de conhecimentos.

Nesse modelo de educação, que privilegia o urbano em detrimento do rural, não há um respeito nem um conciliamento entre a vida no campo e a escola. Não queremos afirmar aqui, como sublinha Frossard (2003, p. 37), que “a pessoa que possui identidade rural aceite o local onde vive exatamente como ele é, mas que possua uma identificação com aquele meio e o desejo de ali permanecer e construir sua vida”. A escola precisa estar atenta a essa diversidade e oferecer uma educação que realmente contemple a realidade e as escolhas que esses jovens farão durante a

vida.

Desta forma, Trindade (2011, p. 93) ressalta que, “a escola continua sendo vista como promotora de injustiças, mas, por outro lado, também pode servir de ferramenta para a conquista da justiça social”. Para tanto, é importante que ela respeite a diversidade, a individualidade, o direito dos povos do campo de terem sua cultura, sua identidade, sua história, que ajude esses povos a se perceberem como sujeitos oprimidos e que precisam lutar para transformação dessa realidade e por melhores condições de vida. Como afirma Caldart (2004)

“A educação do Campo talvez possa ser considerada uma das realizações práticas da pedagogia do oprimido, à medida que afirma os pobres do campo como sujeitos legítimos de um projeto emancipatório e, por isso mesmo, educativo” (CALDART, 2004, p. 14).

Para que haja reconhecimento e valorização da cultura e dos saberes dos povos do campo é preciso construir uma educação realmente do campo e para o campo. E então haverá a possibilidade do estabelecimento de sentido pelos sujeitos camponeses quanto à importância do estudo escolar e quanto ao sentimento de pertencimento à terra. Como afirma Trindade (2011, p.97):

“A Educação e a Escola do Campo devem ter como objetivo formar os homens e mulheres do campo para que possam participar conscientemente na/da organização da sociedade e que cada um e uma sintam-se também responsáveis pela transformação da realidade social. A classe trabalhadora camponesa precisa lutar por outra sociabilidade; uma sociabilidade que esteja combinada com os objetivos de “lutar e construir”. Lutar por uma sociedade/escola que atendam os seus interesses e construir uma escola que ensine e aprenda a partir das contradições existentes no seu interior e fora dela, em que sua matriz seja organizada pela realidade social e forme lutadores do povo (...)” (TRINDADE, 2011, p. 97).

Desta forma, a educação destinada aos povos que vivem no campo precisa apresentar uma proposta de educação que respeite todas as formas e modalidades educacionais e que possa garantir uma educação de qualidade, em que o campo seja percebido como um espaço de produção de cultura e conhecimento, não apenas como um lugar de vida e de inter-relações entre os sujeitos,

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 no artigo 28 cita como dever dos sistemas de ensino fazer as adaptações necessárias à vida rural:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL/MEC, LDB 9394/96, art. 28).

Com isso, percebemos que, embora a educação oferecida aos sujeitos do campo seja a mesma pensada para a cidade, o artigo 28 da LDB indica a necessidade de alguns ajustes, garantidos por lei. O que se apresenta de forma muito clara para nós neste sistema de “adaptações” é a impossibilidade de o campo formar, criar seu próprio modelo de educação. Com isso prevalecem a inferiorização e o desrespeito aos povos que vivem na e da terra, disseminando uma ideia de que estes sujeitos não possuem cultura, não possuem saber, devendo adquirir, portanto, apenas os saberes hegemônicos, que se apresentam como possibilidade de crescimento e desenvolvimento com base no modelo urbanocêntrico.

Em estudo sobre a América Latina, John Durston (1998), antropólogo social da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), refere-se à “invisibilidade” da juventude rural, ressaltando que os jovens rurais são esquecidos, negligenciados, uma vez que as políticas públicas, bem como as instituições levam em consideração, apenas, os problemas enfrentados pelos jovens do meio urbano, sem levar em consideração os problemas que envolvem os jovens que residem na área rural, nem como esses sujeitos vivem e nem a educação que é oferecida a eles. Assim, como esses sujeitos podem estabelecer uma relação recíproca de harmonia com a escola, uma vez que esta não os respeita em suas singularidades e exige que os mesmos construam uma “identidade escolar” desvinculada da sua realidade?

Como ressaltava Wanderley (2013, p. 37):

“Na verdade, podemos dizer que esta invisibilidade atinge a população rural como um todo, tantas vezes negada, relegada, como se o meio rural tivesse deixado de existir e os seus habitantes tivessem se diluído completamente no modo de vida urbano”. (WANDERLEY, 2013, p. 37)

Diante da realidade já mencionada, onde o campo aparece como espaço de disputa e tensões, tendo a educação como um meio de intervir no mundo sendo, portanto, ideológica, que se apresenta como prática social cabe aqui indagar: os estudantes que vivenciam as práticas educativas, especialmente as do SERTA, têm suas singularidades respeitadas?

Para Silva (2009, p. 24):

“A compreensão dos significados da escola para os/as jovens do meio rural - especialmente no que se refere à relação com o saber - perpassa o conhecimento dos espaços de vivência e aprendizado extra escolares, numa perspectiva em que o diálogo e o respeito por suas condições de vida passam a ser fundantes”. (SILVA, 2009, p. 24).

Diante dessa realidade que se apresenta aos sujeitos do campo, para que a integração com o ambiente escolar aconteça é necessário que a escola apresente algo que ressignifique sua presença no espaço escolar, que acompanhe e respeite suas singularidades, para que ele consiga estabelecer um sentido de estar ali e que se sinta parte do processo educacional, sem precisar se desvincular de suas raízes e “aceitar” a cultura urbanocêntrica imposta e difundida na escola. Caso contrário, ele vai se desestimulando pelas dificuldades impostas por essa situação, ao longo da sua vida escolar. Sabe-se que muito já se avançou decorrente das lutas e conquistas dos movimentos sociais e dos povos do campo, mas muito ainda precisa ser investigado e compreendido.

Nesta perspectiva é importante nos questionarmos a respeito dos povos que vivem no campo: territórios, papéis, significados, raízes, história. Uma grande preocupação refere-se a modelos de construção de conhecimentos mais adequados para que esses sujeitos possam desenvolver suas potencialidades e construir seus projetos de vida. A educação ofertada a eles precisaria levar em consideração o impacto das novas tecnologias, dos novos costumes, das novas concepções de mundo, sem desconsiderar suas raízes, sua cultura, sua história, sua identidade.

A escola precisa estar atenta a essas diferenças, respeitando os sujeitos que ali estão inseridos, compreendendo que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, têm gêneros, raças e etnias diversas e que necessitam de uma educação que liberta. Cada sujeito vai se formando, individual e coletivamente, na relação de pertencimento à terra e nas formas de organização mais humana e solidária, portanto a educação do campo deve atender a essas expectativas e necessidades. Ela precisa romper com esse modelo de escola que temos que não valoriza os saberes e a cultura dos povos do campo, enaltecendo os saberes e as experiências vivenciadas nas áreas urbanas.

Moura (2015, p.104), um dos fundadores do SERTA, tem uma visão sobre o campo que nos diz:

“o campo hoje é diversificado, multifacetado, multifuncional, multidimensional”, portanto, é necessário, que a educação esteja atenta a essa diversidade e que “quanto mais reconhecimento das identidades, melhor, mais sustentável e verdadeiro é o desenvolvimento”. (MOURA, 2015, p.104),

De algum modo, essa voz social que o autor contempla em seu discurso, permeia as práticas sociais e educativas que investigamos. Nossa pesquisa focalizou de que maneira, em que sentido e em que direção essas atividades pedagógicas que são conduzidas no dia a dia do SERTA contribuem para a construção dos Projetos de vida dos estudantes.

2.1 RESIGNIFICANDO O PARADIGMA DA EDUCAÇÃO RURAL

A luta pela transformação do paradigma “Educação Rural” em “Educação do Campo” é relativamente recente, tendo como referência fundamental a I Conferência Nacional “Por uma Educação Básica do Campo”, realizada em Luziânia (GO), de 23 a 27 de julho 1998 e organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Fundo Internacional de Emergência para a Infância das Nações Unidas (UNICEF) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Podemos encontrar um histórico bem documentado dessa luta travada pela transformação desse paradigma em vários artigos, como Souza (2008) ou Silva (2006), e nas teses de Molina (2003) e de Freitas (2007).

Na ocasião foi discutido o termo Educação do Campo, apesar de que o uso da terminologia “campo”, em contraposição à “rural”, só foi acordado a partir do “Seminário Nacional por uma Educação do Campo: políticas públicas e identidade política e pedagógica das escolas do campo” realizado na Universidade de Brasília, no período de 26 a 29 de novembro de 2002, onde foram discutidas várias questões relativas ao campo.

Participaram do Seminário Nacional por uma Educação do Campo 25 estados sendo representados pelas seguintes entidades: MPA, MST, MAB, ANMTR, PJR, CPT, FEAB, CONTAG, UNEFAB, CIMI, universidades e ONGs que trabalham com Educação do Campo, secretarias municipais e estaduais de educação e o INCRA. A partir das discussões travadas ficou decidido que o termo “Por uma Educação Básica do Campo” passaria, a partir de então, a ser denominada “Por uma Educação do Campo” por considerarem que a luta por uma educação do

campo deveria incluir o Ensino Superior, para além da “Educação Básica do Campo” já existente.

O que é notório destacar é que essa transformação vai em direção às vozes das populações que vivem no campo, anunciando, como diz Caldart (2004), um movimento que, mais do que o direito de ser educado no lugar onde se vive, defende o direito a uma educação pensada a partir desse lugar e com sua participação, vinculada à cultura e às necessidades humanas e sociais da população do campo.

Fernandes (2008) destaca que a luta por uma Educação do Campo nasce das experiências camponesas de resistência em seus territórios, em reação à precariedade da educação ofertada e difundida no meio rural brasileiro. Essa luta surge da crítica à educação ofertada a esses povos que é pensada em si mesma, afastada da realidade e da complexidade da vida dos trabalhadores e dos filhos dos trabalhadores do campo. Os estudos apresentados não dizem respeito apenas à diferença entre a educação ofertada aos povos do campo em relação à educação oferecida à cidade, mas também impulsionam os sujeitos do campo a lutarem pelos direitos sociais e pela construção da Educação do Campo e para o Campo, além disso, encorajam-nos a lutarem pela igualdade de direitos e pela conquista da cidadania. Para Caldart (2012, p.257):

“A Educação do Campo nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas”. (CALDART, 2012, p. 257, grifos do autor).

Na discussão acerca das concepções de Educação Rural e de Educação do Campo na luta travada pelos movimentos sociais, na superação epistemológica dos paradigmas hegemônicos que expressam concepções conservadoras e impositivas de mundo e de ser humano, percebemos que a forma como o conhecimento é construído e como tais concepções são impostas, interferem diretamente no controle do processo educativo e na formação integral do ser humano.

Segundo Moura (2015, p. 27):

“Para pensar a Educação do Campo (EC), é necessário perceber não só o que a cultura dominante determinou para o campo brasileiro, como o que a filosofia, as concepções explicam, interpretam o campo, seu papel, sua história, seus cenários futuros, o papel de seus protagonistas no passado e no presente globalizado. Na interpretação, nos significados que se tem sobre o campo é que estão os equívocos da educação que se realizou até agora” (MOURA, 2015, p. 27)

O modelo de educação destinado aos povos do campo não respeita as tradições, os costumes, a cultura, as crenças desses povos, e assim distancia-se do seu modo de ser e se solidifica em bases que não fortalecem a sua cultura, uma vez que negam seus espaços enquanto espaços de vida, vendo-os apenas como espaços de produção, inviabilizando, invisibilizando e percebendo os camponeses apenas como sujeitos desta produção. Este modelo de educação é fundamentado nos ideais do capitalismo que negligencia o desenvolvimento humano e desrespeita os povos do campo nas suas singularidades.

As discussões sobre os paradigmas da Educação Rural e da Educação do Campo apresentam diferenças substanciais quando se referem à educação destinada aos povos que vivem no campo, principalmente, quando essas propostas são analisadas à luz de uma educação pautada na igualdade de direitos. O que percebemos é que na Educação Rural não há preocupação com a valorização do ser humano, que vise a uma aprendizagem crítica, em uma perspectiva da emancipação camponesa, que respeite esses sujeitos enquanto atores sociais.

Essas diferenças paradigmáticas têm gerado lutas dos povos do campo, luta de resistência e também de afirmação, de rompimento e de construção, para superar os princípios da Educação Rural e para construir uma Educação do Campo e para o Campo que respeite os povos do campo numa perspectiva emancipatória.

Para que essas diferenças sejam superadas é preciso que a educação trabalhe com propostas educativas diferenciadas, que busque uma análise mais profunda das diferentes concepções teórico-metodológicas que envolvem esta discussão e que, portanto, apresente um modelo de educação que respeite e valorize os saberes e as experiências desses sujeitos para que suas vozes não sejam silenciadas.

É a partir desse novo modelo de educação que a diferença entre Escola Rural e Escola do Campo torna-se perceptível e necessária, pois, até então, o paradigma educacional vigente não as diferenciava: a Educação Rural era

predominantemente vista como algo que atendia a uma classe da população que vivia em um atraso tecnológico, subordinado e à serviço da população urbana.

Com a implantação do conceito “Educação do Campo”, ocorre uma inclusão e uma conseqüente valorização dos povos que vivem na área rural, oferecendo-lhes oportunidades de participarem, através de suas experiências, de programas produtivos, atuando na sociedade de forma igualitária, estabelecendo uma relação harmoniosa entre produção, terra e seres humanos, com relações sociais democráticas e solidárias.

Para Arroyo, Caldart e Molina (2004), essa visão do campo como espaço de vida, com suas particularidades e que é também um campo de possibilidades da relação dos seres humanos com a produção das condições de sua existência social, conduz a Educação do Campo a um patamar de reflexões sobre um novo projeto de desenvolvimento e sobre o papel do campo neste projeto. Por outro lado, tem como meta fortalecer a identidade e a autonomia dos povos do campo e ajudar o povo brasileiro a compreender que não deve haver uma hierarquia, mas uma complementaridade: uma vez que a cidade não vive sem campo e o campo não vive sem a cidade.

Neste contexto, não basta, apenas, criar propostas educacionais que atendam exclusivamente à população do campo, é preciso que haja uma preocupação com suas características históricas e culturais; é preciso criar políticas públicas que atendam aos povos do campo de forma diferenciada no que diz respeito à educação ofertada a esses povos, sem que sofram mudanças e/ou precisem acompanhar a visão urbana necessária, mas não exclusiva.

A dominação ideológica de uma classe se constrói a partir da educação como instrumento de poder. A Educação Rural se constitui em um mecanismo de subordinação e de alienação, bem como de propagação desse poder, enquanto, na Educação do Campo, a referência está no protagonismo dos camponeses, na conscientização do ser humano e na sua formação integral, rompendo com as ideologias hegemônicas, que insistem em invisibilizar os povos que vivem na e da terra, uma educação que visa à emancipação social por meio das lutas contra hegemônicas, que vislumbram uma educação libertadora.

Ao analisarmos as concepções de Fernandes, Cerioli e Caldart (2009), quando utilizaram a expressão campo em vez de rural, percebemos que os mesmos

estavam refletindo sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais desses grupos. Uma escola do campo seria, portanto:

“Aquele que trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população” (FERNANDES, CERIOLI, CALDART, 2004, p.53).

A Educação do Campo, segundo os autores acima citados, refere-se ao conjunto dos trabalhadores camponeses, aos seus interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico, atendendo às suas diferenças históricas e culturais, negadas e silenciadas no decorrer da história, em especial no âmbito educativo, quando é ofertado um modelo de educação descontextualizado, desrespeitando, assim, os povos do campo, sem nenhuma articulação entre as diferenças que os identificam.

Para Fernandes e Molina (2004), a Educação Rural tem sua origem no pensamento latifundiário empresarial, tendo como finalidade o controle político sobre a terra e as pessoas que nela viviam. Essa educação não era pensada pelos povos do campo, a partir de seus contextos sociais, pois era elaborada sem a sua participação. A educação era projetada a partir da perspectiva de que o campo era visto apenas como espaço de produção e os sujeitos que nele viviam eram vistos apenas como meros produtores e não como protagonistas da sua história.

A educação ofertada aos povos do campo no decorrer da história, alvo dos interesses dos governantes, caracterizou-se como uma continuação da educação urbana, pensada a partir de um modelo desenvolvido em um contexto sociocultural, político, econômico e histórico que apresenta um currículo desarticulado com a cultura, os valores, os princípios, a sazonalidade, os conceitos e a realidade dessa população. Nessa perspectiva, ressaltamos que:

[...] historicamente, o conceito de educação rural esteve associado a uma educação precária, atrasada, com pouca qualidade e poucos recursos, tinha como pano de fundo um espaço rural visto como inferior, arcaico... projeta um território alienado porque propõe para os grupos sociais que vivem do trabalho da terra, um modelo de desenvolvimento que os expropria. (FERNANDES & MOLINA, 2004, p. 36).

Percebe-se que a Educação do Campo vem resistindo a toda essa visão, marcada pela ideologia dominante e, desta forma, vai apontando para a construção

de um novo paradigma, que seja pensado pelo homem do campo, partindo do princípio da diversidade sociocultural. De acordo com os autores, a Educação do Campo precisa ver o campo como espaço de vida e de resistência, rico e de muitas possibilidades, de desenvolvimento social, econômico e cultural, para que seus sujeitos busquem se afirmar como sujeitos de direito, que lutem por políticas públicas e por melhores condições de vida e por uma educação de qualidade.

As lutas sociais, bem como as reivindicações dos movimentos sociais do campo, expõem a urgência necessária de superação epistemológica da Educação Rural para Educação do Campo. Estas ideias permearam a discussão deste trabalho rumo à construção de referenciais teóricos e metodológicos para que afirmem a Educação do Campo como direito de todos os povos do campo e como fortalecimento e reconhecimento das diferenças entre os sujeitos.

Diante dessa necessidade, o trabalho de pesquisa aqui apresentado tentou compreender como a Educação do Campo, a partir de uma prática educativa específica, como a do SERTA pode contribuir para a construção dos projetos de vida de seus estudantes, bem como entender como uma educação que contemple as especificidades dos povos do campo pode favorecer a produção de significados e sentidos de pertencimento à terra entre os sujeitos e sua territorialidade⁴.

Entre as propostas que caminham na direção das diretrizes da Educação do Campo, sendo pautadas pelos ideais dos movimentos sociais, encontram-se metodologias como o PEADS, criado pelo SERTA, como um programa que representa uma inovação tecnológica e desta maneira tem se destacado como uma proposta contemporânea, capaz de contribuir para o enfrentamento de alguns dos grandes desafios que estão postos na luta por uma maior sociabilidade e justiça social.

Esta metodologia vivenciada pelo SERTA se enquadra nas diretrizes da Educação do Campo, pois incentiva os sujeitos do campo a pensarem e agirem por si próprios, assumindo sua condição de sujeitos protagonistas em relação à aprendizagem, ao trabalho e à cultura.

⁴ “Designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano” (SPOSITO, 2009, p. 11) O conceito de territorialidade será mais explorado durante a pesquisa, aprofundando-se a discussão sobre território e territorialidade, crucial para articulação com o projeto aqui apresentado.

2.2 A INSTITUIÇÃO SERTA

O Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), fundada em três de agosto de 1989 que vem formando gerações para o desenvolvimento sustentável do campo há mais de 28 anos.

Construiu ao longo da sua história um referencial técnico, pedagógico e político, dialogando com as diretrizes da educação formal, educação do campo, educação popular, agroecologia, permacultura e economia solidária. Essa capacidade interativa em que diferentes vozes sociais estão presentes permitiu ao SERTA criar um curso profissional, dentro das normas regimentais da educação formal, porém, com os valores e concepções da educação popular. Essa construção permitiu aos estudantes e seus familiares serem autores do processo de construção do conhecimento, fortalecendo sua identidade, permitindo buscar formas alternativas e viáveis para a transformação das circunstâncias locais na família, propriedade ou comunidade.

O SERTA instalou-se em Glória do Goitá, Zona da Mata de Pernambuco Em 1999. No ano seguinte, em 2000, formou a primeira turma de Agentes de Desenvolvimento Local (ADL).

O Curso Técnico de Nível Médio em Agroecologia, que tem como eixo tecnológico *Os Recursos Naturais*, é ofertado nas formas concomitante e subsequente, com duração de 18 meses, totalizando 1.400 horas, sendo 795 horas atividades no período de imersão do Tempo Escola (TE), 405 horas atividades do Tempo Comunidade (TC) e 200 horas de estágio curricular supervisionado, conforme Resolução CEE/PE Nº 2, de 02 de maio de 2016, tendo como proposta metodológica norteadora de suas ações o Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS). Busca oportunizar aos seus estudantes a possibilidade de crescimento pessoal, desenvolvimento de habilidades e a aquisição de conhecimentos sobre temas diversos em especial sobre a Agroecologia.

Em 2004, iniciou outra sede no Sertão, em Ibimirim. Em 2010, contava com nove projetos apoiados por ministérios, por uma grande empresa, por uma fundação privada de atuação internacional e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Sua abrangência se estende por dezenas de municípios de Pernambuco

e pelos estados vizinhos da Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte e de Sergipe, capacitando jovens como agentes da reforma agrária, prestando assistência técnica para ampliar a gestão da terra no combate à pobreza, estruturando postos de vendas e organizando feiras de agricultura orgânica. Orienta cerca de 70 escolas rurais comuns de 15 municípios para uma educação a partir da compreensão das crianças e jovens sobre suas potencialidades e da região como espaço de qualidade de vida, animando também o intercâmbio de expressões teatrais e musicais.

Nos seus primórdios, o SERTA realizava mutirões, que implicavam aproximar-se dos agricultores, reunir-se em suas casas e trabalhar em grupos. O SERTA, inicialmente foi constituído por um grupo de agricultores, técnicos, educadores e lideranças locais que iniciaram seus trabalhos desenvolvendo tecnologias alternativas e conhecimentos a serviço da vida no campo, considerando os elementos técnicos, pedagógicos e culturais para valorização dos saberes das famílias sobre agricultura e suas diversas formas de viver em harmonia com a natureza, voltados para a produtividade e o equilíbrio ambiental da agricultura familiar.

Este contato com os agricultores acentuou a percepção sobre a distância existente entre a escola formal e à realidade daquelas famílias. Uma figura central na liderança desse processo, desde o início, é Abdalaziz de Moura Xavier de Moraes, conhecido como Moura, um dos fundadores do SERTA e um dos principais formuladores do PEADS.

Suas duas sedes em Ibimirim e Glória do Goitá oferecem o Curso Técnico de Nível Médio em Agroecologia, cujo eixo tecnológico são os recursos naturais, formando profissionais habilitados para atuarem no âmbito pessoal, social, tecnológico e produtivo, em atividades de gestão, planejamento, assistência técnica e extensão rural.

Formalmente, sua missão é formar jovens, educadores e produtores para atuarem na transformação das circunstâncias econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas, na promoção do desenvolvimento sustentável, com foco no campo.

A Unidade de Ensino do Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA) situado no município de Glória do Goitá-PE, destina-se a estudantes das regiões de Pernambuco e demais estados da Federação.

Por atender a estudantes de regiões diferentes e distantes, optou em aplicar o Regime de Alternância, o mesmo usado pelos Centros de Formação das Casas Familiares Rurais e das Escolas Famílias Agrícolas. Esses Centros atualmente estão sendo um referencial para a Educação do Campo, sobretudo, para a Educação Profissional.

A metodologia da Pedagogia da Alternância que foi criada por camponeses da França em 1935, cuja intenção era evitar que os filhos gastassem a maior parte do dia no caminho de ida e volta para a escola ou que tivessem de ser enviados de vez para morar em centros urbanos, é adotada pelo SERTA por dialogar diretamente com os parâmetros da Educação do Campo, em que a voz da Pedagogia da Alternância é convocada ao diálogo e que implica em uma proposta usada em áreas rurais para mesclar períodos de internato na escola (Tempo Escola) com outros momentos vivenciados em casa, nas comunidades ou em organizações sócias. (Tempo Comunidade) e por possibilitar aos estudantes a prática do que é aprendido durante as atividades nos períodos de imersão e por oportunizar ações solidárias, seja na sua propriedade ou na comunidade em que está inserido.

A alternância no âmbito educativo permite aos estudantes alternarem períodos de formação no ambiente escolar e períodos de práticas, experiências e pesquisas no ambiente familiar e na comunidade, integrando família, escola e comunidade em um processo de formação contínuo.

No SERTA, durante 18 meses, em regime de alternância, os estudantes a cada mês ficam por uma semana nas unidades de ensino e por três semanas com a família e a comunidade, desenvolvendo pesquisas, leituras, escritas, mobilização social e tecnologias nas propriedades que residem ou compartilham, para que apliquem, sob o acompanhamento e orientação dos professores, a metodologia aprendida no dia a dia do curso.

O SERTA tem buscado na pedagogia da alternância elementos metodológicos que possam apresentar respostas para superar os desafios da educação do campo, na construção de uma escola que forme sujeitos protagonistas da sua história, que lutem pela vida, pela permanência e sobrevivência no campo a partir dos desafios e oportunidades que vão surgindo durante a trajetória do curso.

As aulas presenciais são desenvolvidas em sala ou fazendo uso de outros espaços pedagógicos ou de campo. Há um aproveitamento dos conhecimentos prévios dos estudantes, exposição dialogada, dinâmica de ambientação e

concentração, atividades de movimentação corporal, de comunicação e expressão, trabalho em grupo, leitura, debate, plenária, aprofundamento em plenária e construção de textos, avaliação e planejamento do tempo comunidade. Atividades práticas de pesquisa, de observação, assimilação e desenvoltura, produção de texto individual e coletivo e aplicação de conhecimento teórico e prático. O aprofundamento com ações de pesquisa, produção de texto, acompanhamento e intervenção na comunidade são organizados a partir dos conteúdos lecionados no tempo escola.

As disciplinas do Curso Técnico em Agroecologia acontecem de forma integrada e interdisciplinar, conforme os princípios e fundamentos do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS).

As disciplinas incluem as Práticas Agroecológicas que são atividades práticas de campo, construção de tecnologias, manejo do campo (animais, plantas, plantio, colheita), bioconstrução, manutenção do campo, mutirões e demais serviços práticos do campo.

Essas atividades são realizadas durante o horário escolar, alternando as aulas em sala e em outros espaços durante as práticas do tempo comunidade que envolvem diversas disciplinas, podendo ser orientadas por supervisores de campo, professores das disciplinas e monitores.

Em cada módulo desenvolvido no Curso Técnico, nas atividades de pesquisa e intervenção do Tempo Comunidade são priorizadas as seguintes dimensões: Dimensão da família e da propriedade; dimensão da comunidade local, associações e outros grupos; dimensão do município; dimensão do território e do Estado tidas como espaços de extensão e aplicabilidade das aprendizagens durante as atividades práticas dos estudantes.

O curso favorece o debate sobre a importância do conhecimento na transformação da realidade e reflete que é preciso conhecer a realidade, pois o conhecimento, por mais inovador, por mais transformador, sozinho não traz mudanças significativas. Defende que é preciso que haja um conhecimento profundo da cultura, dos valores, dos costumes, das crenças, para que se possa mexer e transformar a realidade existente.

Essa metodologia pretende organizar ações no dia a dia do curso, seja no espaço SERTA, seja nas atividades externas, que sempre busca através do diálogo e das interações transformar e conscientizar sobre a importância da Agroecologia

na vida das pessoas, sobre a importância de pensar o planeta, o cosmo e a agroecologia em conexão com todo o universo.

O Curso Técnico em Agroecologia traz uma ideia de educação que tem como fio condutor a Educação Popular e tem como centralidade o ser humano, que pensa a educação como oportunidade de libertação, fundamentando assim, a caminhada do SERTA. O curso pretende contribuir para a construção de projetos de vida de seus estudantes que buscam a transformação da realidade e a construção de uma sociedade mais justa e mais humana, com base nos princípios da Agroecologia e de uma vida mais sustentável.

2.2.1 Fundamentos Legais

O SERTA foi criado como uma Organização Não Governamental (ONG) e depois foi transformado em OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) e vem atuando sempre com os princípios, objetivos, conteúdos didáticos e projetos ligados à Educação Popular não formal, conseguiu interagir com a Educação Escolar formal pública e hoje é uma Instituição reconhecida e legitimada, respaldada juridicamente por um conjunto de leis, resoluções, decretos em nível federal e estadual. O SERTA é regulamentado por um conjunto de leis da Educação, da Educação Profissional, da Educação do Campo e das Leis que regulam o desenvolvimento do campo, como veremos a seguir:

1. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/ 1996.
2. Lei Federal nº 11.741/08 – Altera a LDB
3. Lei Federal nº 11.788/08 – sobre o Estágio Curricular;
4. Resolução CEB/CEB nº 06/2012 – Diretrizes Curriculares Nacional
5. Referências Curriculares Nacionais de Educação Profissional Arte e Cultura, Agropecuária, Lazer e Desenvolvimento Social.
6. Parecer CNE/CEB 36/2001 aprovando o relatório sobre a necessidade das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.
7. Resolução CNE/CEB Número 1, de 3 de abril de 2002 - Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.
8. Parecer CNE/CEB 1/2008, aprovado em 01/02/2006 sobre os dias letivos no Regime de Alternância.

9. Resolução CNE 02/2008 sobre as diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.
10. Parecer 11/2008 do CNE/CEB sobre a Criação do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio.
11. Decreto 7.352/2010 sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação nas Áreas de Reforma Agrária – PRONERA.
12. Resolução CNE 01/2012 sobre Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.
13. Resolução CNE 02/2012 define Diretrizes Nacionais para a Educação Ambiental.
14. Resolução CNE/CEB nº 4/2012 sobre a alteração na resolução CNE/CEB 3/2008 definindo a nova versão do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio.
15. RESOLUÇÃO CEE/PE Nº 1/2013, DE 08 DE ABRIL DE 2013
16. Estabelece normas e regula procedimentos correlatos à oferta de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, no âmbito do Sistema de Ensino do Estado de Pernambuco.
17. Lei 11.326 de 24/07/2006 – Define diretrizes para a Agricultura Familiar.
18. Lei 12.1888 de 11/01/2010 - Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária - PNATER e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária - PRONATER, altera a Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, e dá outras providências.
19. Lei 15.223 de 24/12/2013 institui a nível do Estado de Pernambuco a Política de ATER.
20. 14.922/2013 – Institui a Política Estadual de Pernambuco de Convivência com o Semiárido.

As ações desse curso visam contribuir com a formação de pessoas com iniciativas que contribuam para a transformação das circunstâncias sociais, culturais, políticas, ambientais e econômicas com foco no campo. O Curso também pretende atender às necessidades de fortalecimento da agricultura familiar no âmbito da economia solidária, mobilização social, organicidades da produção e da comunidade e visa apoiar a inserção aos mercados locais e institucionais,

dialogando com vozes que ressaltam a importância das temáticas estudadas no curso, que são fundamentadas filosoficamente, metodologicamente, pedagogicamente e tecnicamente para a promoção do bem viver e do desenvolvimento sustentável do campo.

3. PROJETOS DE VIDA

É fundamental refletirmos e entendermos que a juventude é responsável pela continuação das lutas e permanência dos camponeses nos espaços rurais, na perspectiva da construção e da consolidação do modo de vida camponês, resgatando e construindo meios de produção e de sobrevivência. A migração dos jovens camponeses, não é vista apenas como resultado de uma lógica da urbanização, mas o que se apresenta como possibilidade, como o local ideal para se viver. Também se propaga a ideia de que o campo é uma área atrasada, produzindo, assim, uma invisibilidade social para os jovens do campo, levando-os a acreditar que sair do campo é a única alternativa para “se dar bem na vida”, fundamentando assim suas escolhas e contribuindo para a descrença em relação ao campo, como espaço de vida, de possibilidades.

Como afirma Carneiro e Castro (2007, p.85):

“Os jovens oscilam entre o projeto de construir vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de “melhorarem o padrão de vida”, de “serem algo na vida”, e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas “sociedades tradicionais.” (CARNEIRO e CASTRO, 2007, p.85)

O surgimento de ideias e desejos, somados à necessidade de construir referências individuais, caracterizando o processo e a construção de uma nova identidade, leva os jovens a, na maioria das vezes, optarem por abandonar o campo, como possibilidade de terem melhores condições de vida,

Para Velho (1994, p.46):

“Os projetos individuais sempre interagem com outros projetos dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. Sua pertinência e relevância serão definidas contextualmente. No caso de uma jovem de quinze anos isso pode aparecer de um modo mais dramático na medida em que se caracteriza uma aparente ruptura comum a escala de valores

anterior que a englobaria através da família. Mas efetivamente, esse mencionado jogo de papéis se realiza acompanhando a emergência de um projeto pessoal de alguma singularidade”. (VELHO, 1994, p.46).

Segundo o autor, os projetos se realizam em um processo estreito de negociação com os significados que envolvem a realidade, apresenta potencial de transformação que é caracterizado pela troca cultural e social intensa entre os indivíduos.

Desta forma, os projetos de vida são marcados pelas contingências do tempo histórico, pelas características pessoais e pelos valores que orientam uma sociedade ou um grupo social. E são também diretamente influenciados pelo “campo de possibilidades” (Velho, 2003), ou seja, dependem do contexto socioeconômico e da cultura concreta na qual cada sujeito se encontra inserido e que possibilita a realização de experiências e a concretização de seus projetos de vida.

Para Ribeiro (2004), o projeto de vida se constituiria pelas possibilidades de relação dialética entre o projeto do sujeito (vinculado a sua possibilidade de existir no mundo) e o projeto de mundo (que sobredetermina qualquer projeto singular), numa relação de transformação contínua na qual sujeito e mundo modificam e são modificados a todo o momento através da dialetização de sua relação.

Charlot (2000, p 43, apud Perondi, p. 102) lembra ainda que:

“A essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim fora, em uma posição excêntrica, no mundo das relações sociais. Trata-se da outra face da condição humana a ser desenvolvida: a sua natureza social. Dizer que a essência humana é antes de tudo social é o mesmo que afirmar que o homem se constitui na relação com o outro”. (CHARLOTE, 2000, p. 43)

O desejo subjetivo e as circunstâncias objetivas não são os únicos fatores que possibilitam a construção de projetos de vida dos sujeitos, mas, as relações entre o sujeito e o mundo social que, como construções intersubjetivas e interpessoais, permitem ao indivíduo organizar seu projeto de vida no espaço comum e partilhado das representações sociais.

O percurso da vida de cada um de nós é marcado por começos, continuidades, descontinuidades, interrupções e recomeços, fazendo com que cada sujeito trace suas trajetórias singulares, pois cada ser humano responde e age diante dessas situações vivenciadas de maneira diferente, construindo percursos e identidades diferentes e a partir das inter-relações com o outro social e com o meio em que vive vai ressignificando seus projetos de vida.

A singularidade do momento vivido por cada um é marcada por flutuações, reversibilidades, verdadeiros movimentos de idas e vindas, que são também fruto de estruturas sociais cada vez mais fluidas presentes na sociedade atual.

Bauman (1997) acredita que a modernidade líquida é marcada pelo individualismo, onde os laços humanos se dão em rede e desta forma vão se tornando cada vez mais frágeis diante da facilidade de se conectarem e desconectarem, minando, assim, os relacionamentos que passam a ser chamados de conexões, o que faz com que cada um se sinta solitário mesmo estando em meio a uma multidão.

Em se tratando de povos campestres, essa realidade também é percebida, uma vez que esses sujeitos estão em contato permanente com outros sujeitos, seja da área rural ou urbana, através das redes sociais tão presentes em nossos dias.

Para Bauman (2005) as principais características da pós-modernidade ou modernidade líquida são desapego, provisoriedade e um processo acelerado da individualização; de um lado a sensação de liberdade, do outro lado se sentem inseguros, despreparados, aparentando uma falta de compromisso real e medo do amor tanto quanto da morte. Desta forma, o espaço e o tempo são movidos pelas mudanças constantes que desorganizam o que está pronto, fazendo surgir, assim, novas formas de relação entre as pessoas e entre as pessoas e o mundo ao seu redor. Essa crise está presente na sociedade como um todo, com mais intensidade nas grandes cidades, no entanto, o meio rural, apesar de não conter a concentração populacional que encontramos na área urbana, recebe influência da cidade e desta forma alguns comportamentos ganham espaço e uso no meio rural e modificam as relações do homem com o meio ambiente e do homem com o outro social. Assim, os povos do campo, acabam cultivando novos valores, adquirindo novas posturas que materializam o pensamento líquido, tão característico dos dias atuais.

Segundo Bauman (1997), a liquidez da sociedade se dá pela sua incapacidade de tomar forma fixa, ela se transforma diariamente, toma as formas que o mercado a obriga a tomar e não propicia a elaboração de projetos de vida.

Trata-se então, ao se pensar em projetos de vida, de um processo que está intimamente ligado à construção da identidade do sujeito que, segundo Dayrell (1999), é um processo de aprendizagem que implica o amadurecimento da capacidade de integrar o passado, o presente e o futuro, articulando a unidade e a continuidade de uma biografia individual. Entretanto, lembramos que o indivíduo

constrói sua identidade de forma processual e autônoma, a partir das referências socioculturais e do campo de possibilidades, e não como algo dado e definitivo. Ou seja:

“A identidade é uma construção que cada um de nós vai fazendo por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros, a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais, de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo” (DAYRELL e GOMES, 2004, p.10).

O fato de que os sujeitos elaboram projetos de futuro em sua trajetória de vida não os determina apenas como um “vir a ser”, como um ser de pouco valor, medido, apenas, pelo sucesso esperado. Na verdade, a juventude tem um valor presente, significativo para os sujeitos e para a sociedade, pois se configura como uma vivência dinâmica, em processo de construção rumo ao futuro, com escolhas que constroem identidades, caracterizando assim a “condição juvenil”.

Assim, para Furlani e Bomfim (2013, p.123), “[...] problematizar a temática do projeto de vida na juventude, possibilitando uma prática de reflexividade, é um modo de preparar o sujeito para o futuro, reconstruindo seu passado e estando comprometido com seu presente”.

Neste sentido, devemos chamar a atenção para a não homogeneidade da construção de projetos de vida, pois, algumas vezes, os projetos de pais e filhos são diferentes e os possíveis projetos que a família pensa para seu filho podem ser diferentes daquilo que o sujeito projeta para si mesmo. Isso acontece, especialmente, devido às diferenças de contexto, geração e também trajetórias, mesmo que, de maneira geral, exista o apoio da família, que é muito importante na escolha de permanecer ou deixar o campo, por exemplo, ou nas escolhas que esses sujeitos farão ao longo da vida.

Segundo Oliveira Jr. e Prado (2013, p. 57):

“[...] a criação de melhores condições econômicas junto à terra tem sido apontada como reversão do processo migratório juvenil, pois permitiria a realização de projetos de vida no campo como opção legítima e passível de ser vivida”. (OLIVEIRA Jr. e PRADO, 2013, p. 57).

As motivações, que nos instigam a compreender essas escolhas, vêm a partir da preocupação que temos quando observamos a realidade em que estes sujeitos estão inseridos e que os leva a grandes desafios, uma vez que, diversos elementos podem contribuir e influenciar na construção de seus projetos de vida. A presente discussão busca compreender os elementos que estão ligados à viabilidade social,

econômica e cultural dos sujeitos que vivem, em especial, no campo, com o objetivo de nos aproximarmos das necessidades desses povos e compreendermos suas motivações na escolha e na construção de seus projetos de vida.

3.1 PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL EM VIGOTSKI

Com base em uma perspectiva histórico-cultural pode-se afirmar que a formação do sujeito humano é marcada pelas condições históricas de sua existência. Isso, por sua vez, está diretamente ligado às noções de aprendizagem e desenvolvimento que atravessam tal posicionamento e que implica em uma visão do ser humano enquanto ser histórico, social e cultural, ou seja, o biológico transforma-se em cultural. (PERES; BARBOSA, 2017, p. 85).

Para Vigotski, é pela relação interpessoal que o sujeito se constitui enquanto ser social, cultural e histórico. Oliveira (1993) endossa que “a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo” (OLIVEIRA, 1993, p. 38). Ou seja, o ser humano se apropria de uma determinada cultura através da interação social com os outros sujeitos e essa interação social é mediada pela linguagem e pelas relações dialógicas que se estabelecem a partir dessas inter-relações.

Constata-se que o desenvolvimento humano sob uma abordagem histórico-cultural (VIGOTSKI, 2000) oferece elementos para se pensar a condição e situação social dos jovens e as mediações semióticas, em um mundo de linguagem, que constituem subjetividades, identidades e incidem na integralidade do sujeito, nos âmbitos físico, socioafetivo e cognitivo, em que essas interações o afetam. Nessa matriz psicológica, os outros sociais constituem os sujeitos, que se apropriam de modos de ser e mediatizam suas relações com o mundo.

Nos territórios rurais, os sujeitos de campo vivem imersos em contextos carregados de significado, dos quais irão se apropriar, mais ou menos, dependendo das interações sociais que vivenciam, A escola passa a ter uma dimensão social fundamental ao propiciar uma mediação entre os significados cotidianos e suas possíveis relações de sentido com novos significados, produzidos culturalmente e acessíveis pela mediação de professores, metodologias e vivências nesses espaços institucionais.

Os conceitos de ZDP (Zona de Desenvolvimento proximal), mediação e internalização de Vigotski figuram, assim, como muito importantes para compreendermos a dinâmica social que se estabelece nas relações humanas, bem como as vozes sociais e suas relações com os projetos de vida dos estudantes que experienciam as atividades pedagógicas proporcionadas em instâncias educacionais como o SERTA.

Para Furlani e Bomfim (2013, p. 117):

“Tendo como base a Psicologia histórico-cultural encaramos o homem como aquele que constrói e é construído pela história, assim como, no decorrer de sua vida, afeta e é afetado por condições externas a ele num movimento dialético das dimensões objetivas e subjetivas”. (FURLANI e BOMFIM, 2013, p. 117)

O desenvolvimento humano não pode ser visto, apenas, como consequência de fatores biológicos inatos, mas que esse biológico transforma-se na relação dialética com o mundo objetivado, ou seja, as interações são a base para que o indivíduo consiga compreender, por meio das mediações e da internalização, os significados estabilizados historicamente nas práticas de seu grupo social e assim possa se desenvolver e construir sentido para projetos de vida possíveis.

O processo de constituição psíquica do ser humano, o qual conota seu próprio desenvolvimento subjetivo, é “sempre e necessariamente [...] um processo socioeducativo” (PERES; BARBOSA, 2017, p. 86). Conforme ressaltou Vigotski (1991, p. 56), desenvolvimento e aprendizado “tem sempre uma história prévia [...] [e] [...] estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”.

Na mesma matriz de pensamento, Leontiev (1978) argumenta que:

[...] no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes [...] Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. “É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana”. (LEONTIEV, 1978, p. 267)

O sujeito não nasceria, portanto, dotado das aptidões e habilidades históricas da humanidade, uma vez que não há aptidões e características especificamente humanas que tenham sido transmitidas por hereditariedade biológica; todas foram adquiridas, conquistadas e criadas nas interações sociais em contextos históricos específicos. A internalização e apropriação, aprofundadas por Vigotski nas discussões sobre ZDP, no jogo interativo entre sujeitos de diferentes níveis de

conhecimento, em uma cultura, favorece o desenvolvimento iminente de funções que se encontram em processo, como brotos, até se tornarem frutos.

Segundo Leontiev (1978), que amplia as discussões Vigotskianas sobre interação social e desenvolvimento, no conceito de atividade:

“Pela sua atividade, os homens não fazem, senão, adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte”. (LEONTIEV, 1978, p. 265)

Podemos pensar, portanto, os seres humanos, como seres em construção, dotados de liberdade, soberania e autonomia, em que os fatores sociais e culturais interferem direta e indiretamente na construção de suas identidades e os distinguem uns dos outros, tendo a linguagem, como mediadora das relações sociais, constitutiva dos sujeitos.

Segundo Perondi (2017, p. 102),

“É na relação com os outros e na participação em diversos âmbitos da vida social que os jovens constroem identidades”. Esse pensamento nos leva a refletir sobre a necessidade do estabelecimento de laços entre os sujeitos nas relações sociais e interpessoais, durante todo o processo de desenvolvimento humano. (PERONDI, 2017, p. 102).

Atividades socialmente construídas pelos humanos em sua historicidade passam, tanto quanto os significados, a mediar suas relações com a natureza. A percepção humana, uma vez mediada por significados típicos de contextos urbanos, favorece e limita o olhar do sujeito do campo para sua realidade. Neste sentido, também, pode-se falar de uma invisibilização dos territórios rurais para seus sujeitos do campo, uma vez que os significados aprendidos pela mediação das escolas frisam, eminentemente, significados sem sentido para os povos do campo.

É importante que se especifique, nesta discussão, que a psicologia histórico-cultural trata por “significados” as formas de mediação mais estabilizadas em signos, símbolos, como palavras e modos de ser com o mundo, enquanto os “sentidos” dessas mediações requerem uma relação com a vida e o cotidiano dos sujeitos. O que parece acontecer nas escolas do campo, que fazem com que seus

espaços não favoreçam a construção de um sentido de pertencimento à terra e aos territórios, é uma ênfase em significados que não dialogam com o cotidiano dos sujeitos, dificultando uma apropriação, logo tornando-se “sem sentido” para sua vida no campo.

As concepções que percebem o sujeito enquanto um ser socialmente constituído, a partir das relações que estabelece com o outro e com o meio em que está inserido, é compartilhada tanto pelos estudos histórico-culturais de Vigotski, Leontiev e seu grupo, quanto com o círculo de Bakhtin. Este trabalho de pesquisa parte dessas concepções teórico-metodológicas, historicamente construídas, para lançar luzes sobre os sujeitos que permeiam os espaços da instituição SERTA, a dialogicidade que é constituída a partir das interações entre esses sujeitos e o meio ambiente e a construção de seus projetos de vida.

Diante deste contexto, queremos investigar como a proposta metodológica do SERTA (PEADS) pode contribuir para a construção de projetos de vida dos estudantes a partir dos enunciados destes sujeitos que vivenciam as atividades propostas pela metodologia e filosofia trabalhadas no dia a dia da Instituição, considerando o contexto histórico-cultural e as vozes sociais que permeiam os espaços em que esses sujeitos estão inseridos.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, trataremos da metodologia adotada para o desenvolvimento de nossa pesquisa, os objetivos e questões de pesquisa, os sujeitos da pesquisa, o espaço de realização da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e as categorias de análise.

Do método dialógico bakhtiniano

Em relação à metodologia utilizada para a construção e análise dos dados, inserimos a nossa pesquisa no paradigma das pesquisas em Ciências Humanas, de cunho sócio-histórico. Para essa perspectiva, o pesquisador, na interação com os sujeitos, constrói o campo de pesquisa. O que se busca com essa abordagem é realizar uma análise construída no encontro dos diferentes enunciados produzidos, através das vozes dos sujeitos e das tensões que são provenientes dessas interações e que precisam ser compreendidas e ressignificadas. O próprio pesquisador dialoga com os enunciados, com os quais, estabelece elos em uma cadeia comunicativa ininterrupta.

Com a propagação do pensamento bakhtiniano, alguns pesquisadores brasileiros têm utilizado suas considerações nas pesquisas. Segundo Bakhtin, seu objeto é o “*ser expressivo e falante*” (BAKHTIN, [1974/1979] 2003 p. 395) [ênfase do autor]. Nessa perspectiva, compreendemos que “ser expressivo” na visão bakhtiniana advém daquele sujeito que, na interação com o outro, produz enunciados carregados de vozes sociais, onde o dialogismo se faz presente através desses discursos produzidos a partir dessas interações e que não são apenas seus, uma vez que nascem na fronteira com o outro, iluminando e sendo iluminados por milhares de vozes que permeiam um determinado momento e um contexto sócio-histórico em que diversas atividades são vivenciadas. Nessa orientação, o objeto de estudo das ciências humanas é, também, o texto; ou os enunciados, que permitem capturarmos as relações dialógicas em um todo acabado, com bordas que esperam o complemento de um outro, expresso em palavras, símbolos, ou outras formas de expressão.

De acordo com Bakhtin (1959-1961/1976)

Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos a resposta. Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado (BAKHTIN, [1959-1961/1976] 2003, p. 319).

Nesse sentido, ao participarmos das vivências que foram observadas no momento imersivo da pesquisa, constituímos-nos parte dela, fornecendo-nos elementos mediadores para analisar os aspectos documentais e os enunciados dos estudantes, nos outros momentos. Buscamos manter, ao mesmo tempo, um excedente de visão (BAKHTIN, 1920-1923) que irá nos possibilitar o encontro com o outro. Assim, não podemos nos prender em somente descrever as situações que se apresentam para nós, mas identificar as possíveis relações dialógicas que vão se constituindo através das interações. Como salienta Freitas (2003):

Trata-se, pois, de focalizar um acontecimento nas suas mais essenciais e possíveis relações. Quanto mais relevante é a relação que se consegue colher em uma descrição, tanto mais se torna possível a aproximação da essência do objeto, através de uma compreensão das suas qualidades e das regras que governam as suas leis. Quanto mais se preserva em uma análise as riquezas das suas qualidades, tanto mais é possível a aproximação das leis internas que determinam sua existência. De fato, só ao colher os traços mais importantes e depois aqueles mais secundários, identificando suas possíveis consequências, é que começam a emergir claras as relações que os ligam entre si. O objetivo da observação se enriquece assim de uma rede de relações relevantes (FREITAS *apud* FREITAS, 2003 p. 33).

A ADD defende que toda palavra é permeada por duas faces distintas, ou seja, é estruturada a partir do processo de interação entre locutor e ouvinte no processo interacional.

Segundo Barros (2003, p. 2), “O dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário, no espaço do texto”, Ou seja, o dialogismo é visto como espaço interacional, onde o sujeito perde o papel central e passa a ser substituído por diferentes vozes sociais que o fazem um sujeito histórico e ideológico. Desta forma, “o sujeito deixa de ser o centro da interlocução que passa a estar não mais no *eu* nem no *tu*, mas no espaço criado entre ambos, ou seja, no texto” (BARROS, 2003, p. 03, grifos do autor).

Seguindo, assim, os princípios do círculo bakhtiniano, como diz Bakhtin/Volochínov (2004),

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.113, grifos do autor).

Na ADD o signo deixa de ter um caráter predominantemente linguístico, como em algumas abordagens da linguística e passa a ser analisado a partir de uma instância ideológica, fundamentada na perspectiva bakhtiniana. Isso implica uma carga de vozes sociais que se implicam ideologicamente no signo linguístico, passando este a ter que ser interpretado como enunciado.

A linguagem, a partir da abordagem dialógica, não pode ser compreendida fora do contexto social, pois o enunciado, como unidade concreta da interação verbal, traz em sua constituição, características de cada situação de enunciação em que é construído e onde circula, pois, configura-se como um elo numa cadeia constitutiva de outros enunciados. Sendo assim, compreende-se o enunciado como um signo carregado de teor ideológico, que é produzido de forma única em cada interação, sendo ele mesmo um elo, ou uma resposta a outros enunciados, sempre em uma cadeia ininterrupta.

Esta compreensão de linguagem advinda do círculo de Bakhtin foi importante para pensarmos que a língua não se reduz a um sistema estático, padronizado, fechado, mas que se materializa em vozes sociais que se constroem, se cruzam, em diferentes dialetos, expressões de gerações familiares, ou seja, a língua não é parada, está sempre em movimento, numa cadeia discursiva. Daí a importância de compreensões que partam do discurso na construção da vida social e cultural dos sujeitos, através dos enunciados produzidos dialogicamente e das interações que se estabelecem, nos diversos momentos e espaços da sua história.

Tendo como base os estudos de Bakhtin, constata-se que o sentido de uma palavra é construído a partir de um momento histórico que levará à compreensão do enunciado, ou seja, a significação da palavra, tendo em vista que um mesmo enunciado, em momentos históricos diferentes, permitirá sentidos diferenciados. Para Bakhtin, a transformação dos sentidos de uma palavra está diretamente ligada às transformações sociais e históricas, assim, os significados das palavras se constroem e se transformam historicamente ao longo do tempo.

Deste modo, o enunciado é construído em um espaço de tensão entre as experiências pessoais e as vivências coletivas. Enunciar, nesta perspectiva, é, portanto, assumir determinadas vozes discursivas e, ao mesmo tempo, recusar outras vozes que também ressoam no enunciado. A linguagem, neste aspecto, torna-se uma prática social, construída e compartilhada historicamente; uma entidade concreta e viva de signos ideológicos, que assume um conceito não “linear”, aquele que não está “pronto”, “acabado”, pois se constitui “em relação ao outro social”, devido a sua natureza dialógica que nos permite uma constante construção e reconstrução dos discursos. A enunciação se organiza nas relações dialógicas que são construídas no meio social em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos.

Para Bakhtin/Volochinov (2004):

“Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 31, grifo do autor).

A Teoria Dialógica do Discurso tem-se mostrado rica no desenvolvimento de várias noções que se referem ao estudo da linguagem e essa orientação pode ser observada na dimensão com que se dedica ao funcionamento da língua. Embora seu objeto de estudo tenha sido, sobretudo a linguagem, a abrangência dessa teoria ultrapassa qualquer noção limitada dos estudos da língua e configura-se como uma dimensão filosófica no trato do objeto de reflexão.

A palavra, de maneira dialógica, é ponto de partida para a compreensão da interação entre a linguagem e os sujeitos, para o estudo das leis da refração ideológica existente em signos e na consciência. Isso porque possui pureza semiótica, espaço para preenchimento de ideologias menos estabilizadas, cotidianas: ela está na comunicação humana, da mais simples a mais complexa, tem caráter de interiorização e acompanha todo ato consciente, permitindo assim que se possa criar e estabelecer laços entre os sujeitos.

Segundo Bakhtin/Volochinov (2004):

“As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p.41, grifo do autor).

Na perspectiva dialógica, sugerida por Bakhtin (2004), torna-se importante relembrar que os estudos da linguagem não têm um fim absoluto, mas são torneados conforme o surgimento dos discursos e, conseqüentemente, estes nos instigam a novas questões. Para Faraco (2003, p. 25) “Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto”.

A linguagem, assim como outras noções tratadas por Bakhtin (2004), está presente em várias situações e não se limita à “língua” ou à “linguagem” apenas, pois, não encontramos nos estudos do Círculo bakhtiniano, uma noção, como a de língua e linguagem, desenvolvida “linearmente” sem um movimento dialógico que exija atitudes responsivas do leitor, ou seja, gestos de respostas em um movimento de aproximação e/ou distanciamento entre o que apreendemos e o que é apreendido. É importante corroborarmos com Renfrew (2017, p. 13), ao afirmar que Bakhtin “foi, sem dúvida, o pensador mais impressionantemente produtivo nas Ciências Humanas a emergir na Rússia soviética e um dos mais significativos teóricos da literatura no século XX” (RENFREW, 2017, p. 13).

Segundo Brait (2003, p. 24)

“Ao definir as relações dialógicas como relações de sentido entre todas as classes de enunciados da comunicação discursiva, Bakhtin aponta as várias formas de dialogismo, de polifonia, de intertextualidade que configuram a natureza própria do discurso”. (BRAIT 2003, p. 24)

Partindo do pressuposto bakhtiniano, que é o diálogo entre diferentes instâncias enunciativas que dá sustentação à interação verbal, analisaremos as diferentes marcas dialógicas presentes no espaço da Instituição SERTA, as quais foram evidenciadas nas observações e nos enunciados dos estudantes, bem como na Proposta metodológica (PEADS) e no Projeto Político Pedagógico (PPP).

Neste trabalho de pesquisa, a análise do jogo de vozes presente nos enunciados dos estudantes, suas relações com as vivências e práticas pedagógicas da instituição em estudo, fundamentarão os resultados sobre a presença de múltiplas vozes que dialogam entre si. A relação dessas vozes com o contexto enunciativo em que estão inseridas possibilitará uma maior compreensão acerca dos jogos dialógicos que respaldam os projetos de vida dos estudantes e a proposta metodológica do SERTA.

Nosso trabalho de pesquisa partiu da observação, da análise dos documentos e dos enunciados produzidos pelos participantes que vivenciam as atividades

propostas pelo SERTA, buscando captar os sentidos construídos nas relações dialógicas entre os sujeitos. Desta forma, vale ressaltar que a teoria bakhtiniana nos permitiu considerar essas relações numa perspectiva discursiva e dialógica.

Os dados foram analisados com base no jogo dialógico em que a própria pesquisadora é parte da cadeia ininterrupta, ligada pelos elos, os enunciados. Enunciados são entidades carregadas de um todo de sentido, que guardam um acabamento e esperam o complemento de outros. São proferidos por sujeitos que possuem historicidade, logo carregados de posições autorais, com uma carga de valor ideológico que dialoga com algumas vozes sociais.

Essa visão foi importante para apreendemos as vozes que compõem as práticas nas vivências, nos espaços do SERTA (durante o momento de Imersão), e também na leitura dos documentos oficiais que focalizamos neste estudo (momento Documental). Para os enunciados emitidos pelos participantes no momento Enunciativo, quando na resposta ao questionário, buscamos apreender as categorias dialógicas, agrupando os enunciados conforme a rede dialógica possibilitada, ou as vozes sociais com as quais mais fortemente se depreendia o sentido do mesmo, em meio à questão.

É importante enfatizar que a pesquisadora, respaldada pela perspectiva histórico-cultural, por sua história de vida e pelas discussões sobre educação do campo que mediatizam e fundamentam esta pesquisa, também está em uma posição autoral específica ao analisar os dados, contribuindo com a cadeia dialógica e com o jogo de vozes, circunscrita por sua própria condição de existência.

Foi de fundamental importância analisar, nos discursos que permeiam os espaços do SERTA, as vozes presentes e suas cargas ideológicas que se manifestaram através dos enunciados dos participantes que vivenciam tais atividades, uma vez que a dialogicidade está em movimento, e só poderá ser construída em uma relação de participação e interação entre os estudantes, a instituição, a família, a comunidade e os territórios a que pertencem ou estão interligados.

Dos Participantes

Participaram da pesquisa os estudantes do Curso Técnico em Agroecologia da Instituição SERTA do ano 2019, que dividem este espaço social e coletivo em um

determinado momento histórico. A perspectiva histórico cultural foi considerada fundamental para a compreensão das interações entre os sujeitos e a construção dos sentidos produzidos dessas inter-relações em que o dialogismo pode ser analisado em dois aspectos: primeiramente, observando a interação verbal que se estabelece entre os sujeitos e em seguida, a produção de sentidos no interior de cada discurso produzido a partir dessas vivências.

Para Diana Luz (2003, p. 2) “Ignorar a natureza dos discursos é o mesmo, para a autora, que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida” Nesta perspectiva, segundo Bakhtin, o dialogismo seria, portanto, o princípio que constitui a linguagem e, por conseguinte, dá sentido ao discurso.

Sendo assim, já partimos do pressuposto de que os estudantes, participantes da pesquisa, são coconstrutores e coautores de seus Projetos de Vida que vão sendo (re) significados no decorrer do Curso Técnico em Agroecologia a partir dos diversos enunciados que são produzidos dialogando com diversas vozes sociais que se apresentam na trajetória de estudos no SERTA.

Os sujeitos de nossa pesquisa foram estudantes das turmas A, B, C, D do Curso Técnico em Agroecologia da Instituição SERTA, no ano de 2019.

Participaram desta pesquisa 60 estudantes representando as quatro turmas do Curso Técnico, sendo 33 do sexo feminino, 26 do sexo masculino e 1 outro.

A faixa etária dos participantes concentra-se entre 18 e 63 anos. Os estudantes são de várias cidades do estado de Pernambuco e também da Paraíba, do Rio Grande do Norte e Alagoas.

Dos dados e objetivos

A construção dos dados foi feita de maneira triangular, através da observação das vivências no espaço da instituição SERTA, do acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) e à Proposta Metodológica (PEADS), e da aplicação de um questionário *on-line* com os estudantes participantes, para que pudéssemos ter uma maior compreensão acerca das relações dialógicas estabelecidas entre os sujeitos e da importância da metodologia PEADS vivenciada no SERTA e suas implicações na construção dos Projetos de vida dos estudantes.

Como já apresentado na introdução, a pesquisa apresenta como objetivo geral e objetivos específicos:

Objetivo geral

- Compreender as contribuições da proposta metodológica do SERTA para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes, considerando-se o jogo dialógico presente nos enunciados dos sujeitos, a partir das interações possibilitadas por este espaço formativo.

Objetivos Específicos

- Analisar os processos educativos possibilitados pelo SERTA e a produção de significados e sentidos de pertencimento à terra entre os estudantes;
- Caracterizar a rede dialógica presente nas atividades vivenciadas pelos estudantes do SERTA em relação aos seus projetos de vida.

Apresentaremos a seguir o contexto da pesquisa e descrição dos sujeitos. Ao final, discorreremos sobre a metodologia a ser utilizada na análise dos dados.

4.1 CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Nossa pesquisa se alicerçou em uma abordagem quanti-qualitativa. Embora sabendo que as pesquisas qualitativas e quantitativas comumente são estudadas separadamente, de algum modo elas podem convergir e se complementar, tratando-se muito mais de um continuum do que de polos estanques. Esse tipo de abordagem na pesquisa pode nos conduzir a um cruzamento de dados maior, e, conseqüentemente, o valor da pesquisa tende a crescer juntamente com a validação das informações coletadas.

Para Spratt; Walker; Robison:

Combinar métodos qualitativos e quantitativos parece uma boa ideia. Utilizar múltiplas abordagens pode contribuir mutuamente para as potencialidades de cada uma delas, além de suprir as deficiências de cada uma. Isto proporcionaria também respostas mais abrangentes às questões de pesquisa, indo além das limitações de uma única abordagem (SPRATT; WALKER; ROBISON, 2004, p. 6)

Para a pesquisa educacional, a utilização de dados quanti-qualitativos possibilita uma apreensão mais profunda do caráter complexo e multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, estabelecendo relação mais ampla com o contexto sociocultural. A preocupação com o entendimento dos contextos em que os sujeitos estão inseridos, especialmente as singularidades das ações e interações dialógicas, é o que nos motiva a frequentar e acompanhar as atividades realizadas nestes locais de estudo e de interação humana.

Essa dimensão interpretativa da pesquisa quanti-qualitativa nos possibilitou conhecer os significados que os sujeitos atribuem aos fenômenos que marcam sua condição de ser e estar no mundo e das transformações pessoais e interpessoais que acontecem a partir das inter-relações entre estes sujeitos com o meio em que vivem e com o outro social, seja no espaço da instituição SERTA, na sua família, ou na sua comunidade.

Este trabalho de pesquisa teve o ambiente educacional do SERTA localizado no município de Glória do Goitá, como seu espaço para construção de dados, com o objetivo de compreender as contribuições da proposta metodológica do SERTA para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes por proporcionar uma inter-relação entre o ambiente institucional, os sujeitos participantes da pesquisa e a situação que está sendo investigada, nos possibilitando evidenciar regularidades nas práticas sociais que se estabelecem nos vários enunciados que se unem nas cadeias comunicativas do SERTA.

Compreender o dialogismo presente nos discursos dos participantes da pesquisa, em que diferentes vozes são confrontadas a partir dos enunciados entre os sujeitos, na relação entre o eu e o outro é uma ação que recairá mais pormenorizadamente sobre o terceiro momento da pesquisa (iii. Enunciativo), por meio da captura das diferentes vozes que permeiam o espaço do SERTA, estabilizadas nos enunciados dos estudantes, que estão interligadas em uma cadeia interdiscursiva, uma vez que todo discurso retrata um processo heterogêneo.

Ou seja, nossa pesquisa teve um caráter triangular na construção de dados, em que os questionários *on-line* na plataforma do *Google forms* (iii. Momento enunciativo) aconteceram após um processo mais amplo de caracterização do espaço e da metodologia proposta, adquiridos por meio de observações das vivências (i. Momento imersivo), cujo foco de análises foram as interações e o jogo dialógico presente entre os sujeitos; e de uma compreensão das vozes que se estabilizam nos documentos do SERTA (ii. Momento documental), com o objetivo de analisar a proposta metodológica (PEADS) e suas implicações na construção de projetos de vida dos estudantes.

Para tanto, foram analisadas as possíveis tensões entre vozes sociais presentes nos enunciados dos sujeitos que vivenciam as atividades e as experiências vividas no espaço físico da Instituição e fora dele e entre a teoria e a prática

pedagógica que fundamentam essas vivências, bem como das relações dialógicas entre os sujeitos.

Os dois primeiros “momentos da pesquisa” (i e ii) estão interligados e muitas vezes ocorreram simultaneamente, não havendo uma ordem linear, mas havendo uma triangulação de tais momentos, que favoreceu a compreensão do jogo de vozes durante o processo do momento enunciativo (iii).

Caracterização dos momentos da pesquisa

O primeiro momento foi de *Imersão* nesse espaço educativo, através de observações, com uso de cadernos de notas orientados como diários de campo e registros de imagens e interação com os estudantes. Este período corresponde ao período de abril a novembro de 2019, sendo alternado entre as 4 turmas do Curso Técnico em Agroecologia, em que a pesquisadora acompanhou as referidas turmas no SERTA nas diversas atividades que foram realizadas dentro desse espaço de tempo. No segundo mês de imersão da pesquisadora no SERTA, através de contato com alguns estudantes, a mesma conseguiu fazer parte de um grupo de *WhatsApp* das turmas C e D. Isso favoreceu muito tanto as suas observações quanto a interação com os estudantes. O SERTA, por dialogar diretamente com os parâmetros da Educação do Campo, utiliza a Pedagogia da Alternância por pretender um maior diálogo entre os estudantes e a comunidade, por se adequar melhor como proposta a ser usada em áreas rurais que mesclam períodos de imersão na escola (Tempo Escola) com outros momentos vivenciados em casa, nas comunidades ou em alguma organização social (Tempo Comunidade) e ainda por possibilitar aos estudantes a prática do que é aprendido durante as aulas e as atividades vivenciadas nos períodos de imersão, visando, assim, as ações solidárias e transformadoras seja na sua propriedade ou na comunidade em que está inserido.

Durante o período de imersão, os alunos passam a semana inteira na Instituição realizando tarefas, participando de debates, aulas expositivas, trabalhos em grupos, atividades nos SAFs (Sistemas Agro florestal), e desta forma, a pesquisadora pode acompanhar alguns desses momentos que possibilitaram suas observações e foram bastante pertinentes aos objetivos da pesquisa.

As notas no caderno de campo das vivências e práticas pedagógicas do dia a dia da Instituição foram fundamentais para compreender a relação dialógica entre

essas práticas e os enunciados dos estudantes que impactam na construção dos seus projetos de vida, caracterizando o jogo de vozes que perpassa esse espaço educativo. Para Bechker (1972) a utilização da técnica de observação pode ser considerada uma solução para o estudo de fenômenos complexos quando se pretende realizar análises para se obter uma maior compreensão do objeto que está sendo investigado.

Em um segundo momento, que chamamos *Documental*, tivemos acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) e ao documento do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) que rege a proposta metodológica da instituição e que foram analisados, à luz da teoria dialógica discursiva bakhtiniana, as vozes presentes nos enunciados textuais que compõem tais documentos e que implicações essas vozes trazem para a construção dos projetos de vida dos estudantes, que vivenciam as atividades dessa instituição. A análise dos documentos permitiu caracterizar os pressupostos teóricos e metodológicos no Projeto Político-Pedagógico do Curso Técnico em Agroecologia da Instituição SERTA e o jogo de vozes que permeia seus enunciados, em direção aos projetos de vida dos estudantes.

Os questionários *online* compõem o terceiro momento da pesquisa, que tratamos como *Enunciativo*, pois os enunciados dos estudantes são o foco deste momento. Os participantes puderam acessar o questionário através de um *link* da plataforma do *Google Forms* e responder às perguntas, contribuindo, assim, com a pesquisa em foco. Este momento nos proporcionou um acesso ao que pensam e dizem os sujeitos entrevistados sobre o SERTA e suas próprias ações, para compreender o dialogismo presente nos enunciados dos estudantes, considerando-se a carga ideológica que esses enunciados trazem. O uso dos questionários *on line* com os sujeitos da pesquisa foi de vital importância para a combinação com os outros instrumentos utilizados na construção dos dados.

É importante enfatizar que o processo de fazer pesquisa é, em si, dialógico, e os dados são como elos na cadeia comunicativa, que recebem o complemento do olhar da pesquisadora. De modo responsivo, o qual implica respostas carregadas de valores morais e éticos, porque todos os atos humanos assim se manifestam, o rigor metodológico é uma parte importante para o acabamento do trabalho de análise, mas há algo de uma ordem dialógica que é intermitente, ininterrupta, como um fio mais amplo ligando os enunciados.

5. ANÁLISE E RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da análise dos dados, construída na triangulação entre as observações e registros de quando a pesquisadora esteve imersa no contexto de ação, nas práticas no espaço do SERTA, vivenciando atividades com os estudantes; os documentos que regem tais práticas; e os questionários *on line*, elaborados com base nos momentos anteriores, pontos principais para a compreensão do jogo de vozes que se verifica na relação entre a metodologia vivenciada no SERTA e a construção dos projetos de vida dos estudantes.

A análise dos dados foi fundamental para sinalizar algumas especificidades quanto à interação entre os estudantes, participantes da pesquisa, e a importância das interações sociais no SERTA para construção dos Projetos de Vida dos sujeitos que vivenciam este espaço educativo.

Como explicitamos no capítulo anterior, os dados, que foram construídos ao longo dos três momentos da pesquisa, *Imersivo*, *Documental* e *Enunciativo* e que serão apresentados nas seções abaixo, tiveram como base a Análise Dialógica do Discurso (ADD) que defende que todo enunciado tem uma carga ideológica e, portanto, é permeado por vozes que o constituem na interação social.

5.1 PRIMEIRO MOMENTO: IMERSIVO

O SERTA trabalha com a pedagogia da alternância e tem buscado elementos metodológicos para que, sejam através das atividades realizadas no Tempo Escola ou no Tempo Comunidade, possam apresentar respostas para superar os desafios da educação do campo, na construção de uma escola que forme sujeitos protagonistas da sua história, que lutem pela vida, pela permanência e sobrevivência no campo a partir dos desafios e oportunidades que vão surgindo durante a trajetória do curso.

As observações da pesquisadora foram feitas no espaço físico da Instituição SERTA e se deram em alguns momentos nos períodos de imersão do Tempo Escola (TE), tanto das turmas A e B quanto das turmas C e D respectivamente.

Assim, as aulas presenciais que foram desenvolvidas em sala de aula ou em outros espaços pedagógicos dentro do espaço físico da Instituição SERTA (TE) serviram de base para as suas observações, anotações, interação com os estudantes, bem como alguns registros através de fotos.

Em abril foi feito o primeiro contato com a coordenadora do Curso e secretária do SERTA e na ocasião foi entregue o ofício solicitando a liberação da pesquisadora para as visitas e imersões. Nesta ocasião foi disponibilizado para a pesquisadora o calendário mensal com as datas das imersões para o ano de 2019.

Durante as imersões do Tempo Escola foram observadas várias atividades realizadas pelos estudantes em que a pesquisadora esteve presente, acompanhado os grupos enquanto realizavam tais atividades ou estavam em algumas aulas e debates que ocorreram nesses momentos e que serão relatados e analisados a seguir.

1. RELATO DA PESQUISADORA - MAIO - 2019

Em maio, a imersão da pesquisadora aconteceu nos dias 08 (turmas A e B) e 28 (turmas C e D). Na ocasião, as atividades foram iniciadas com um café da manhã, servido às 7h e em seguida os alunos se dirigiram para o auditório onde foi vivenciada uma dinâmica de bom dia e acolhimento chamada dinâmica do abraço.

No dia 08 de maio, participaram desta dinâmica as turmas A e B e tiveram como mediador o professor S. C. A mesma atividade foi vivenciada pelas turmas C e D no dia 28 de maio.

O terceiro momento da manhã foi de informes para o grande grupo e em seguida houve um debate com um convidado representando um grupo chamado *Papo de homem* que usou o espaço da Instituição para uma discussão sobre a temática *Masculinidades*. Os estudantes também utilizam a semana de imersão para se encontrarem uma noite e debater temas referentes ao contexto, à masculinidade e feminilidade, sendo um grupo coletivo dos homens e um grupo coletivo das mulheres.

A partir da exposição do tema e da apresentação de um documentário chamado *O Silêncio dos Homens*, houve um debate entre o fundador e representante do grupo *Papo de homem* e os estudantes sobre transformação das masculinidades, envolvendo uma discussão sobre a importância da participação dos homens em debates e eventos para um maior equilíbrio emocional, através de rodas de conversa; debates sobre o respeito às mulheres; estudo sobre machismo na sociedade; igualdade de gênero, papel de homem, papel de mulher, entre outros.

Em seguida foi aberta uma discussão a partir da pergunta motivadora: *O que seria o machismo?* Houve uma participação coletiva dos alunos falando o que

acham do machismo. Muitos enunciados dialogavam com vozes que definem o machismo como um sistema cultural baseado na crença de que o homem tudo pode.

A discussão também foi direcionada à temática feminismo, levantada por algumas mulheres presentes, sobre pensar o feminismo no plural, movimento em defesa da equidade entre os gêneros. Houve unanimidade em algumas falas em defender a importância de se conversar sobre essa temática, pois a transformação do homem é uma conversa necessária, assim como a violência contra as mulheres.

A discussão também levou a alguns questionamentos em relação ao machismo. A pergunta: *O que está acontecendo com os homens?* levou a alguns depoimentos como: medo de falar sobre seus medos e sentimentos profundos com os amigos e familiares; silêncio constante entre os homens sobre esses sentimentos;

Foi discutido na ocasião o termo A “caixa do homem” que é um padrão de comportamento esperado pela sociedade: ser hétero; trabalhador; corajoso; provedor; forte; no controle; pronto para transar e que não se reflete sobre as consequências desses comportamentos. Isso leva os homens a se suicidarem em um nível quatro vezes a mais que as mulheres, segundo o documentário apresentado e que logo em seguida foi, principalmente pelas mulheres da plateia, questionado sobre o número alarmante de feminicídio que há no Brasil e no mundo e que não foi falado no vídeo e nem discutido pelo grupo que conduzia o debate. Em seguida, foi justificado, pelo convidado que não se tratava de ignorar os números referentes ao feminicídio, mas que no momento viam a importância de debater sobre o machismo e suas consequências na sociedade e a necessidade de abrir espaços para o diálogo sobre esta temática com os homens.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ MAIO – RECORTE ANALÍTICO 1-1

Como pesquisadora, dialogando com tudo o que foi vivenciado neste encontro, alguns dados chamam atenção, para mim, como por exemplo, que a faixa etária mais atingida no número de suicídio entre os homens é entre 15 a 30 anos e que 96,3% da população carcerária são homens. Esses dados foram apresentados no documentário: O Silêncio dos Homens e levaram a uma discussão sobre a importância de falar com os homens sobre afeto, paternidade, exposição ao sofrimento das mulheres, acesso a espaços seguros de acolhimento, exaustão, infelicidade profissional, espiritualidade, choque: sofrimento profundo, rupturas e

crises que levam aos dados acima apresentados, bem como a outros problemas relacionados ao machismo.

Ademais, a passagem acima chama atenção para o fato de que o espaço SERTA promove momentos de discussão, crescimento pessoal, troca de experiência, reflexão de temas que ajudam na transformação individual e social, que extrapolam as temáticas ligadas ao Curso Técnico em Agroecologia, especificamente. Entende-se que as discussões sobre machismo e feminismo, como temáticas caras à Agroecologia, podem promover um olhar dos/das estudantes para o que ocorre em suas próprias casas e territórios.

Algumas mulheres, mães, chamaram atenção no momento do debate para a educação que é ofertada às crianças, principalmente do sexo masculino e que leva ao machismo e a acreditar que estar dentro dos padrões exigidos pela sociedade é o mais correto, inclusive as mães se perceberam educando os meninos de forma diferente das meninas.

Percebe-se que estes momentos de discussão e diálogo proporcionados pelo SERTA levam a uma visibilização do cotidiano, ao explorar significados de um tema transversal que pode se refletir de modo diverso nos vários territórios dos estudantes, em discussões que façam sentido para os sujeitos no SERTA e que proporcionem uma maior compreensão sobre temas diversos e necessários à transformação individual e coletiva desses sujeitos.

Depois do intervalo da manhã no dia 08 de maio as turmas A e B foram divididas em grupos e cada estudante fez a sua avaliação da primeira semana de aula vivida pelos estudantes em todos os espaços, dando sugestões, fazendo críticas, levantando pontos negativos e positivos e apresentando propostas, a partir de uma ficha temática: *ACORDO DE CONVIVÊNCIA* organizada pelo SERTA e entregue pelo professor R. que mediou a atividade.

A ficha temática cujo tema gerador foi: *Convivência durante o Curso Técnico em Agroecologia* foi discutida e respondida individualmente e em grupo com o objetivo de apresentar propostas para o acordo de convivência a ser vivenciado durante todo o curso.

Os pontos mais importantes destacados na avaliação individual e nos grupos foram apresentados em plenária em forma de paródia musical, poema, apresentação musical, cartazes, entre outros.

As sugestões mais destacadas foram cooperação, respeito ao outro, paciência, respeito à diversidade, partilha, cuidado com o outro, empatia, dinamismo, desconstrução dos preconceitos, compartilhar saberes, o exercício do diálogo, alteridade, união de potências, solidariedade, tolerância, coletividade, autocrítica, autoconhecimento, respeito aos espaços coletivos.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ MAIO – RECORTE ANALÍTICO 1-2

Há uma aparente preocupação de todos os que compõem a Instituição SERTA, no que tange à metodologia trabalhada no dia a dia do Curso Técnico em Agroecologia e à formação integral dos sujeitos que compartilham as atividades deste espaço educativo em favorecer o diálogo, a partilha de saberes diversos e a participação de todos nos diversos momentos, seja do TE ou do TC. O cuidado com o outro, o respeito, a cooperação são alguns elementos presentes que norteiam as ações do SERTA e dialogam com a metodologia PEADS.

A atividade vivenciada acima mostra a preocupação dos professores, equipe gestora e estudantes em construir coletivamente um acordo de convivência para que todos se sintam corresponsáveis em todas as decisões tomadas e protagonistas da sua história. Para que possam conviver de forma harmoniosa em todos os espaços dentro e fora da instituição.

O acordo de convivência que tem o objetivo de trazer sugestões, fazer críticas, levantar pontos negativos e positivos e apresentar propostas para a convivência entre os sujeitos que compartilham o espaço SERTA ajuda a tornar a convivência mais harmoniosa, pois possibilita o diálogo e o respeito pelo outro no espaço coletivo.

O SERTA tem buscado, através do diálogo e da partilha de conhecimentos e saberes, interagir com os estudantes e construir um processo educativo com base em uma metodologia não linear, participativa e dinâmica, em que busca construir coletivamente uma nova maneira de viver em sociedade, baseada nos princípios da agroecologia e da diversidade, dividindo responsabilidades e criando espaços para a partilha e o respeito entre todos.

2. RELATO DA PESQUISADORA - JUNHO

Em junho, a imersão das turmas C e D aconteceu na semana de 16 a 21 de junho, ficando a pesquisadora imersa entre os dias 19 e 21.

No dia 19 de junho, pela manhã, após o café, as turmas foram divididas em duas salas, a turma D ficou com o professor R. a turma C com o Professor M., ficando a pesquisadora na turma C.

A discussão foi iniciada pelo professor M. a partir de uma pergunta motivadora “*O que significa Filosofia pra você*”, em que vários estudantes se pronunciaram dando início ao debate que teve como base teórica a indicação da leitura da introdução do Livro: *Uma filosofia da educação do campo que faz a diferença para o campo* (MOURA, 2015) das páginas 11 a 16 e das páginas 65 a 70 com o capítulo *Concepção de mundo e das relações entre pessoa e natureza*.

O professor M. abriu a discussão fazendo uma reflexão sobre a importância da filosofia na vida de cada um e mostrando que o SERTA tem o objetivo de trazer essa discussão para perto dos estudantes, trazendo a ideia de que todos são filósofos, uma vez que cada pessoa orienta sua vida pelo significado que ela dá ao seu dia a dia, à sua história. Toda pessoa associa a sua vida a um conjunto de significados. Para M. quando agimos adotamos um conjunto de valores e crenças que temos a respeito do mundo, da cosmologia, da cosmovisão, da estética, fazendo uma interpretação da nossa existência e da finalidade de estarmos no mundo. Desta forma, nossa maneira de ser e viver é uma percepção filosófica que temos e fazemos na nossa vida. Existe uma ligação entre a filosofia e a vida, pois somos filósofos e temos uma ideologia. Durante a discussão houve o questionamento de um estudante sobre: *Quem seria de fato o filósofo? Aquele que reflete? Quem não reflete não é filósofo?* Em seguida o professor continuou a conversa alegando que a filosofia é uma condição permanente do ser, mas que a sabedoria popular, por exemplo, não é reconhecida como ciência tradicional. Esse pensamento dialoga com a visão do SERTA que defende que pra ser cientista, pra ser ciência, pra ter suas escolhas, você não precisa da certificação da ciência.

Para finalizar a discussão tivemos a fala do professor M. trazendo a ideia de que somos capazes de refletir e decidir, pois filosofamos a cada momento da vida. Isso, segundo ele, é muito importante ao SERTA, quando cobramos uma mudança de vida, quando há uma mudança nas atitudes dos estudantes que passam pelo

SERTA, quando os estudantes não só valorizam os conhecimentos técnicos, mas reconhecem que os conhecimentos têm uma lógica diferente, tem momentos diferentes e que não existem conhecimentos que são ou não importantes.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JUNHO – RECORTE ANALÍTICO 2-1

O currículo do SERTA contempla uma discussão sobre filosofia, pois têm conhecimentos técnicos, profissionais, além de conhecimentos práticos, intuitivos místicos, uma vez que valoriza, reconhece que esses conhecimentos são importantes, pois dialogam com vozes do movimento agroecológico que apontam a agroecologia como um movimento que vem fazendo um grande reconhecimento dos saberes diversos (indígenas, negros, quilombolas, conhecimento popular).

Esse pensamento sobre a importância da Agroecologia dialoga com a visão bakhtiniana que defende que todo signo é ideológico e que é construído nas inter-relações sociais. Para M., a “ciência” da Agroecologia está provando que a ciência por si só não resolve nossos problemas e que a ciência positivista precisa estar associada a uma ética.

A discussão sobre Filosofia e Agroecologia é fundamental e norteia as ações do SERTA, uma vez que favorece a compreensão e apreensão de conceitos e práticas sustentáveis para a transformação da vida dos estudantes e da comunidade e contribui para a construção de seus Projetos de Vida.

É importante mencionar que M., professor que ministrou a aula na turma escolhida pela pesquisadora (Turma C), é o autor da metodologia PEADS, que é adotada pelo SERTA. A escolha da pesquisadora para ficar nesta sala tem relação com este conhecimento em relação ao professor, orientando assim sua escolha. Há relações dialógicas que motivam esta escolha, como a pressuposição de alcances discursivos que poderiam ser possibilitados em uma aula com a presença autoral deste sujeito M. É importante salientar que a turma D também participou da mesma discussão em um outro momento.

O PEADS, que fundamenta as ações pedagógicas realizadas nas imersões do Tempo Escola (TE) ou nas atividades do Tempo Comunidade (TC), dialoga com as diversas realidades apresentadas pelos estudantes e contribui para algumas escolhas que estes farão ao longo do Curso.

É importante salientar que essas discussões têm ajudado os estudantes a refletirem sobre a importância da filosofia e da Agroecologia na formação individual e coletiva e tem ajudado a perceberem uma nova forma de ver e estar no mundo e entenderem como essas mudanças podem afetar direta ou indiretamente suas escolhas.

Após a conversa inicial com o professor M. na manhã do dia 19 de junho, alguns grupos foram organizados para a leitura e reflexão das páginas sugeridas para o debate para que em seguida pudessem compartilhar o resultado das discussões com o grande grupo.

Os grupos formados se dirigiram para espaços diversos dentro da instituição e puderam ler e refletir sobre as leituras propostas. A pesquisadora pode acompanhar a discussão de dois grupos:

O grupo 1 – percebemos que nós somos formados em uma visão competitiva e que precisamos entrar em uma visão diferente com mais respeito ao outro, à natureza. A ciência é fragmentada, a cientificidade nos leva a nos afastar da natureza. Precisamos mudar nossa visão de mundo, entender que somos parte dessa natureza. Essa cosmovisão é cultural. Não vê a natureza como um espaço de vida é cultural e foi trazida pela ciência positivista. Esse pensamento dialoga com vozes que apontam a importância das ciências sociais e a importância de refletirmos sobre o nosso papel de agente transformador dessa realidade.

O grupo 2 – trouxe um relato de experiência, mostrando a necessidade de mudarmos nossa maneira de ver e manejar o solo, de maneira sustentável, sem agrotóxicos, a necessidade de criar alternativas, como um banco de sementes, por exemplo, a importância da partilha de conhecimentos e experiências para o crescimento pessoal e coletivo e para a construção de um mundo melhor e de uma vida mais sustentável.

Após o debate, no final da manhã, os grupos em plenária, foram compartilhando o resultado das discussões e das reflexões feitas, apresentando os seguintes resultados:

- As práticas sociais e individuais estão ligadas a concepções ideológicas e culturais.
- As concepções são deslocadas trazendo consequências trágicas e violentas contra a natureza.

- Dominação – o ser humano é dominador. Existe uma grande diferença entre o homem como agente transformador e como aquele que apenas explora a terra.
- Precisamos ter a consciência de que essa ideia de dominador foi trazida pra nós, que não é natural e podemos escolher um meio mais humanizado de lidar com a natureza.
- Precisamos ter a consciência da necessidade de preservação do bioma, existe o homem que vê a terra como aliada e aqueles que veem somente como fonte de exploração.
- O homem subjugou a natureza, percebe a natureza como inferior e pensa só na exploração material que trará mais lucro para ele.
- Ideia de desconexão com a natureza: o homem dentro e fora esquecendo que fazemos parte dela.
- Que história é contada para nós? Quem somos nós? A nossa história é invisibilizada.
- É ideologia achar que para se libertar do opressor é preciso ser opressor, precisamos fazer uma leitura histórica muito profunda.
- Qual a relação do texto lido com a agroecologia? Nos leva a refletir que os saberes diversos, as experiências são acolhidas pela agroecologia. A academia é fechada em um pensamento construtivista, mas nossas vozes dialogam com pensamentos que vem romper com esses paradigmas dominantes, com esse modelo de educação urbanocêntrico que não vê o campo como espaço de vida e saberes, impondo um modelo de educação, sem respeitar a realidade do campo.
- Fechamento de escolas do campo, muito prejuízo para o campo.
- A competitividade exagerada entre os grupos, não existe cooperação e sim a predominância de uma cultura urbanocêntrica em detrimento da cultural existente aqui no Brasil, como por exemplo, a cultura afro brasileira e indígena. Em vez disso existe uma competitividade que visa ao lucro, não um sistema de cooperação.
- Reflexão sobre o momento atual de retrocesso. Tínhamos avançado nas questões agrárias, demarcação de terras indígenas, e hoje vemos a liberação de agrotóxicos e todas as conquistas sendo ameaçadas.

- A ideia de dominação homem x mulher é histórica, não é natural, pois foi construída historicamente e pode ser reconstruída.
- A Agroecologia alimenta nossas tendências de solidariedade e reconstrução.

Após as discussões apresentadas em plenária houve alguns depoimentos de estudantes:

- ✓ “Fiz o plantio de banana comprida sem uso de agrotóxico na minha propriedade e o meu vizinho fez com uso de agrotóxico. O mesmo resultado foi obtido”.
- ✓ “Sempre gostei da agricultura e achava que estava trabalhando corretamente com a terra, mas na primeira semana de aula no SERTA, minha concepção mudou e agora quero ir mais além”.
- ✓ “Achava que tinha a prática e me perguntava: *pra que a teoria?* Mas descobri que sem o teórico erramos na prática muitas vezes”.
- ✓ “Mudou meu jeito de agir, não uso mais veneno e cuido melhor da terra, ou seja, o SERTA mudou a minha visão de mundo, a minha maneira de agir no mundo”.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JUNHO – RECORTE ANALÍTICO 2-2

Os tópicos elencados acima são parte das notas de campo da pesquisadora, refletindo e refratando, de certo modo, tudo o que foi vivenciado. Percebe-se que há uma preocupação por parte da Instituição em abrir espaços para o diálogo, aproveitar os conhecimentos prévios dos estudantes, oportunizar a interação através de dinâmicas de ambientação e concentração, atividades de movimentação corporal, de comunicação e expressão, trabalho em grupo, leituras, debates, plenárias, aprofundamento em plenária e construção de textos, propostas, avaliação e planejamento de atividades, seja no tempo Escola ou no Tempo Comunidade, reflexão sobre temas diversos que fortaleçam os laços, que protagonizem os sujeitos, ações que dialogam com as propostas de uma Educação voltada à realidade campesina e que de alguma forma contribuem para a transformação da realidade e para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes.

As discussões nos grupos alertam para a necessidade de uma maior compreensão do homem em relação à natureza, bem como uma necessidade de uma

maior aproximação com os conceitos e com práticas agroecológicas para uma vida mais próxima à natureza e mais sustentável.

À tarde, após o intervalo do almoço, as turmas C e D retornaram ao auditório onde os estudantes foram divididos em equipes para a realização de algumas atividades e trabalho de campo.

Os grupos foram organizados de acordo com o interesse e afinidade de cada estudante, seguindo cada equipe para o local indicado com um monitor responsável.

As equipes formadas foram:

1. Cozinha – oficina da canjica
2. Oficina – produção de sabão
3. SAF – adubação e plantio
4. SAF – canteiros para plantio de biomassa
5. SAF- hortaliças
6. SAF – replantio de feijão e macaxeira
7. Construção de banheiro seco
8. Saúde – práticas complementares

A pesquisadora acompanhou o grupo da oficina - produção de sabão que teve como monitora uma aluna do curso. A oficina teve o objetivo de compartilhar e produzir uma receita de produção de sabão caseiro sem hidróxido de sódio, feito com óleo de cozinha usado e qualificado, alcançando um PH mais natural, menor que 7,0. O grupo ouviu o passo a passo da produção de sabão e em seguida começaram os processos de preparação do mesmo.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JUNHO – RECORTE ANALÍTICO 2-3

A metodologia PEADS, além de favorecer o diálogo de saberes e a troca experiências diversas também contempla durante as imersões do TE e as ações no TC, atividades práticas em que os estudantes podem a partir da teoria aprendida durante o curso, construir novos saberes, praticar novas técnicas, desenvolver o trabalho em equipe, planejar atividades para o TC, além de favorecer um maior entrosamento entre os estudantes e contribuir para o planejamento de algumas atividades futuras que dialogam com seus projetos de vida.

O SERTA através dessas práticas valoriza os estudantes, desperta neles a autoestima, o protagonismo, respeita seus saberes, auxilia nas práticas que precisam ser melhoradas, compartilhadas e valoriza seus conhecimentos para que sejam levados em conta no dia a dia do curso, como pode ser percebido nas expressões dos estudantes e no impacto em mim mesma, como pesquisadora.

À noite, após o jantar os alunos ficaram livres para conversar em grupos ou duplas, nas dependências do espaço físico do SERTA, nos quartos, ou jogando dominó, outros em grupo tocando flauta, cantando, entre outras atividades livres.

No auditório tinha a opção de assistir a um documentário sobre o SERTA e sua metodologia PEADS.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JUNHO – RECORTE ANALÍTICO 2-4

Os estudantes à noite organizam atividades diversas vivenciadas em grupos, seja por afinidade entre eles, seja por afinidade com a atividade, favorecendo um maior diálogo entre eles, afinando laços, trocando experiências, cultivando amizades, trabalhando a arte, a música, contemplando a lua, a noite nas áreas livres, despertando para o viver, a troca, a presença, as amizades, o respeito ao outro e aproximando mais uns dos outros.

Essas experiências vividas por eles, sem um professor mediando essas atividades, os levam a respeitar o outro e o espaço coletivo e conseqüentemente a um amadurecimento e maior responsabilidade por tudo o que está sendo realizado. Isso parece contribuir diretamente na formação humana, individual e coletiva desses sujeitos e no planejamento de suas ações e dos projetos de vida, características que podem ressoar em seus territórios, com a valorização do coletivo, como fundamental em contextos agroecológicos.

Na quinta feira dia 20 de junho, após o café da manhã, os estudantes se dirigiram ao auditório e tiveram uma aula expositiva com o professor R. sobre *Permacultura*, falando sobre rede, sistemas, planeta terra, fazendo uma comparação às redes sociais que têm o objetivo de conectar as pessoas, assim as conexões são importantes na natureza como forma de criar laços e nos aproximar mais do planeta terra.

Estas são algumas notas da pesquisadora no diário de campo, sobre os significados trabalhados na aula:

- As plantas têm suas raízes, mas a floresta tem uma raiz, estamos todos ligados, precisamos cada vez mais nos relacionar de forma saudável e permanecer conectados com a nossa mãe terra.

- Quanto mais relações e conexões com a natureza, mais sustentabilidade e mais equilibrada ela será. A Permacultura provoca o aumento de conexões entre os elementos da natureza e os seres humanos.

- Na Permacultura existe um processo chamado localização relativa que ajuda a pensar a propriedade e onde se colocar um determinado elemento para que ele possa dar o melhor que puder e ter sustentabilidade.

- A Agroecologia é um sistema vivo, interligado, onde os elementos como solo, água, clima, plantas precisam estar conectados. Essas conexões dão sustentabilidade ao sistema.

- Na teia da vida existem conexões e não é fácil mantê-las, precisamos na vida prática inventar, testar, manter essas conexões, rever e discutir nossas práticas, diversificar e qualificar, observando sempre as conexões possíveis.

- A natureza é rede. Rede dentro de rede. Sistema dentro de sistema. O padrão em rede é comum em todas as formas de vida. O homem é o único ser vivo que destrói essa rede.

- O design ecológico é muito importante nas redes para uma maior sustentabilidade da natureza.

A natureza é formada por um sistema vivo, auto-organizado. A auto-organização ocorre porque os sistemas são configurados em um padrão de rede de relações. O que interessa são as relações dentro e entre os sistemas. As redes vivas criam ou recriam a si mesmas mediante à transformação ou substituição dos seus componentes.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JUNHO – RECORTE ANALÍTICO 2-5

O Curso Técnico em Agroecologia tem como objetivo formar profissionais habilitados para atuarem no âmbito social, político, tecnológico e produtivo junto às famílias dos estudantes, às comunidades, municípios e estados, em atividades de gestão, planejamento, assistência técnica e extensão rural, desenvolvendo e

orientando os projetos de vida e processos produtivos para o bem viver e o desenvolvimento sustentável para melhores condições de vida no campo.

Para tanto, os estudantes, além de atividades práticas nas suas propriedades e nas comunidades, acompanham algumas aulas expositivas ministradas por diversos professores que dialogam sobre conceitos diversos, como Agroecologia e Permacultura para que os alunos possam compreender cientificamente esses conceitos e possam aplicá-los no desenvolvimento das atividades externas do tempo comunidade.

Esses momentos parecem favorecer a troca de experiências, o crescimento pessoal, o desenvolvimento de habilidades, a descoberta da teoria e a necessidade de dialogar com esses conceitos importantes para o desenvolvimento de diversas práticas sustentáveis fundamentais para a transformação da vida das pessoas e da comunidade e para a construção dos projetos de vida dos estudantes. A relação dos conceitos científicos e cotidianos necessitam de mediação em ambos os polos, sendo o polo dos conhecimentos científicos, propriamente dito, realçado nos enunciados proferidos nestes contextos de ação como aulas.

Após o intervalo do almoço, as turmas C e D dirigiram-se ao auditório e na ocasião foi discutido o *Plano e Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica do Estado de Pernambuco* com o professor e presidente do SERTA G. com o objetivo de estudar o Plano Nacional de Agroecologia e refletir sobre as políticas de Agroecologia.

Na ocasião foi apresentado o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO) que é composto por 6 eixos:

1. Sustentabilidade
2. Produção
3. Terra e territórios
4. Conhecimento
5. Comercialização e consumo
6. Uso e conservação dos recursos naturais

Em seguida os alunos se dividiram em seis grupos por afinidade ou interesse em estudar uma das temáticas dos eixos do PLANAPO (Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica) e após a discussão nos grupos a partir de cada eixo escolhido foi apresentado o resultado das discussões em plenária para que

o resultado pudesse contribuir para a construção do Plano Nacional de Agroecologia.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JUNHO – RECORTE ANALÍTICO 2-6

A importância de discutir coletivamente os eixos temáticos do PLANAPO, traçar metas e elencar propostas para Plano o Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica está presente nas ações desenvolvidas no SERTA e é muito relevante para conquistas e avanços em relação à Agroecologia e à melhoria da qualidade de vida dos povos camponeses. De algum modo, são trabalhados aspectos éticos e políticos, com uma leitura crítica dos planos de ação no estado.

Percebe-se uma dialogicidade nas ações e interações entre os sujeitos que permeiam o espaço SERTA e o contexto político de planos de ação que afetarão os contextos locais. Com isso, favorece a construção de propostas inovadoras e sustentáveis para uma vida mais harmoniosa entre os sujeitos e o meio em que vivem, em diálogo com um campo de possibilidades apresentado no PLANAPO.

A PEADS focaliza aspectos como o ensino ao enfrentamento de desafios e faz dos problemas um meio de transformar a realidade através do diálogo e das interações fundamentais para estimular e desafiar os estudantes a buscarem novos caminhos e é sempre através do diálogo que juntos tentam buscar saídas e soluções para superar as dificuldades em parceria com os estudantes e a comunidade. A resiliência não parece uma característica subjetiva passível de ensino, mas pode-se ensinar habilidade de trabalho coletivo, leitura crítica de mediações como o PLANAPO e trabalhar aspectos que a favoreçam, subjetivamente. Parece ser este o caso nesta aula vivenciada.

Um dos desafios da metodologia PEADS é manter a interação entre a sala de aula e o meio local, entre o conhecimento científico e os saberes diversos, oportunizando o diálogo e a partilha desses saberes, fundamentais para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes.

Após o jantar do dia 20 de junho houve apresentações na Noite Cultural organizada pelos estudantes e contou com a participação de um grupo musical composto por crianças, denominado *Sopro da Vida*, um dos projetos desenvolvido

pelo SERTA com crianças da região, em seguida houve a apresentação de uma quadrilha improvisada com alunos e demais funcionários e uma banda formada por vários estudantes tocando muito forró.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JUNHO – RECORTE ANALÍTICO 2-7

A valorização da cultura, dos saberes diversos, da história individual e coletiva dos sujeitos é uma prática percebida na metodologia PEADS que norteia as ações do SERTA. Nesta ação da apresentação em foco, a valorização da cultura local foi enfatizada, com outros sujeitos que dialogam com a realidade a partir de seu lugar de fala, com aspectos predominantemente artísticos, fortalecendo o polo dialógico dos saberes locais, e dos sujeitos neste espaço.

Tendo como base a vida no campo vasto de conhecimentos, a escola e a comunidade como partes fundamentais das interações, o diálogo entre os sujeitos como uma dimensão das relações pessoais e interpessoais, a metodologia vai sendo percebida nas pequenas e grandes ações desenvolvidas na Instituição e fora dela e vai norteando os projetos de vida dos estudantes que compartilham esses momentos.

Percebemos que esses momentos vividos são relevantes para uma maior aproximação entre os professores, estudantes, funcionários, uma vez que proporcionam momentos de alegria, de partilhas, de festa e de calor humano tão necessários para manter o equilíbrio, a harmonia e a leveza entre todos aqueles que compartilham esses momentos

O PEADS, que vem se firmando como a identidade principal do SERTA, é original e se diferencia de outros espaços educativos, pois sua proposta transcendeu a experiência de educação formal e vem sendo aplicada a outros projetos formativos, não formais como o grupo *Anjos de Cordel*, o grupo musical *Sopro da Vida* e a *Orquestra Divina Sinfonia*, formados por crianças e adolescentes da região, entre outros.

Essas experiências são muito significativas tanto para os sujeitos participantes do projeto quanto para a comunidade envolvida, impactando na melhoria da qualidade de vida e dialogando com a realidade existente e desenvolvendo cidadania.

Dia 21 de junho, após o café da manhã, houve uma dinâmica com as duas turmas C e D no auditório, com abraços e troca de energia, sendo conduzida pelos professores S. C. e o Professor M.. Em seguida todos seguiram para uma área externa e

coberta, hoje denominada *ESPAÇO SANDRO CIPRIANO*, em homenagem ao professor S. C. assassinado no final do mês de junho de 2019, para a realização da avaliação da semana de imersão.

Durante toda a manhã foi feita a avaliação com críticas, sugestões e também foi feito um levantamento de temáticas para as próximas imersões. Em seguida, foram dados alguns informes sobre pequenas mudanças na organização dos módulos, tendo em vista a necessidade de discutir a temática *Políticas Públicas* prevista para o último módulo, na imersão de julho, tendo em vista a organização do Plano Nacional de Agroecologia previsto para ser discutido em outubro, em um seminário organizado pelos estudantes e equipe pedagógica do SERTA denominado SEMEA (Seminário Estadual de Agroecologia). Cinco pontos foram discutidos durante a manhã:

- Currículo SERTA – o que já se adiantou. Algumas temáticas como assédio, drogas, feminismo, masculinidades que eram do 3º módulo vieram para o 1º módulo por necessidade das turmas; Políticas Públicas do 4º módulo foi adiantado para o 1º módulo pela necessidade de organização do Seminário Estadual de Educação (SEMEA) para o Plano Nacional de Educação.
- Quais as pendências existentes - organização de uma comissão para organizar as temáticas a serem discutidas em cada módulo. Trazer alguém na próxima imersão para trabalhar a questão sobre Direitos humanos. Outras temáticas para as próximas imersões: diversidade, LGBTFobia, racismo, interseccionalidade; as atividades serão em estilo oficina.
- Tempo comunidade – organização dos grupos para as atividades do TC
- Próxima semana imersiva – cada semana imersiva tem um tema gerador, a próxima imersão será *Conhecendo a propriedade*. Nesta semana terá uma atividade externa, conhecendo uma mata, nas proximidades de Glória do Goitá. A ficha temática trabalhada na imersão de julho será sobre Projetos de Vida.
- Avisos gerais – 2º módulo se inicia na imersão de agosto; a avaliação do 1º módulo será em julho sobre tudo que foi vivenciado no semestre.

Um ponto importante a ser avaliado é saber se os alunos estão bem: relação consigo, relação com o outro, com a equipe SERTA, com o curso, tendo em vista que a filosofia do SERTA é proporcionar o bem-estar e a felicidade de cada um, enquanto negro, mulher, indígena, agricultor, criança, seja do campo ou da cidade.

Cada estudante em um primeiro momento se avalia como se sente, o que mudou depois do início do curso, o que o curso trouxe para a sua vida, como se envolve nas

atividades e o compromisso que tem, como se relaciona com os outros e o que mudou em relação aos seus preconceitos, como se libertou de alguns conceitos, medos, timidez e atribui uma nota a si mesmo a partir dessa autoavaliação.

A segunda nota é atribuída pelo SERTA observando o nível de envolvimento de cada estudante, o compromisso em relação às atividades propostas, tanto no TE como no TC. Os professores formam uma banca e avaliam os alunos a partir das autoavaliações feitas pelos alunos e das reflexões da equipe docente observando o nível de cada aluno, não a partir do nível ideal, como alunos com mestrado ou doutorado, mas observando a realidade de cada um.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JUNHO – RECORTE ANALÍTICO 2-8

Um dos passos da metodologia PEADS é a avaliação no final de cada ação. No dia a dia da Instituição percebe-se a preocupação em avaliar cada semana de imersão, geralmente feita no último dia da semana, como forma de crescimento e planejamento dos próximos passos a serem tomados nas imersões seguintes. Esses momentos são importantes para se reavaliar não só o comportamento individual, mas também coletivo e favorecer a troca de experiências, como também a oportunidade de avaliar a própria metodologia utilizada pelo SERTA. Percebe-se que há um interesse em tornar os sujeitos protagonistas das suas ações sejam na sua vida pessoal ou na comunidade, com uma leitura crítica da realidade, apropriando-se dos significados compartilhados. Isso impacta diretamente na maneira de ser e viver em comunidade bem como na maneira de lidar com o outro no espaço coletivo do SERTA, pelas mediações que vão sendo apropriadas pelos sujeitos, nas interações.

Esta etapa da metodologia envolve os processos de se autoavaliar e heteroavaliar os processos, os conteúdos vivenciados em cada semana de imersão, as pessoas envolvidas no processo de construção da aprendizagem e das ações, como também todo o processo formativo. O importante neste processo avaliativo é que todos são avaliados, não só os alunos. Na metodologia PEADS, os professores não são os donos da verdade, os únicos detentores do saber, mas acreditam que o conhecimento se constrói coletivamente, uma vez que todos aprendem e ensinam no processo de construção de conhecimentos.

3. RELATO DA PESQUISADORA - JULHO

A imersão de julho aconteceu no período de 21 a 26. A pesquisadora acompanhou as turmas nos dias 22, 23, 25 e 26 de julho de 2019.

Na manhã do dia 22, segunda feira, após o café da manhã, as turmas C e D se dirigiram ao auditório onde foram dados informes gerais e em seguida houve a apresentação de dois grupos sobre as experiências vividas no TC, o grupo *Cajarana Azul* da comunidade de Paudalho, que apresentou suas atividades do Tempo Comunidade através do relato de duas vistas feitas à *Escola Rural Waldorf* e o grupo *Baccaro* da comunidade de Olinda.

No final da manhã foi feito um encerramento pelo professor M. Em sua fala, ele enfatizou a importância do projeto de vida de cada estudante está bem sistematizado, bem alinhado com as atividades planejadas e vivenciadas em algum espaço da comunidade e a importância de organizar e registrar todas as atividades realizadas no Tempo Comunidade.

Enfatizou também que os estágios funcionam como uma oportunidade de fortalecimento da teoria apreendida durante o curso e auxiliam no processo de utilização das técnicas, ajudando cada um a ser protagonista no seu processo de aprendizagem e na efetivação de ações e práticas sustentáveis no campo que dialoguem com seus projetos de vida.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JULHO – RECORTE ANALÍTICO 3-1

Percebe-se a partir das experiências relatadas pelos estudantes e a fala do professor M. que as atividades vivenciadas no TC são importantes para o processo de construção dos projetos de vida dos estudantes e que essas ações dialogam com a metodologia PEADS uma vez que pensa o sujeito como protagonista da sua história capaz de mudar os rumos e construir uma vida mais sustentável, bem como oportunizar melhores condições de vida, seja na sua família ou na comunidade na qual está inserido.

Segundo o professor M. os estágios ajudam a fortalecer a teoria e a colocar em prática estes conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento de diversas atividades. O que percebemos, de nosso lugar mediado por fundamentações teóricas da pesquisa aqui em foco, é uma ampliação dos espaços de Zona de

Desenvolvimento Proximal, como campo simbólico intersubjetivo, que se expandirá do Tempo Escola, no SERTA, ao Tempo Comunidade, nos territórios dos sujeitos. A ZDP em interação com os professores e outros estudantes do SERTA vai permitindo um potencial a ser desenvolvido em cada estudante em particular, no momento de estágio, em que será atualizado em suas comunidades, tornando-se real, na interação com sujeitos de seu próprio território. Estabelece-se assim uma rede ininterrupta de transformação nos alcances discursivos possibilitados.

Esta prática defendida pela metodologia PEADS dialoga com a pedagogia da alternância que defende a importância de se alternar tempos de escola com ações transformadoras na comunidade, fortalecendo, assim, as escolhas que os estudantes farão ao longo do processo.

Após o almoço, do dia 22 de julho as turmas se dirigiram ao auditório onde houve a continuação das apresentações de outros grupos sobre as experiências vividas no TC. Nos períodos de imersão são apresentadas as vivências do Tempo Comunidade pelos grupos para todos os alunos, para que possam ser compartilhadas e avaliadas e assim planejar novas atividades para o mês seguinte. Além das atividades vivenciadas por grupos tem também as atividades individuais na sua propriedade ou na comunidade que também são apresentadas no grande grupo no período de imersão.

Vários grupos apresentaram suas experiências como o grupo *Ipojuca* do assentamento Soledade; Grupo *Horta na Escola*, em uma escola em Cabedelo - PB; grupo *Comunidade Mata d'água* em Alhandra – PB; grupo *Coletivo Terra Viva* em Areia, PB; grupo coletivo *Sintonia*, João Pessoa; grupo *Centro Terra*, Aldeia; grupo *Distrito praia de Campina* – PB; grupo *Comunidade Bom Jesus*, RN; grupo *Coletivo Flor do Mulungu*; grupo *Caranguejo Uçá*, Ilha de Deus, com o Projeto Jovens cuidadores ambientais.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JULHO – RECORTE ANALÍTICO 3-2

O desenvolvimento da autonomia, da autogestão, do protagonismo dos sujeitos como forma de vida, tão necessários em contextos agroecológicos, parece

fornecer mediações de significados fundamentais para a construção dos projetos de vida dos estudantes que partilham e compartilham as atividades sejam nos períodos de imersão no SERTA sejam nas ações vividas nas comunidades,

Esses momentos partilhados são relevantes para a formação individual e coletiva, para a construção da identidade campesina e para a concretização de tudo o que foi vivido e planejado durante as vivências do Curso Técnico em Agroecologia.

Percebe-se que há um compromisso em organizar e efetivar ações solidárias que levem à transformação da vida e da comunidade, a um contato maior do ser humano com a natureza e a uma interação com o outro de forma mais equilibrada, mais sustentável e mais harmoniosa, dialogando com a metodologia PEADS que defende a autonomia e o protagonismo dos sujeitos na construção da sua história. As mediações dos significados compartilhados no SERTA se expandem, novamente, na ZDP, para uma produção de sentido na vida dos sujeitos, agindo na transformação subjetiva a partir de aspectos como a solidariedade, fundamental na visão agroecológica.

À noite do dia 22 de julho, na área da cantina, alguns estudantes se encontraram para discutir a disciplina Direitos Humanos, presente no currículo do SERTA, com levantamento de sugestões de temáticas e estratégias para serem vivenciadas nas próximas imersões. |

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JULHO – RECORTE ANALÍTICO 3-3

O diálogo entre os sujeitos que permeiam o espaço institucional SERTA está sempre presente em todos os momentos, seja na sala de aula, seja nas atividades práticas, norteando as ações e atividades e fundamentando as decisões tomadas. Os significados compartilhados envolvem aspectos mais científicos em estreita relação com saberes locais, entremeados pelas questões de uma ordem subjetiva mais sutil, afetiva e emocional, desses sujeitos.

A metodologia PEADS potencializa essas interações e possibilita o diálogo como ferramenta fundamental na construção de conhecimentos na formação humana dos sujeitos, favorecendo suas escolhas e contribuindo para seus projetos de vida, a partir das experiências e partilhas e da busca por melhores

condições de vida de maneira sustentável e agroecológica.

No dia 23 de julho, terça feira, após o café da manhã os estudantes se dirigiram para dois espaços diferentes. A turma D ficou no auditório com o professor R. conversando sobre *Design Permacultural* a partir da ficha temática: *Conhecendo a propriedade*. A aula abordou vários aspectos da Permacultura, mostrando a Permacultura como a ciência do design, como eu torno minha vida na propriedade de forma permanente. A importância de se entender a Permacultura para observar o solo, a terra, a água, o clima, as plantas, observar o contexto, ler a paisagem para desenhar a propriedade, observar a sequência lógica programada pela natureza, fazer um levantamento, delimitar a área, projetar dentro do contexto da propriedade foram alguns aspectos abordados pelo professor R. como pode ser visualizado na Figura 4:

Figura 4 - Aula sobre Design Permacultural



Fonte: Própria Autora

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JULHO – RECORTE ANALÍTICO 3-4

A importância de traçar os Projetos de Vida que dialoguem com a realidade de cada estudante é percebida através das várias atividades e ações no dia a dia do Curso Técnico em Agroecologia. Os estudantes são orientados a partir da metodologia PEADS vivenciada no curso a direcionarem as atividades do Tempo Comunidade, principalmente aquelas voltadas para sua propriedade, aos seus projetos de vida, aplicando e direcionando os conhecimentos ao design de sua propriedade. Percebe-se que há uma preocupação por parte dos educadores e dos estudantes em conhecer bem os recursos, as condições da propriedade, pensar formas alternativas usando a própria natureza e alguns recursos tecnológicos alternativos na realização das ações que são projetadas para a sua propriedade ou para a comunidade. Há nesse jogo dialógico uma tentativa de colocar em ação, para apropriação pelos estudantes, tanto significados de um saber desenvolvido pela ciência, quanto aspectos dos significados cotidianos, desenvolvidos nos territórios.

Esses momentos de partilha de conhecimentos, planejamento de ações e interação entre os sujeitos possibilita o diálogo e o desenvolvimento de diversas práticas que serão projetadas pelos estudantes, contribuindo assim, para os projetos de vida desses sujeitos em um campo de possibilidades que, enquanto tal, tem também limites circunstanciais. Limites que são percebidos tanto nos contextos políticos de ação quanto nas experiências concretas do território, como solo, clima e características desse sistema trabalhados nesta aula em foco. A leitura crítica de documentos e a ação sobre aspectos concretos da realidade parecem fortalecer o que é possível e entender as limitações do que pode ser projetado para a vida de cada estudante, por ele mesmo, enquanto apropria-se desse sistema de significados.

A turma C trabalhou em uma outra sala com uma ficha temática sobre Projetos de vida com o professor R. 2 e o voluntário L. Para iniciar a atividade duas perguntas motivadoras foram feitas e serviram de base para a discussão: *1. O que você pretende transformar no seu ambiente de vida daqui até o fim do curso? Quais são os principais conhecimentos e habilidades que você precisa adquirir para essa finalidade?*

Cada estudante recebeu uma ficha temática e o professor solicitou que cada um respondesse individualmente. Em um segundo momento, a turma foi dividida em duplas e puderam conversar sobre as duas questões respondidas individualmente. Em um terceiro momento foram formados alguns grupos para conversarem entre si e apresentarem em seguida para o grande grupo o resultado da discussão, através de cartazes, anotações, desenhos, como pode ser visualizado na Figura 5:

Figura 5 - Apresentação da discussão em grupo sobre Projetos de Vida



Fonte: Própria autora.

Após as apresentações dos grupos, foi aberta uma roda de conversa, onde os estudantes puderam se colocar e concluir a discussão sobre Projetos de Vida. A Figura 6 mostra a discussão após as apresentações:

Figura 6 - Discussão sobre Projetos de Vida após as apresentações



Fonte: Própria Autora.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JULHO – RECORTE ANALÍTICO 3-5

Faz parte do currículo do Curso Técnico em Agroecologia trabalhar durante as semanas de imersão algumas fichas temáticas. As fichas servem de motivação para se iniciar o debate sobre um determinado tema. Em relação ao estudo do tema Projetos de Vida, que está alinhado com o objeto de estudo desta pesquisa, percebe-se que há uma relevância para todos os estudantes e membros do SERTA em discutir esta temática por favorecer o planejamento e concretização de diversas ações na propriedade ou na comunidade da qual os estudantes estão inseridos.

A partir da discussão, houve uma preocupação por parte dos mediadores em fazer uma tipologia dos Projetos de Vida por territórios e temáticas baseada no resultado apresentado pelos grupos.

Foi colocado pelos grupos a necessidade de estruturar equipes e comissões para monitorar, sobretudo, as atividades no Tempo Comunidade, bem como a importância de propor atividades para os próximos Tempos Comunidade ligadas às apresentações da Plenária.

Percebi a importância e o que significou o estudo sobre os Projetos de

Vida para os estudantes, no que tange ao reconhecimento de seus territórios e às possibilidades de concretização dos seus Projetos de Vida. Muitos estudantes se colocaram em momentos de compartilhamento de significados, enunciando que entraram no curso já com um Projeto de vida em mente para desenvolverem durante o curso, outros, compartilharam que vieram ao SERTA em busca da elaboração de um Projeto de Vida com base nos princípios da Agroecologia e da Permacultura.

Esses momentos de partilha e interação entre os estudantes possibilitaram um diálogo de saberes e a partilha de seus projetos para o futuro, a partir da troca de informações mediada, produzindo sentido sobre o entendimento que cada um tinha a respeito de Projetos de Vida.

À tarde, no dia 23 de julho, após o almoço as turmas C e D ficaram juntas no auditório e tiveram uma conversa com o professor G., sobre a questão financeira do SERTA. Após o intervalo da tarde as turmas continuaram com as apresentações do TC.

Tivemos a apresentação dos grupos: *Agrofloresta nas escolas*, na escola Cândido Duarte em Dois Irmãos; *Comunidade Mangue Seco* em Igarassu com um curso de bioconstrução; *Grupo Quilombagem*, da cidade de Joaquim Gomes em Alagoas; *Grupo Pensando Verde na Escola Josefa Batista*, zona rural de Olinda, com uma oficina de feitiço de sabão; *Comunidade Cova da Onça*, Curado II, oficina de sabão; *Quintal da casa de uma aluna H.*, atividade coletiva.

No dia seguinte, 24 de julho, as atividades foram repetidas invertendo as turmas para que todos pudessem participar de todo o processo educativo.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JULHO – RECORTE ANALÍTICO 3-6

Uma das principais características exitosas das atividades realizadas no Tempo Comunidade é a possibilidade de interação e diálogo entre os estudantes e a comunidade.

Esse processo além de buscar favorecer essas interações entre os estudantes e a comunidade, também os aproxima da realidade social e possibilita a transformação desses espaços através de estratégias projetadas durante o curso,

que muitas vezes dialogam com seus próprios projetos de vida.

Essas ações são capazes de superar os limites da sala de aula e dos espaços pedagógicos, pois, vão construindo espaços de aprendizagem que extrapolam estes limites e permitem a apreensão da realidade e a projeção de ações que visem à melhoria da qualidade de vida de grupos ou da comunidade em geral. Algo como distribuição do espaço intersubjetivo vivenciado no SERTA para outras conexões nos territórios dos sujeitos, com suas interações específicas, outros sujeitos e novas mediações. A ideia de ZDP é evidenciada com a característica marcante de sua atualização a cada nova interação vivida.

Essas estratégias metodológicas dialogam com os princípios da educação do campo que visam à superação dos limites dos muros da escola e passam a interagir e dialogar com a realidade de cada estudante.

À noite, no dia 23 de julho, houve uma reunião do grupo *Sagrado das Mulheres*, para a discussão do tema *Saúde da Mulher*. Inicialmente foi feito uma dinâmica denominada *Mandala Lunar*, antes de iniciar o debate. O debate foi sobre a relação das fases da lua com o ciclo das mulheres. A conversa foi mediada por uma estudante do curso que apresentou as diferentes fases da lua refletindo sobre a sua relação com o ciclo menstrual. Este grupo é composto somente por mulheres. Cada uma fica à vontade para participar, nem todas as mulheres estiveram presentes no debate.

O grupo de homens também se encontra na mesma noite e cada semana de imersão discutem sobre um tema. Nesta noite o grupo dos homens não se reuniu, ficando cada um à vontade nos diversos espaços do SERTA.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JULHO – RECORTE ANALÍTICO 3-7

A discussão de temas diversos é uma constante no SERTA. Além das atividades propostas pelo currículo e vivenciadas pelos educadores junto aos estudantes, temos momentos de reflexão que favorecem o crescimento pessoal e coletivo.

Esses grupos se juntam para conversar e se sentem fortalecidos em poder dialogar e compartilhar seus saberes, a partir das interações que se estabelecem

nesses momentos.

A metodologia PEADS favorece esses momentos de reflexão, contribui para que haja uma busca constante pelo conhecimento e valoriza as interações humanas, a partir da realidade dos estudantes e da comunidade.

Podemos indagar como são feitas as escolhas desses temas transversais, uma vez que ao longo da caminhada do curso surgem alguns fatos inesperados, como por exemplo, a morte de um professor, que requer momentos de escuta e de reflexão e uma possível mudança nos temas a serem discutidos.

Na quinta feira 25 de julho de 2019, após o café da manhã os estudantes se dirigiram para o auditório e na ocasião receberam alguns informes do Professor M. referente às disciplinas do primeiro módulo que não foram concluídas e que ficariam para o segundo módulo.

Em seguida os estudantes assistiram ao filme *Escolarizando o mundo* que serviu como base para reflexão e logo depois teve um momento para a autoavaliação do 1º módulo.

A avaliação foi escrita, sendo entregue a cada estudante uma ficha avaliativa. Para ajudar na autorreflexão foram feitas algumas perguntas: Quanto conhecimento adquiriu com as experiências vividas durante o Curso? Que projetos de vida estão saindo de cada um de nós? O que aprendemos com o curso e o que já sabíamos fazer?

Os estudantes ficaram livres para responder às questões que seriam entregues ao professor depois que concluíssem, até o final da manhã.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ JULHO – RECORTE ANALÍTICO 3-8

O processo avaliativo que acontece durante os momentos de imersão do Curso é bem distinto do processo avaliativo nas instituições de ensino formal. O SERTA, a partir da sua metodologia diferenciada, busca dialogar com os estudantes e realizar a avaliação de maneira democrática e participativa.

Esse processo leva a uma corresponsabilidade entre estudantes e educadores e a um amadurecimento a partir dos conhecimentos e experiências vividos durante o curso que os ajudam a se autoavaliarem.

É um processo de autorreflexão onde cada estudante se avalia e em seguida é avaliado pelos educadores. A avaliação dialoga com a metodologia PEADS e é feita a partir do nível de cada aluno não de um nível ideal pensado para todos.

Este processo avaliativo tem o objetivo, não apenas de avaliar a participação do aluno em todas as atividades vivenciadas, mas de ensinar valores, estimular atitudes solidárias e participativas, alimentar a autoestima, construir a confiança em si e no outro, despertar as emoções, além de contribuir para os projetos que os estudantes desejam realizar.

Estes momentos favorecem o protagonismo dos sujeitos que se sentem construtores de sua aprendizagem e coparticipantes do processo avaliativo.

À tarde, do dia 25 de julho, após o almoço, as turmas voltaram ao auditório com o professor M. e na ocasião foi feito o planejamento para a imersão de agosto, que aconteceu fora do SERTA, em alguns territórios: RN, PB, AL, Área metropolitana (Recife), Mata Sul, Agreste setentrional, representados por estudantes de diversos lugares. Os grupos se organizaram e planejaram atividades para serem vivenciadas nestes espaços escolhidos pelos próprios estudantes de acordo com as condições e o interesse de cada um.

4. RELATO DA PESQUISADORA – AGOSTO E SETEMBRO

A pesquisadora não acompanhou os grupos nas atividades externas em agosto, por se encontrar cirurgiada. O período de imersão foi de 19 a 23. Nesta ocasião os grupos viajaram para a região escolhida e lá vivenciaram várias atividades na comunidade. Essas atividades aconteceram em cinco espaços diferentes fora da Instituição, sendo contemplados alguns territórios representados por estudantes dos estados de RN, PB, AL, e algumas áreas como Área Metropolitana (Recife), Mata Sul, Agreste Setentrional. Os estudantes se dividiram a partir dos seus interesses em grupos e planejaram as atividades que foram realizadas nesses cinco espaços.

Em setembro, a imersão aconteceu no período de 15 a 20, na ocasião a pesquisadora não acompanhou o momento da imersão, pois estava voltando de uma viagem a Bogotá onde participou do IV *Encuentro Latinoamericano de Extensión y*

Desarrollo Rural e o III Congreso Latinoamericano de Psicología Rural e não pode acompanhar as atividades deste período.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ AGOSTO – RECORTE ANALÍTICO

4.1

Essas atividades externas têm um valor significativo para os estudantes do SERTA. Além de promover o desenvolvimento individual e coletivo favorece a troca de experiências e possibilita pensar ações solidárias para a melhoria de vida das comunidades envolvidas no processo.

A pedagogia da alternância se apresenta como uma possibilidade de concretização da teoria aprendida no curso e como oportunidade de partilha desses conhecimentos. São esses momentos de diálogo e interação entre os estudantes que ajudam no processo de construção subjetiva com reflexos nos projetos de vida e na projeção de ações para a melhoria da vida de cada um e da comunidade.

5. RELATO DA PESQUISADORA - OUTUBRO

Na imersão de outubro no período de 13 a 18, a pesquisadora acompanhou as atividades nos dias 15 a 18.

No dia 15 de outubro, após o café da manhã a turma C juntamente com alguns professores fizeram uma visita a uma mata da região de Glória do Goitá, atividade adiada do mês de junho por causa das chuvas e da lama, que impossibilitou o trajeto pela mata. A atividade fez parte da disciplina *Permacultura*, ministrada pelo professor R. e teve como objetivo observar a natureza enquanto sistema vivo e tentar compreender o sistema de redes e conexões presentes no meio ambiente.

A turma D ficou no SERTA realizando atividades como limpeza e replantio de SAFs, hortas, entre outras atividades.

A mesma atividade foi realizada com a turma D no dia 16, ficando a turma C no SERTA realizando as mesmas atividades do dia anterior.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ OUTUBRO – RECORTE ANALÍTICO 5-1

Cada semana imersiva do Curso tem um tema gerador. A semana de debates sobre *Permacultura* e *Conhecendo a propriedade* que aconteceu em julho, teve como atividade sugerida conhecer uma mata da região para que os estudantes pudessem interagir com o meio ambiente e debater sobre a teoria aprendida no curso e vivenciá-la na prática.

A atividade prática contribuiu para uma maior compreensão sobre as redes vivas que estão presentes na natureza que se criam e recriam mediante a substituição de seus componentes.

Essas experiências favorecem uma maior compreensão, interação e dialogicidade entre os seres e suas conexões com a mãe terra, buscando entender como se dão as relações dentro dos sistemas vivos.

A constatação de que cada sistema vivo se auto-organiza, pois são configurados num padrão de rede de relações foi um dos pontos constatados durante a visita à mata. Tais atividades dialogam com a metodologia PEADS e se constituem como uma forma de conexão entre os estudantes, os educadores e a teoria vivenciada e possibilitam uma maior reflexão e a projeção de ações futuras.

À tarde no dia 16, houve uma palestra com S., indígena Guarani, filósofo e mestre em Antropologia, falando sobre a roça Kaiuá a partir de conceitos nativos.

À noite, houve a preparação para o Seminário Estadual de Agroecologia (SEMEA) a ser realizado no SERTA no dia seguinte, 17 de outubro. Alguns estudantes ajudaram na ornamentação das salas, outros organizaram o espaço para o credenciamento, alguns planejaram e organizaram a dinâmica de abertura, entre outras atividades.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ OUTUBRO – RECORTE ANALÍTICO 5-2

A palestra com o indígena Guarani sobre a roça Kaiuá faz parte da proposta metodológica do Curso, de trazer para os debates vários representantes de segmentos da sociedade, para discutir temas diversos.

A importância de conhecer e debater sobre culturas diversas e sobre diferentes realidades se faz presente e ajuda os estudantes a se perceberem enquanto seres de direito construtores da sua história bem como solidários às causas dos povos menos favorecidos e esquecidos e discriminados pela cultura hegemônica.

Este diálogo tão pertinente nos dias atuais ajuda os estudantes a se conscientizarem da importância de resistir e lutar por dias melhores e por uma sociedade mais justa, onde haja respeito por todos os povos e todas as culturas existentes no nosso país.

Na quinta-feira, dia 17, após o café da manhã, os estudantes das turmas C e D, egressos e convidados para o SEMEA se dirigiram à mesa de credenciamento para assinar a lista de presença e receber as informações referentes às salas de debate do seminário, como pode ser constatado na Figura 7:

Figura 7 - Credenciamento do SEMEA



Fonte: Própria Autora

Em seguida todos se dirigiram para a área externa do SERTA onde foi vivenciada uma dinâmica de abertura com música, movimentos, caminhada em círculo, sensibilização, observação, abraços, acolhimento, podendo ser percebido no registro na Figura 8:

Figura 8 - Dinâmica de abertura do SEMEA



Fonte: Própria Autora

Após a dinâmica, os participantes se dirigiram ao auditório onde foi feita a abertura do Seminário que teve como objetivo pensar e traçar metas para o Congresso Estadual de Agroecologia e para o Plano Estadual de Agroecologia. Em seguida foi feita a divisão das salas onde aconteceram os debates e a construção de metas e propostas para serem apresentadas à tarde em uma grande plenária. Cada participante ficou livre para escolher a sala onde gostaria de participar. Os grupos foram:

- Sala 1: Mulheres e Agroecologia
- Sala 2: Juventudes e Agroecologia
- Sala 3: Agricultura urbana e Agroecologia
- Sala 4: Participação, controle social, segurança alimentar, ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) e Agroecologia.
- Sala 5: Economia solidária, comercialização, acesso a mercados e Agroecologia
- Sala 6: Povos nativos e comunidades tradicionais, preservação ambiental e territórios e Agroecologia
- Sala 7: Educação e Agroecologia

À tarde do dia 17 de outubro, após o almoço, antes da apresentação dos resultados das discussões nos grupos, houve uma apresentação cultural, um grupo de coco, com a apresentação da música “Árvore” tocada e cantada pelos estudantes.

Logo em seguida, houve a plenária com o resultado da discussão dos grupos, com apresentação das propostas sugeridas pelos grupos para serem apresentadas no Congresso Estadual de Agroecologia para a organização do Plano Estadual de Agroecologia. Os grupos compartilharam suas discussões para a grande plenária como pode ser visualizado na Figura 9 e na Figura 10:

Figura 9 - Plenária SEMEA 1



Fonte: Própria Autora

Figura 10 - Plenária SEMEA 2



Fonte: Própria Autora

Na plenária estiveram presentes algumas autoridades representando vários segmentos da sociedade. Na foto acima podemos observar algumas dessas autoridades que contribuíram para a discussão das propostas apresentadas. A

Professora Virgínia, representando a UFRPE; Aniérica representando o Centro Sabiá, Instituição parceira do SERTA; Articulação Nacional de Agroecologia (ANA); Comissão Nacional de Agroecologia e produção Orgânica; Articulação Semiárido Brasileiro (ASA); Guilherme, coordenador de Educação ambiental e resíduo sólido de Suape; Deputado Izaltino representando a Assembleia Legislativa; Jaime, coordenador do MST estadual e nacional; Gleibson, secretário executivo de Agroecologia e Produção Orgânica; e alguns egressos do SERTA.

As turmas A e B realizaram o seminário no dia 07 de novembro, seguindo as mesmas orientações e com a mesma proposta de atividades.

Todas as propostas apresentadas pelos grupos das turmas A e B, C e D, foram sistematizadas e digitadas por uma comissão responsável em organizar tudo o que foi produzido nos dois momentos para ser apresentado no Congresso Estadual de Agroecologia.

DIALOGANDO COM A IMERSÃO/ OUTUBRO – RECORTE ANALÍTICO

5-3

Uma das características da PEADS é pensar os estudantes como protagonistas do processo de aprendizagem, por acreditar que quando eles são tratados como sujeitos e não como objetos eles se empoderam, transformam seus espaços de vida a partir da sua realidade, uma vez que a mudança não está fora, mas começa dentro de cada um na interação com o outro e com o meio em que vive.

O Seminário de Agroecologia (SEMEA) foi pensado e organizado junto com os estudantes para que, na semana de imersão, pudessem ser construídas proposições, com o objetivo de sugerir propostas para serem apresentadas ao governo do Estado de Pernambuco para a elaboração do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Destaca-se aqui, as possibilidades de autogestão, necessárias ao processo coletivo que, poderá acontecer individualmente, pelas condições próprias necessárias à Agroecologia.

Essa proposta de organizar um Seminário de Agroecologia dialoga com a metodologia trabalhada no SERTA que sempre parte do princípio de que o processo coletivo é o melhor caminho para se pensar alternativas sustentáveis para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Desta forma, a metodologia PEADS tem como foco principal as pessoas e os espaços em que elas estão inseridas e está a serviço da transformação da vida dessas pessoas e da comunidade.

O Seminário dialoga com essas concepções metodológicas e vem através do diálogo, do levantamento de propostas, da discussão sobre a importância da Agroecologia na vida dos sujeitos colaborar na construção do Plano Nacional de Agroecologia, por compreender que é de grande relevância a participação e colaboração de todos neste processo.

O Seminário traz a oportunidade de mudança de pensamento e comportamento, pois a questão ambiental força a mudança de nossos comportamentos principalmente em relação à natureza.

A PEADS dialoga com esses princípios, pois vai ao encontro dessas mudanças que buscam ver o mundo de maneira diferente, ajudando os alunos a se sentirem protagonistas do seu próprio desenvolvimento e se sentindo capazes de colaborar na construção de um mundo melhor e na transformação da sua realidade, através dos princípios da Agroecologia. Entra em diálogo aqui o sentimento de pertencimento aos territórios e ao seu processo coletivo.

5.2 SEGUNDO MOMENTO: DOCUMENTAL – ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) E DO PROGRAMA EDUCACIONAL DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (PEADS)

Nesta seção apresentaremos a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) da Instituição SERTA.

5.2.1 Projeto Político Pedagógico (PPP) do SERTA

O PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO (PPP) (conforme apêndice 8.2) da UNIDADE DE ENSINO PROFISSIONAL mantida pelo SERVIÇO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA (SERTA) foi construído pela primeira vez em março de 2006 e publicado no livro DE QUE SOMOS CAPAZES: Uma Experiência de Protagonismo Juvenil na Bacia do Goitá – PE (p. 147 a 174), como resultado do processo de sistematização da experiência de formação dos Jovens

Agentes de Desenvolvimento Local (ADL) e de duas avaliações externas sobre esse processo formativo.

O SERTA já havia revisto o Plano de Curso, o Regimento interno, mas faltava ainda atualizar o PPP com a experiência dos últimos 10 anos, depois de ter formado 21 turmas nas duas unidades pedagógicas de Ibimirim e Glória do Goitá. Essa versão do PPP, portanto, está revista, atualizada com a contribuição da experiência vivida com o Curso Técnico propriamente dito. A versão inicial deste PPP foi construída a partir da experiência do curso não formal dos Agentes de Desenvolvimento Local (ADL), quando SERTA apenas pretendia ministrar o curso.

Missão do SERTA

“Formar jovens, técnicos/as, educadores/as e produtores/as familiares, para atuarem na transformação das circunstâncias econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas, na promoção do desenvolvimento sustentável, com foco no campo”.

Visão

“Ter o Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS consolidado como referência em educação no ensino básico, na Educação Profissional Técnica de nível médio e superior e estar consolidado na sua capacidade de criar, inovar e disseminar tecnologias apropriadas e interativas; para contribuir e influenciar na efetivação de políticas públicas de Desenvolvimento Sustentável a nível de Brasil”.

O Projeto Político Pedagógico do SERTA é formado por cinco componentes que estão presentes na metodologia PEADS e aparecem todos explicitados em detalhes na primeira parte que compõe o Projeto. São eles: Os **princípios** que fundamentam a ação da instituição, a **realidade** do cotidiano que dialoga com esses princípios, os **conteúdos** que decorrem dessa relação dialética e que são selecionados para o ensino e a aprendizagem, e explicitam as **didáticas** que possibilitam a aprendizagem desses conteúdos e o caminho da **metodologia**.

A segunda parte do PPP é constituída pelas quatro etapas que fundamentam a sua metodologia e sua aplicabilidade no dia-a-dia do curso: a **pesquisa** da realidade vivenciada pelos estudantes, a **análise** dos dados pesquisados, a **ação** provocada pelo novo conhecimento gerado pela pesquisa e finalmente a culminância do processo com a **avaliação**. O PPP apresenta a conexão entre as etapas da metodologia e os cinco componentes que a compõem. O Programa

Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) é considerado a grande diretriz técnica, política e pedagógica para todas as ações da instituição SERTA.

A terceira parte do PPP trata da Pedagogia da Alternância que é aplicada no SERTA, explicitando os dois tempos nos quais o curso é ministrado, o Tempo Escola (TE) e o Tempo Comunidade (TC). O Regime de Alternância, introduzido no Brasil a partir de 1969 pelas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e depois pelas Casas Familiares Rurais (CFR), e depois seguidas por várias outras instituições. O relatório do Conselho Nacional de Educação Murilo Hinguel (parecer CNE/CEB 1/2006) aprovado por unanimidade no dia primeiro de janeiro de 2006 tirou as dúvidas que ainda pairavam sobre a legitimidade da Alternância. O SERTA encontrou nesse regime a solução para atender as demandas de todo Estado de Pernambuco e de outros Estados e para adequar aos princípios da Educação do Campo (Res. 1. De 03/04/2002).

Na Pedagogia da Alternância, um momento é em regime de imersão, onde os estudantes permanecem durante uma semana com os professores, gestores e prestadores de serviço nas Unidades de Ensino do SERTA e o outro momento é onde os estudantes permanecem nas suas residências, famílias e na comunidade durante as demais semanas de cada mês. O estudante é avaliado pela participação em todos os momentos durante o Curso.

A quarta e quinta partes, respectivamente, tratam do perfil dos estudantes nos primeiros anos de funcionamento do Curso e do perfil do corpo docente e explicita as mudanças que foram acontecendo até formar o perfil atual dos mesmos. Na última parte, o PPP explicita duas atividades pedagógicas: a inovação tecnológica e a extensão, que nos últimos anos foram bastante significativas para o Curso e não tinham sido bem explicitadas na primeira versão do PPP.

Outros componentes da formação que se consolidaram nos últimos quatro anos foram:

1. A DIMENSÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E OS LABORATÓRIOS VIVOS.

Esses laboratórios são constituídos por um conjunto de tecnologias que garantem a segurança alimentar, energética, hídrica e de nutrientes para o solo, conectados com plantio, criação de animais, hortas, pomares, jardins, parques

distribuídos de acordo com os princípios da Permacultura, disciplina carro-chefe do Curso Técnico em agroecologia. Esse tipo de laboratório exerce várias funções, entre elas:

- **Espaço de práticas para fazer as tecnologias e completar as aulas:** Os estudantes convivem a primeira hora do dia no Tempo Escola aprendendo nesse espaço, ora inovando, fazendo alguma tecnologia, ora mantendo e aperfeiçoando. Mais tarde, no horário específico de aulas retornam para as salas. São sempre, segundo depoimento dos estudantes, os momentos pedagógicos mais agradáveis, descontraídos, onde muitos valores são desenvolvidos, tais como responsabilidade, solidariedade, trabalho em equipe, capacidade de iniciativa, respeito pelos outros, pontualidade. Esses momentos dão concretude ao que é discutido em sala de aula.
- **Espaço de Referência para inspirar estudantes e visitas :** São esses os espaços preferidos pelas dez mil visitas que o SERTA recebe anualmente. Logo na primeira semana de aula o estudante vai vendo que é possível fazer algo parecido em sua propriedade ou residência, com os recursos que dispõe em casa, que além de possível é viável, é ambiental, é produtivo ou ornamental, é estético.
- **Espaço de produção e geração de renda :** O estudante vai vendo que diversas coisas que ele se alimenta no restaurante do SERTA vem das UPPO. São espaços pequenos, sobretudo, na unidade de Ibimirim. Espaços menores do que nas propriedades de alguns, porém, ricos em diversidade, com aproveitamento otimizado dos espaços. Às vezes, a colheita é feita pelos próprios estudantes, e aí, se sensibilizam mais ainda, pois muitas vezes, em sua casa poderiam colher e não colhem por conta de muitos hábitos culturais. Preferem comprar o tempero, o ovo, a verdura, a galinha. Só acreditam em plantio se for grande! Só se for no inverno! Muitas verduras não comem porque não tem tradição em casa!
- **Espaço de tecnologia, experimento e inovação:** Mesmo o SERTA não sendo órgão de pesquisa, realiza muitos experimentos, nessas unidades existe uma oficina para serviços de solda, de mecânica, carpintaria, serralharia e ferramentas diversas. Os estudantes são convidados a participar de acordo com suas vocações pessoais e no período dos estágios com mais insistência para desenvolver tecnologias. Nos últimos anos, o SERTA vem

mantendo parcerias com professores do Instituto Federal da Paraíba – IFPB, Universidades e Centros de Pesquisa.

2. A DIMENSÃO DA EXTENSÃO E A MOBILIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS E COMUNIDADES

Como dito na contextualização deste PPP, quando o SERTA escreveu o primeiro não tinha ainda a experiência da formação técnica e só havia formado pessoas dos municípios vizinhos às duas unidades. Agora com egressos de 21 turmas de 129 municípios formou-se um quadro novo e o SERTA começou a pensar na relação com os egressos de forma mais orgânica. Para isso, colocou entre as iniciativas do Planejamento Estratégico uma sobre a formação de redes territoriais de técnicos formados pelo SERTA. Consiste em estruturar núcleos territoriais de egressos e estudantes que continuem se encontrando, trocando ideias e práticas e fazendo mobilizações para o acesso às políticas públicas da agricultura familiar.

Uma comissão eleita em cada território cuida da interlocução. A cada dois meses preparam um encontro e todos são convidados a participar, integrando técnicos de turmas diferentes. Escolhem algumas prioridades para focar a ação dos mesmos. Essa necessidade surgiu também pelas oportunidades de trabalho para os técnicos em Agroecologia, sobretudo, a partir das chamadas do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e pelo registro da profissão no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA). Hoje a profissão está reconhecida e com boas oportunidades no mercado. As redes difundem informações. Educadores do curso assessoram essa rede.

Uma série de fatores vem contribuindo para mudar o quadro da Agricultura Familiar e sua participação no desenvolvimento rural. A criação do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA separado do Ministério da Agricultura e do Abastecimento deu autonomia a um verdadeiro movimento social, econômico, técnico e político. Reivindicações históricas feitas pelas forças vivas do campo passaram a ser objeto da política nacional, com respaldo jurídico, com crédito e orçamento como não acontecia antes. Como exemplo tem a Lei Nacional sobre a Agricultura Familiar, que define com mais clareza quem de fato faz parte da Agricultura Familiar, criando instrumentos jurídicos para acessar as políticas de

Fortalecimento da Agricultura Familiar.

Os territórios passaram a ser unidades de planejamento para o desenvolvimento, com criação de redes, que animam as ações dos movimentos locais e articulam em nível nacional. Houve a criação de políticas garantindo a efetividade das ações estatais e públicas e não só de programas e projetos. Assim foram criadas as Políticas de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER, o Plano Nacional de Desenvolvimento Rural e Solidário, a Política e o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. A questão da água, sobretudo, no semiárido passou a ser tratada com a participação da sociedade civil organizada com média de mil instituições – ASA – Articulação do Semiárido Brasileiro.

A Economia Solidária antes considerada como um sonho e uma dimensão da economia informal, vivenciada pelas comunidades organizadas da sociedade civil, passou a ser tratada como política, com instâncias no Ministério do Trabalho e Emprego. Passa a estruturar-se realizando conferências nas diversas esferas e se constituindo referência para o mercado justo e solidário, realidade hoje no mundo globalizado.

Em 2002, surgiram as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, que trouxeram novos programas e iniciativas, como os cursos de licenciatura em Educação do Campo, o Pro Jovem Campo, Pronacampo, oportunizando às pessoas que se desligaram das escolas poder retornar e concluir sua educação básica. Segurança Alimentar e nutricional passou a ser tratada com políticas. Todas essas iniciativas abriram um mercado novo, no qual o técnico em Agroecologia é um profissional requerido, pelas interconexões que ele aprende a fazer com essa nova realidade.

Concluindo, pode-se dizer que finalmente, o trato da Agricultura Familiar saiu dos ministérios que a tratavam como política social, antigo Ministério do Interior e outros semelhantes que cuidavam da agricultura familiar como se fosse pequena produção, sem peso econômico e financeiro para um status de produção, de geração de riqueza, de empregos, de inovação tecnológica, que merece investimento e não esmola.

3. A COMUNICAÇÃO

A comunicação é premissa básica para estabelecer o bom aprendizado e tornar o ambiente de ensino um espaço de convivência para o desenvolvimento pessoal e social de educandos e educadores. O tempo de aula, nos ambientes formal e informal, é útil para a construção do conhecimento a partir da troca de experiências, de conhecimentos gerados na vivência de cada um, o que é estimulado nas disciplinas de Comunicação e Expressão e de forma transversal nas demais cadeiras.

Os estudantes são estimulados a questionar sobre todas as coisas: o meio ambiente; as formas de vida; as pessoas; o lugar que ocupa; os sistemas burocráticos; etc. Esse papel da curiosidade é o caminho que deve ser trilhado para novas descobertas, para reconstrução de valores, visão de futuro, tomada de decisões mais concretas e poderosas – informação é poder. E aprender a ter poder, desenvolvendo melhor a escrita, falar publicamente, se expressar e não ter vergonha disso.

Essa comunicação amplia a ideia de comunicar-para-informar-se, mas, também, de comunicar para formar, para ouvir e ser ouvido. Isto se dá pela comunicação dialógica, apontada por Paulo Freire como processo democrático, inclusivo, que garante a interação e promoção da cidadania. Este pensamento interfere na condição hegemônica da pedagogia dominante, que conduz o pensamento dominante, pelo sistema capital, fortalecido por empresas que dominam a comunicação no país e, portanto, o pensamento conquistado, passivo e alienado.

Os estudantes tornam-se multiplicadores desses conhecimentos nos espaços onde atuam: em sua casa, na igreja, na escola, no sindicato, associação, na câmara de vereadores e em todo lugar. A comunicação dialógica refaz esse conhecimento a partir de sua prática, pela extensão e vivência comunitária, organizacional coletiva – onde a comunicação acontece.

Essas experiências, vivências em família e comunidade, fazem parte das pautas da comunicação do SERTA, que seleciona as boas práticas a partir da correlação com o curso e o que sugere depois: formação; implementação de tecnologias; negócios; ativismos; etc. Daí a importância de se dá importância ao agricultor/a e voz ao campo, insuficientemente pautado nas grandes mídias,

estereotipados pela descrença ruralista, sobretudo aos jovens rurais e atropelado pelo empresariado do agronegócio com matérias pagas.

Então, o SERTA promove o campo a partir das histórias de vida e a criatividade fabulosa do camponês para o desenvolvimento do campo, com a participação de protagonistas jovens, mulheres, homens, agricultores/as familiares do Nordeste brasileiro, de forma a legitimar a escola técnica e pedagogicamente tratar da nossa filosofia e os desafios de profissionalizar o campo e chegar mais perto do desejável mundo novo.

DIALOGANDO COM OS DOCUMENTOS – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DO SERTA – RECORTE ANALÍTICO 5.2.1

O Projeto Político Pedagógico da Instituição SERTA dialoga com a metodologia PEADS trabalhada no SERTA e fundamenta as ações do Curso Técnico em Agroecologia. O PPP apresenta cinco componentes que se alinham à metodologia e buscam interagir entre si. Os *princípios filosóficos* que direcionam as ações da Instituição, a *realidade* do cotidiano que dialoga com esses princípios, os *conteúdos* que decorrem dessa relação dialética que são selecionados e direcionados para o ensino e a aprendizagem dos estudantes e as *didáticas* utilizadas que possibilitam a aprendizagem desses conteúdos e o caminho traçado pela *metodologia* são percebidos nas interações e no planejamento e execução das ações desenvolvidas pelos estudantes, seja nos períodos de imersão ou no Tempo Comunidade. *Concepção de arte e educação no desenvolvimento e Concepção de pessoa* são princípios que norteiam a metodologia vivenciada no dia a dia da Instituição e contribuem para a organização e planejamento dos Projetos de Vida dos estudantes. O papel que a arte tem para transformar o olhar das pessoas sobre a realidade, como também a possibilidade de enxergar o que tem na sua essência dialoga com a capacidade de se enxergar a propriedade, a terra, o solo, as pessoas, o território de outra maneira possibilitando olhar ao seu redor, de forma diferente do que sempre estava acostumado a olhar. Tudo isso parece caminhar para a produção de significados que favoreçam o sentimento de pertencimento ao território e escolhas conscientes da realidade, com seus limites e possibilidades, em diálogo com aspectos subjetivos que fortalecem o sujeito. A arte e as

interações livres, por exemplo, favorecem dimensões de sentido para tudo o que é compartilhado coletivamente, mas que atravessa cada sujeito de forma única. A metodologia através desses princípios possibilita o olhar das pessoas sobre si mesmas e sobre o outro e determina o sentido que elas dão a suas vidas no mundo. Sentimentos de autoria, autoestima elevada, autoconfiança são responsáveis pelo desempenho durante o Curso e em suas trajetórias de vida. A metodologia desperta a crença e a valorização da pessoa, do estudante, como protagonista de sua aprendizagem, como corresponsável pelo dia-a-dia da convivência, como participante das ações no campo da inovação e da extensão. Há na proposta uma articulação intrínseca entre o que é projetado no curso e o que se espera nos projetos dos sujeitos. A sua vida, a sua realidade, as interações, as vozes presentes em seus enunciados tornam-se conteúdo do Curso Técnico em Agroecologia que parte da realidade do estudante no processo de ensino-aprendizagem.

5.2.2. Programa Educacional de Apoio ao desenvolvimento Sustentável (PEADS)

O Serviço de Tecnologia Alternativa SERTA tem como base metodológica o Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) (Apêndice 8.3) considerado referência em educação no ensino básico, na Educação Profissional Técnica de nível médio e superior e está consolidado na sua capacidade de criar, inovar e disseminar tecnologias apropriadas e interativas para contribuir e influenciar na efetivação de políticas públicas de Desenvolvimento Sustentável em nível de Brasil.

Para Moura (2015, p.48):

“A PEADS concentra, canaliza esse esforço comum de repensar filosofia, ciência, currículo didática, gestão, avaliação, sistema educacional, política pública, prática pedagógica à luz de um conjunto de valores, de concepções”. (MOURA, 2015, p.48).

A perspectiva do PEADS é de mobilização social para a construção de bases tecnológicas com foco no desenvolvimento sustentável do campo. Este processo implica investigar as atividades econômicas, compreender as variáveis que inibem o desenvolvimento local e dos territórios em que os sujeitos e educadores vivem e

atuam e pensar práticas sociais que levem a uma maior qualidade de vida e a uma transformação da realidade.

A trajetória do SERTA com as suas práticas e, principalmente, com a construção e consolidação do Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) visa transformar a intencionalidade em ação, conquistar os corações e as mentes dos sujeitos envolvidos no processo para ideias inovadoras e novas práticas, consolidar conceitos existentes a partir das experiências vividas e da interação com o outro social e compreende que há muito a se fazer e que o processo de transformação social precisa acontecer coletivamente e a partir das necessidades e realidades diversas.

A Metodologia, por sua vez, se desenvolve em quatro etapas, que serão apresentadas a seguir e acompanham todo o processo de ensino-aprendizagem bem como todas as atividades planejadas e vivenciadas no SERTA e na comunidade:

1ª ETAPA – A PESQUISA COMO CONSTRUTORA DO CONHECIMENTO

O ponto de partida da Metodologia do PEADS é pesquisar os conhecimentos, os saberes e as práticas que os educandos têm em suas vidas antes de participar da formação no SERTA. O SERTA entende que todas as pessoas, sobretudo, os jovens e adultos, ao chegar para um curso ou um serviço prestado pelo SERTA, já traz muitas vivências, práticas, saberes, conhecimentos. Não são “tábula rasa” que agora, a partir do curso, os professores vão preencher de conhecimentos. Não são “alunos = sem luz”, que chegando ao curso, os professores vão iluminá-los. Se vão começar uma nova aprendizagem, essa já encontra um terreno vivido que precisa ser levado em conta.

De antemão, o educador renuncia sua postura de sabedor e conhecedor da disciplina para acolher os educandos. Estes chegam curiosos, ansiosos, apreensivos e são acolhidos num ambiente de aprendizagem, onde cada um será protagonista, será valorizado, escutado, convidado a se apresentar, a se expor, a falar de si, de seu lugar, de sua experiência. Com essa acolhida, o educador já explicita o diferencial do curso e da escola. Aqui, quem chega, traz muita riqueza, é importante, será ouvido, sua experiência, seja qual for, pode ser assunto de aula. O professor vai valorizar, vai fazer referência. Não são números iguais aos outros, são únicos!

O educador sempre parte de um conhecimento prévio dos estudantes ou

através de uma pesquisa realizada pelos próprios estudantes, em que valorizam seus conhecimentos, suas capacidades, habilidades e vivências. Assim, o estudante sente-se valorizado, importante e protagonista da sua história e dos seus projetos de vida, uma vez que sua vida, seu cotidiano passa a fazer parte do currículo SERTA. O educador através dessa prática valoriza os estudantes, desperta neles a autoestima, respeita seus saberes e práticas que precisam ser levados em conta no dia a dia do curso. Esta pesquisa tem seus dados computados de forma pedagógica e científica, formando produtos de conhecimento.

2ª ETAPA – A ANÁLISE COMO APROFUNDAMENTO DOS CONHECIMENTOS PRODUZIDOS PELA PESQUISA

A aplicação da primeira etapa sempre traz conhecimentos e informações novas, resultado da fala, das respostas, dos depoimentos, dos testemunhos. Esses conhecimentos sempre chegam de forma parcial, fragmentada, individual, espontânea. É um estágio do conhecimento e da informação. Não são respostas certas ou erradas, corretas ou não. Mas são expressões das pessoas que começam a participar de um processo de construção de conhecimento e já começam como sujeitos, como autores da construção. São formas embrionárias de conhecimentos que mais adiante ganharão outro patamar.

Os conhecimentos produzidos durante a pesquisa são aprofundados pelo educador, elevando o patamar deste conhecimento, muitas vezes, frágil, parcial, fragmentado em um conhecimento mais amplo, completo e sistematizado. No ensino formal, é através das próprias disciplinas, da linguagem, da escrita, da leitura que estes conhecimentos passam a ser utilizadas sobre os assuntos pesquisados, sobre a vida dos próprios estudantes, sobre a sua comunidade, criando uma forma mais fácil dos mesmos aprenderem, pois estão tratando de assuntos da vida.

3ª ETAPA – OS PRODUTOS DE CONHECIMENTO QUE PROVOCAM AS AÇÕES

Depois que o educador construiu conhecimento com a participação dos educandos, dentro da metodologia, depois que trouxe a contribuição de novos autores, que elevou o nível de apropriação dos saberes, que deu mais consistência, valor científico e técnico, depois que sistematizou diagnóstico e construiu indicadores, como dar sequência a metodologia? Por princípio, o SERTA entende o

conhecimento como instrumento para a ação, para o bem, para a intervenção na realidade. Então, a terceira etapa metodológica é partir para a ação, para a aplicação do conhecimento adquirido à vida, ao trabalho, à família, à propriedade. Se as pessoas permanecerem como antes de ter o conhecimento, possivelmente não compreenderam o tema.

Na metodologia PEADS, nesta etapa a escola presta conta à comunidade dos resultados obtidos a partir da pesquisa e da análise de seus dados. A escola promove oportunidades de reunir pais e colegas, lideranças locais e autoridades para uma assembleia, onde os estudantes vão mostrar o que aprenderam, os produtos de conhecimento que construíram a partir das pesquisas e as ações que planejaram realizar a partir do levantamento dos dados. No caso do Curso Técnico em Agroecologia, os alunos junto à comunidade, fazem um levantamento dos problemas existentes e planejam, juntos, ações alternativas para sanar tais dificuldades. Para a vivência desses momentos e a partilha do que foi construído, utilizam recursos diversos, tais como, poesia, texto, canto, maquete, planilha, teatro, provocando sempre os participantes a assumirem novas posturas diante do problema que foi estudado e a não ficarem neutros diante do novo conhecimento. Essas ações dialogam com a educação popular, não formal, que usam estas assembleias também para prestação de contas, de encaminhamentos de ações concretas a serem assumidas diante do novo conhecimento construído.

4ª ETAPA – O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS VIVENCIADOS PELA METODOLOGIA

Finalmente, os educadores e estudantes vão trabalhar na avaliação e na sistematização dos conhecimentos que foram construídos ao longo de todo este processo. A avaliação é de forma ampla, alcançando não só os resultados pedagógicos da ordem dos conhecimentos, mas também, o processo, a participação das pessoas, as descobertas, os impactos econômicos, ambientais, subjetivos que essas ações provocaram na vida da comunidade e os valores, a solidariedade e a partilha de saberes diversos.

As etapas da metodologia nem sempre acontecem cronologicamente, ou seja, uma após a outra. Elas acontecem ontologicamente. Ou seja, estão presentes umas nas outras. Por exemplo, pesquisa tem especificamente na primeira etapa, mas têm também na segunda, quando se faz a análise dos dados para o aprofundamento.

Também está presente na terceira, quando as ações encaminhadas envolvem pesquisa e assim sucessivamente. As quatro etapas supõem avaliação e monitoramento, porém, na quarta etapa é específica, profunda e se avalia não só cada etapa, mas o processo como um conjunto.

Depois de um processo de pesquisa, análise e ação nas três etapas anteriores é chegado o momento de se avaliar qual foi o processo, como foi, que passos se conseguiu dar, que aprendizagens foram efetivadas, o que não foi bem e que precisa ser revisto, quais os níveis das aprendizagens, da colocação em prática, dos impactos gerados, quais as conquistas na vida pessoal, quais os avanços dos indicadores. É o momento da colheita do que foi semeado, da pesagem, da aferição dos produtos construídos ao longo das etapas anteriores.

Encerrando este ciclo das 4 etapas, a escola ou a instituição formadora seleciona um outro tema gerador para seguir as mesmas etapas metodológicas da vivência anterior.

Com esta metodologia diferenciada, não linear, participativa, as pessoas se sentem parte do processo e não tem como ficar de fora, sem se sentir protagonista e construtor da sua história.

Desde o início do processo, os sujeitos envolvidos se sentem responsáveis, desenvolvendo sentimentos de pertencimento, autoria, corresponsabilidade e participação em todo o processo de aprendizagem e planejamento das ações.

No planejamento das ações que serão vivenciadas no TC, por exemplo, pelos estudantes do Curso técnico em Agroecologia, é realizado, em um primeiro momento, o levantamento de informações sobre aspectos da propriedade rural, da comunidade e em seguida, estas informações são analisadas, sistematizadas e planejadas pelos grupos para que em um terceiro momento os resultados das ações sejam compartilhados, e por último sejam avaliados com ênfase na experiência vivida.

A linha seguida pelo PEADS é a de promover corresponsabilidades entre docentes, estudantes, familiares e comunidade para transformar as formas de produção econômica e as circunstâncias locais. O estudante é visto como sujeito do processo, não como objeto, pois quando o estudante é tratado como sujeito ele se empodera e transforma seu espaço de vida a partir da sua realidade.

Para Moura (2003, p. 50) “A escola deixou uma dívida social e histórica com os camponeses e com o meio rural quando educou, por décadas, as crianças e

os jovens, transmitindo os valores da cultura e da sociedade vigentes”

O PEADS transformou-se na identidade principal do SERTA, tendo como pontos fundamentais em sua metodologia: a escola, a família, o aluno como produtores de conhecimento; o adolescente e o jovem como protagonistas; a família como parceira pedagógica, para que coletivamente sintam construtores da sua história.

Nesta experiência educativa observam-se inovações, como por exemplo, na formação de Agentes de Desenvolvimento Local (ADL), onde o conteúdo pedagógico é discutido junto com os estudantes e com a comunidade, bem como as ações e atividades que poderão ser vivenciadas.

O PEADS visa à melhoria da qualidade de ensino das escolas do campo, com uma participação dos sujeitos que compõem a comunidade escolar, visando à autonomia da escola para que possa valorizar o modo de vida campesino e possa utilizar a pesquisa como metodologia de estudo, de investigação para uma mudança de paradigma e, assim, dialogar com as noções gerais de sustentabilidade nos princípios do desenvolvimento territorial e a Agroecologia.

Para Moura (2003, p.94)

“O PEADS não passa só pelo resgate da cidadania, da autoestima do agricultor, como também por uma redefinição do espaço rural, que engloba a dimensão cultural, produtiva, territorial, ambiental. Não se opõe à cidade ou ao urbano, completam-se e, quanto mais harmoniosos e valorizados forem os papéis e as relações, mais desenvolvimento será alcançado no território”. (MOURA, 2003, P. 94)

O SERTA compreende que o PEADS é uma metodologia livre (Tecnologia Social) que está disponível aos jovens, mulheres, professores, agricultores e agricultoras familiares, ou a qualquer outro público que esteja interessado em viver de forma sustentável, vista como um patrimônio espiritual e cultural que está a serviço da vida e da educação contextualizada, tendo em vista as contribuições para a transformação das circunstâncias locais a partir da realidade de cada um.

DIALOGANDO COM OS DOCUMENTOS – PEADS – RECORTE ANAÍTICO 5.2.2

O reconhecimento e respeito pelos saberes e a cultura dos sujeitos que integram o curso é uma característica percebida entre os educadores e os demais

integrantes do SERTA e vivenciada pelos estudantes nas diversas atividades do curso. A metodologia PEADS utilizada pelo SERTA tem como objetivo transformar esses saberes diversos em conhecimento científico, dialogando com os princípios da educação do campo que visam ao protagonismo dos sujeitos enquanto construtores da sua história.

Dessa forma, os estudantes reconhecem a necessidade e a importância de valorizarem sua cultura e seus saberes, que muitas vezes já dominam na vida cotidiana, através do domínio do conhecimento científico/oficial favorecido pelo SERTA e pela metodologia PEADS.

A partir desta perspectiva, os estudantes na condição de protagonistas na produção de conhecimentos, juntamente com as famílias e a comunidade são convidados a participar, especialmente com seus saberes tradicionais, da construção de uma educação voltada para os interesses dos povos que vivem na e da terra.

A metodologia PEADS além de valorizar esses conhecimentos e experiências contribui para o planejamento de ações coletivas que ajudam a transformar a comunidade e levam a uma conscientização da importância da participação de todos no processo de melhoria da qualidade de vida.

A PEADS vai transformando a realidade dos estudantes, da comunidade, pois vai saindo dos muros da escola, chegando na comunidade, transformando aquela realidade, ajudando o estudante, o agricultor, a ter uma visão diferenciada de mundo e juntos possam transformar o seu local e levar essas experiências a outras comunidades.

Essa metodologia dialoga com as vozes da educação do campo e pode ser percebida através dos discursos produzidos pelos estudantes que compõem as cadeias discursivas dentro e fora do SERTA.

5.3 TERCEIRO MOMENTO: ENUNCIATIVO – ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

O questionário, em anexo, teve a intenção de esclarecer alguns pontos referentes à caracterização dos participantes da pesquisa, relação dos estudantes com o campo, perspectivas em relação ao Curso Técnico em Agroecologia e seus Projetos de Vida a partir da proposta metodológica do SERTA, possibilitando uma confirmação, um aprofundamento ou uma reflexão diante das principais questões

apontadas pelos estudantes entrevistados.

Ressaltamos que nosso objetivo foi o de verificar as contribuições da proposta metodológica do SERTA em relação aos projetos de vida de seus estudantes e, mais especificamente, às vozes sociais que permeiam esse espaço educativo e com quem essas vozes dialogam nos enunciados dos estudantes. Nossa preocupação central, para além de verificar quais as vozes presentes nos discursos (ex.: família, amigos, campo, SERTA, trabalho, etc.), foi de identificar de que forma esses discursos estão relacionados ao sentimento de pertencimento à terra e aos projetos de vida dos estudantes e compreender como a proposta metodológica do SERTA contribui para a construção dos seus projetos de vida e qual a importância do curso em relação ao campo de possibilidades que se apresenta a esses estudantes após as vivências e partilhas experienciadas neste espaço educacional.

A partir da análise dos dados obtidos, identificamos algumas categorias discursivas que revelaram modos distintos de como os sujeitos se relacionam com o seu território, como eles veem o campo, as expectativas em relação ao curso Técnico em Agroecologia e a relação do curso Técnico em Agroecologia com seus projetos de vida.

Os discursos dos estudantes são repletos de significados e sentidos, pois seus enunciados são carregados das muitas vozes que estão presentes na formação que recebem tanto no Curso Técnico em Agroecologia quanto nas suas relações pessoais e coletivas, nos espaços que transitam no *Tempo Escola* e no *Tempo Comunidade*, assim como em outros espaços que constituem a inter-relação social desses indivíduos num processo de comunicação ideológico-verbal.

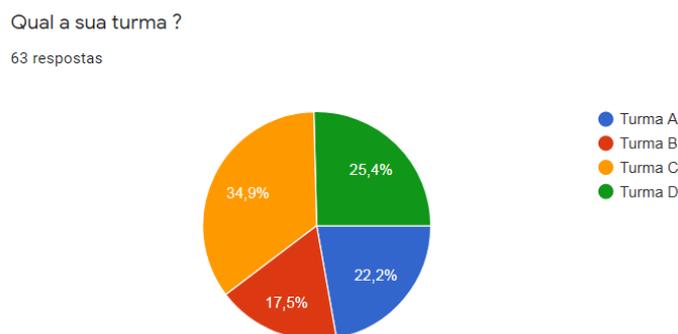
Analisar esses enunciados nos proporcionou uma determinada compreensão sobre que significados e sentidos são construídos sobre o campo, sobre o curso e seus projetos de vida.

Através dos questionários, pudemos perceber algumas dimensões de sentido presentes nas respostas dos estudantes que apontam para algumas transformações originadas após o início do Curso Técnico em Agroecologia e sobre o sentido de ser e pertencer ao campo.

5.3.1. Caracterização dos Participantes

Os sujeitos participantes de nossa pesquisa foram estudantes das turmas A, B, C e D respectivamente, como constatado no Gráfico 1, do Curso Técnico em Agroecologia da Instituição SERTA, no ano de 2019.

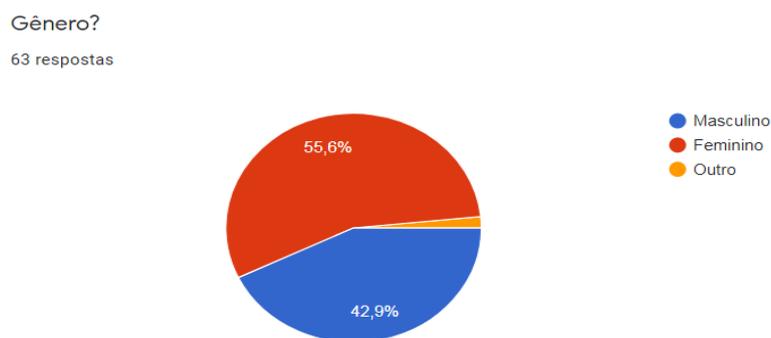
Gráfico 1 - Turma dos participantes



Fonte: Própria Autora

Nesta pesquisa participaram 60 estudantes representando as quatro turmas da Instituição SERTA, sendo 33 do sexo feminino, 26 do sexo masculino e 1 que se identificou como de outro gênero, conforme Gráfico 2.

Gráfico 2 - Gênero dos participantes



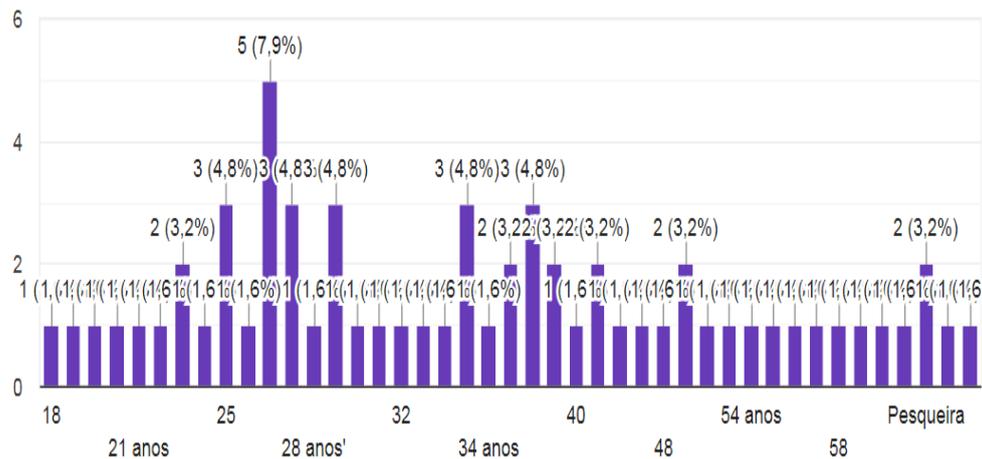
Fonte: Própria Autora

A média das idades dos estudantes participantes da pesquisa variou entre 18 anos e 64 anos, conforme pode ser visualizado no Gráfico 3:

Gráfico 3 - Idade dos participantes

Qual a sua idade?

63 respostas



Fonte: Própria Autora

Esta seção teve o objetivo de identificar alguns dados dos participantes da pesquisa referentes à turma, gênero e idade.

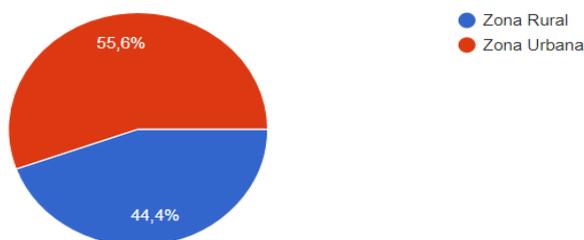
5.3.2. História de Vida

Em um primeiro momento, achamos relevante identificar, a partir dos questionários realizados, onde os estudantes vivem atualmente, qual a relação que mantêm com o campo e quais as transformações percebidas de si mesmo após o início do Curso Técnico em Agroecologia.

Gráfico 4 - Residência dos participantes

Onde você mora atualmente?

63 respostas



Fonte: Própria Autora

Como pode ser verificado no Gráfico 4, a maioria dos participantes da pesquisa reside na zona urbana. Porém, mesmo que mais de 50 % dos estudantes entrevistados vivam atualmente na zona urbana, de algum modo, como veremos nos enunciados apresentados nas categorias discursivas analisadas a seguir, esses sujeitos apresentam vozes carregadas de sentido ligadas ao campo.

5.3.2.1. Relação com o campo

Quando indagados sobre qual a relação com o campo (viveu no campo? sua família vive no campo? Tem curiosidade sobre a vida no campo?) Encontramos categorias discursivas cujos enunciados dialogam fortemente com múltiplas vozes, como veremos no Quadro 1 - Relação com o campo

Quadro 1 - Relação com o campo

Categoria	Explicação - Enunciados dialogam com...	Exemplos (SIC)⁵
Família (24)	Vínculo familiar que se liga ao campo	“nasci, cresci e vivo no campo” “Sempre morei no campo junto com minha família”

⁵ SIC – advérbio de origem latina, traduzido como “assim estava escrito”. Usado entre parênteses depois de uma palavra, expressão ou frase, para indicar que a citação é textualmente exata como no texto de origem, incluindo erros gramaticais ou ortográficos, ou qualquer outro problema que poderia ser considerado erro de quem transcreveu.

Migração (15)	Processo migratório: migração do campo para a cidade e da cidade para o campo.	<p>“minha família vem da roça viver no urbano, ou seja, êxodo rural, eu que estou regredindo para a natureza”</p> <p>“a minha vivência foi cerca de 40 anos quase completamente cidade, com a imensa vontade de mudar para o campo”</p> <p>“penso em viver no campo futuramente”</p> <p>“Meus avós eram do campo e foram para a Cidade, eu estou fazendo o caminho inverso. O campo para mim é um retorno a origem”</p>
Trabalho (5)	Trabalho ligado ao campo	<p>“a instituição que trabalho tem vínculo direto na linha do controle social das políticas sociais públicas, meio ambientes, economia popular solidária e geração de emprego e renda”</p> <p>“Nasci no interior onde a principal atividade é a rural, em sítios e monocultura da cana. Nesta segunda, trabalhei por 7 anos”.</p>
Agroecologia (4)	Agroecologia e a agricultura familiar	<p>” Se sinto muito feliz no campo, quanto mais simples a vida, maior o sorriso. Poder se alimentar bem, comida sem veneno é muito valioso pra mim, além do contato próximo</p>

		com a natureza” Meus pais foram agricultores e eu sempre trabalhei mais eles”
Curiosidade (3)	Curiosidade pessoal sobre a vida no campo	“Curiosidade sobre a vida no campo” “muita curiosidade mesmo” “Curiosidades. Nunca morei no campo até fevereiro passado. Apenas, na infância, passava minhas férias na casa de minha avó e visitava vez por outra sítios, roças de tios e conhecidos”
Vivência (3)	Vivência do sujeito no campo	Já vivi por dois anos em zona considerada rural “Vivi próximo ao campo, pertinho da floresta, então sempre tive contato com o campo”
Bucolismo (2)	Visão romantizada sobre o campo	“me sinto muito feliz no campo... próximo com a natureza” “Encantamento”
Movimentos sociais (1)	Movimentos sociais	“não vivo no campo nunca morei, mas tem relação por ser uma liderança do MST movimento de libertação dos sem-terra em Alagoas”

Fonte: Própria Autora

A categoria *Família*, como percebemos em algumas respostas, remete a vozes que dialogam de alguma maneira com um vínculo familiar com o campo, ou seja, vivem ou viveram no campo com sua família. Esta foi a categoria mais expressiva, abarcando 24 das respostas enunciadas. Essa aproximação com o

campo, apesar de, a maioria dos participantes residir hoje na zona urbana, nos mostra que esses estudantes mantêm uma relação de proximidade com a terra, com a natureza, com o campo através das relações familiares.

Na categoria *Migração*, os enunciados dos estudantes nos mostram que alguns sujeitos percebem o campo como espaço de vida e de possibilidades e como uma saída para uma vida sustentável. Quando os sujeitos enunciam o interesse em migrar da cidade para o campo, estão indo de encontro a vozes que propagam a ideia de que sair do campo e ir para a cidade é a melhor saída para se ter uma melhor qualidade de vida.

Particularmente, para fins deste trabalho, a categoria *Migração*, principalmente da cidade para o campo, nos chama a atenção por estar diretamente ligada aos projetos de vida dos estudantes e por apresentar, a partir dos enunciados dos participantes, a possibilidade de um retorno a suas origens e a motivação de ter uma melhor qualidade de vida no campo, dialogando com vozes presentes na metodologia do curso que veem o campo como espaço de vida sustentável e de oportunidade para um maior contato com a natureza.

A procura de um curso como o ofertado pelo SERTA aponta para um interesse dos participantes em se aproximarem e entenderem mais sobre Agroecologia, que vem se apresentando, mais do que uma disciplina, como uma filosofia de vida, por estar ligada diretamente à terra, à natureza e por entender que é por meio da Agroecologia que se pode proporcionar a regeneração do meio em que vivemos.

Alguns enunciados dialogam com vozes variadas, entre elas a da esfera trabalhista, como na categoria *Trabalho*, que indicam preocupação e necessidade de se aproximarem do campo, visto que suas atividades estão diretamente relacionadas à vida no campo. Parece-nos pertinente refletir sobre o cruzamento entre esta categoria e os projetos de vida, uma vez que a aproximação com o SERTA poderá fornecer significados necessários a ampliar as possibilidades já desenvolvidas nas situações de trabalhos em que se encontram.

Agroecologia e *Agricultura* familiar aparecem nos enunciados, remetendo à ideia de que o campo é lugar de viver e cultivar, por proporcionar uma vida simples e sustentável e, conseqüentemente, levar a transformações no que diz respeito à qualidade de vida, fazendo referências a vozes que defendem a Agroecologia como estilo e filosofia de vida, apresentando uma maneira diferenciada de ver e tratar o

solo e conseqüentemente um respeito e contato maior com a mãe terra.

Já na categoria *vivência*, estão os enunciados que evidenciam alguma experiência dos sujeitos com a vida no campo, em ter contato como o campo, dialogando com vozes que defendem que o campo é espaço de vida, de retorno às origens e à natureza, conseqüentemente, espaço de vivências e experiências sustentáveis.

Duas categorias parecem distanciar-se de uma relação com vozes que nos façam perceber intencionalidades concretas dos sujeitos para a vida no campo, são elas *Curiosidades* e *Bucolismo*.

A categoria *Curiosidades* traz enunciados de alguns sujeitos que remetem a uma curiosidade sobre a vida no campo, apontando para vozes que não percebem o campo como um espaço de vida, de tensões, de lutas, logo não veem o campo como um espaço diversificado e de muita resistência. Estes sujeitos não têm, entre as motivações que levaram ao curso, uma relação mais fundamentada com um possível projeto para suas vidas, já que as curiosidades parecem dialogar muito mais com uma visão de desconhecimento do que seria o campo, despertando curiosidades, do que por ver neste campo um lugar para o qual projetar-se no futuro.

Na categoria *Bucolismo* os enunciados dos sujeitos apontam para vozes que veem o campo como um espaço romantizado, demonstrando um certo encantamento, típico da visão preconizada por discursos sobre o campo que não favorecem sua visibilização como lugar de vida. Ressaltamos que esta visão romantizada se afasta das vozes preconizadas pela Educação do Campo, por invisibilizarem a história, a cultura, os saberes dos povos do campo, dialogando, assim, com a ideia de que o campo é um lugar de gente romanticamente feliz, em contato com a natureza, um lugar de gente que não tem história e que não luta, indo de encontro às vozes da Educação do Campo, que evidenciam o campo como espaço de vida e de saberes diversos. Este discurso romantizado não favorece a luta por uma educação do campo e para o campo, travado por vários movimentos sociais, afastando-se do que é preconizado nos documentos que pautam a metodologia PEADS, como por exemplo, valorização dos saberes tradicionais dos sujeitos para a construção de uma educação voltada para os interesses dos povos que vivem na e da terra, contribuição para a autonomia e protagonismo dos sujeitos para a transformação da realidade em que vivem.

Por outro lado, apenas uma categoria traz enunciados que dialogam com vozes que remetem às lutas da educação do campo mais diretamente, como na categoria *Movimentos sociais*, que veem o campo como espaço de lutas e resistência, percebido no discurso de um participante ao apontar para a necessidade de lutarem pelo direito à terra e por melhores condições de vida, para a libertação dos trabalhadores sem-terra (MST) e para uma vida sustentável no campo. No entanto, apenas um participante convergiu para tais vozes sociais.

DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 1 – RELAÇÃO COM O CAMPO - RECORTE ANALÍTICO 1

No geral, os enunciados dos entrevistados para a pergunta sobre sua *Relação com o Campo* remetem a uma relação aparente de interesse em conhecer melhor o campo, em ter uma vida sustentável, seja por um vínculo familiar, ou o trabalho ligado ao campo, seja através da luta dos movimentos sociais pelo direito à terra, ou por terem como projetos de vida voltar a viver no campo futuramente, tendo a agroecologia como uma saída para a transição de uma vida sustentável no campo. Desse modo, destaca-se a categoria *Migração*, quantitativamente incluindo um número maior de enunciados dos sujeitos, sendo relevante para nosso objeto de estudo, pois o interesse de migrar para o campo, pode entrecruzar-se fortemente com uma orientação aos projetos de vida, buscando o SERTA como espaço para essa possível migração. Uma categoria remete às lutas sociais no campo, alinhando-se às vozes da Educação do Campo em seus ideais de transformação. Há, também, categorias que não dialogam com a Educação do Campo ou com a proposta educacional do SERTA, por carregar valores ligados a uma visão vaga sobre o campo (Curiosidades e Bucolismo). Isso nos permite perceber, nas turmas analisadas, que a maioria dos estudantes tem, em suas próprias histórias de vida, movimentos iniciais que favorecem o desenvolvimento de significados e sentidos relacionados ao campo, pelo SERTA.

5.3.2.2. Transformação de si mesmo após o início do Curso Técnico em Agroecologia

Quanto à questão *O que mudou para você depois do início do curso Técnico em Agroecologia do SERTA?*, encontramos discursos carregados de vozes que permeiam as atividades vivenciadas neste espaço educativo, algumas vozes dialogando mais diretamente com a metodologia da instituição, uma vez que esta pensa o aluno como ser de direito e construtor da sua história, de forma emancipatória e participativa. Outras vozes dialogam com o sentimento de pertencimento ao campo, à terra, ao seu território, bem como discursos que remetem à (re)construção de seus projetos de vida. Diversas categorias discursivas encontradas apontam para a importância do curso e de suas vivências no que diz respeito à maneira de ser consigo e de ser com o outro, impactando na maneira de se relacionar com as pessoas e com a comunidade a qual pertence, como pode ser percebido no Quadro 2:

Quadro 2 - Transformações após o início do curso

Categorias	Explicação Enunciados que dialogam com vozes sociais para...	Exemplos
Cotidiano Campesino (17)	Mudanças na maneira de lidar e tratar a terra, enxergar o campo.	<p>“Impossível listar. Desde a primeira imersão que não consigo mais ver várias práticas cotidianas com o mesmo olhar. Os galhos que eram lixo virou biomassa. As plantas “invasoras” não são mais arrancadas.</p> <p>“mudou muita coisa, inclusive a forma de enxergar o campo com outros olhos”</p> <p>“Mudou o meu jeito de plantar e de me alimentar, o manejo</p>

		com o solo cobertura de solo que antes eu não fazia isso”
Ser consigo e ser com o outro (17)	Maneira de ser e viver que impactam nas relações sociais	<p>“minha relação com as pessoas, e minha visão com as pessoas que trabalham no campo”</p> <p>“O interesse pelo trabalho coletivo. participação em mutirões agora é multiplicada. Aumentou o desejo de estar mais em contato com as pessoas e menos com as tecnologias...”</p> <p>“Melhoria nas minhas relações interpessoais, ascensão na minha saúde mental e aumento na esperança e efetivação dos meus sonhos e futuro”.</p>
Trabalho (6)	Transformação na relação com o trabalho, com a Educação a partir de novos conhecimentos possibilitados pelo SERTA	<p>“Muita coisa, inclusive em relação ao trabalho, na instituição que hj coordeno. Talvez tenha me ajudado a uma visão mais coletiva e no respeito ao outro”</p> <p>“Minha compreensão de educação”</p> <p>“O SERTA me oportuniza, são tantas as portas abertas, as oportunidades não param de bater a porta, de abrir as portas, quero dizer. O aprender a aprender se renova, gosto pra estudar a muito perdido”</p>

Agroecologia (5)	Interesse pela agroecologia, permacultura e uma vida mais saudável	<p>“Estar atenta às pequenas coisas, o conhecimento da permacultura e a forma de ser e existir historicamente do SERTA. O amor pela agroecologia”</p> <p>“A disciplina do estudo da agroecologia e suas práticas e os contatos, laços e parcerias que se formaram”</p> <p>“trabalhar de uma forma mais Agroecologica”</p>
Movimentos Sociais (3)	Maior engajamento social, consciência política	<p>“estou politicamente mais consciente”</p> <p>“Discussões políticas constantes, comunicando com diversas”</p>
Participação (3)	Participação mais efetiva nas atividades proporcionadas pelo SERTA	<p>“ser mais participativo e dinâmico”</p> <p>“Bem, uma coisa que o SERTA me fez perder foi a timidez e hoje consigo me expressar mais fácil”</p>
Pertencimento (1)	Sent Sentimento de pertencimento ao campo, à terra	<p>“me trouxe uma visão profunda e realista do meio ambiente, me acendeu o sentimento de pertencimento, de cuidado coletivo e individual”</p>
Empoderamento (1)	Transformações nas relações de poder	<p>“Empoderamento enquanto ser”</p>
Bucolismo (1)	Encantamento sobre o campo, mais leveza.	<p>“Maior engajamento nas lutas, mais leveza, alegria junto a</p>

		natureza”
Outros (6)	Fogem do tema ou são vagos.	“Estou cada vez mais ciente de qual é a minha jornada” “Saber que eu to no caminho certo

Fonte: Própria Autora

Para as transformações percebidas após a entrada no curso, os enunciados da categoria *Cotidiano Campesino* indicam mudanças na maneira de lidar e tratar a terra, de enxergar o campo. A partir dos enunciados dos estudantes, percebemos que o curso possibilitou uma maior compreensão e aproximação dos sujeitos com a agroecologia e com a proposta de uma vida mais sustentável no campo, a partir das técnicas e partilhas vivenciadas durante o curso e com a maneira de lidar com a terra. Segundo os enunciados dos participantes, o curso proporcionou maneiras diversas de enxergar o campo com mais cuidado, com possibilidades de transformação, inclusive a forma de olhar e tratar a terra, a forma de olhar a vida, o entorno, tendo uma visão mais profunda e mais realista do meio ambiente, despertando, assim, um sentimento de pertencimento à terra, melhoria nas relações interpessoais, o interesse pelo trabalho coletivo, participação em mutirões, o desejo de estar mais em contato com as pessoas, bem como a visão sobre as relações de produção e a importância de conhecer melhor o território, a confiança para projetar seus projetos de vida e também poder ajudar outras pessoas a se encontrarem no mundo.

A categoria *Ser consigo e Ser com o outro* apresenta enunciados que indicam mudanças na maneira de ser e viver dos estudantes, autoestima em relação às habilidades e conhecimentos que terão ação na vida pessoal e coletiva e que impactam nas relações sociais. Alguns enunciados apontam para mudanças pessoais que dialogam com a maneira como o SERTA valoriza o campo e seu povo, como permite o protagonismo de seus estudantes e como promove o sentimento de afirmação entre uns e contribui para a formulação de sentidos para outros, tendo a Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) como norteadora para as atividades realizadas no Tempo Escola (TE) e no Tempo Comunidade (TC).

A categoria *Trabalho* sugere uma mudança na forma de pensar, trabalhar e se relacionar com os colegas. Os enunciados ressaltam transformações na relação

com o trabalho, com a Educação e indicam que o SERTA proporciona possibilidades de novos aprendizados e conhecimentos, pois abre portas para o aprender a aprender, dialogando com a metodologia que percebe o estudante como protagonista e construtor da sua história.

O interesse em ter um conhecimento mais aprofundado sobre práticas sustentáveis e como trabalhar de forma agroecológica apareceu na categoria *Agroecologia*, bem como um conhecimento maior sobre Permacultura, dialogando com a proposta do Curso Técnico em Agroecologia que valoriza o campo e percebe a agroecologia como uma alternativa sustentável para o campo.

Nesse aspecto, a partir dos enunciados nas respostas, percebe-se que o curso favoreceu mudanças significativas para a vida pessoal e profissional desses sujeitos, uma vez que proporcionou uma nova maneira de ser e estar no mundo, de enxergar o campo, a sua propriedade, de lidar com a terra,

Alguns enunciados dialogam com os ideais dos movimentos sociais que veem o campo como espaço de vida e de possibilidades e mostram um despertar para um maior engajamento social e para uma consciência política, participativa e mais dinâmica como percebemos na categoria *Movimentos sociais*, que dialogam com vozes dos movimentos sociais por uma Educação do Campo que pensa a educação a partir da realidade.

O SERTA, segundo os enunciados presentes na categoria *Participação*, permite ao estudante um maior engajamento e participação nas atividades proporcionadas e vivenciadas no dia a dia da instituição, pois vê o aluno como detentor de saberes diversos e capaz de participar e compartilhar esses saberes coletivamente.

A categoria *Pertencimento* aponta para um despertar do sentimento de pertencimento à terra, ao campo, como forma de valorizar esse espaço como um espaço de possibilidades de crescimento individual e coletivo. Assim, a formação recebida no curso parece indicar, na polifonia percebida, uma maior aproximação dos estudantes com o campo.

A categoria *Empoderamento* acentua a ideia de protagonismo e empoderamento dos estudantes enquanto sujeitos que se relacionam e interagem com outras pessoas. Enunciados que ressaltam transformações nas relações de poder dialogando com a filosofia do SERTA que acredita no poder de transformação do sujeito e do meio ambiente a partir das escolhas que estes farão.

Entre as categorias, encontramos enunciados que indicam um encantamento sobre o campo, mais leveza junto à natureza, como na categoria *Bucolismo* que vê o campo como um espaço belo, leve, alegre, dialogando com as vozes que não enxergam o campo como espaço de gente que luta, que sofre, que batalha e que vive. Reforçando a ideia de uma romantização sobre o campo e sobre as pessoas que ali vivem.

Na categoria *Outros* encontramos alguns enunciados que aparentam um contentamento em estar no SERTA, por entender que estão no caminho certo e saber que o curso faz parte das suas escolhas. No geral, os enunciados não apontam uma relação, fogem do tema ou são vagos.

**DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 2 –
TRANSFORMAÇÕES APÓS O INÍCIO DO CURSO - RECORTE
ANALÍTICO 2**

Os enunciados dos entrevistados que tiveram um quantitativo maior nas respostas para a pergunta sobre *Transformações após o início do curso* são *Cotidiano Campesino* e *Ser consigo e ser com o outro*, com 17 participantes em cada uma dessas categorias. Elas chamam atenção por suas relações subjetivas com o campo, uma vez que dialogam com vozes que impactam em transformações nas formas de ser e conviver, e na forma de perceber o campo. As categorias *Pertencimento e Empoderamento* também indicam essas transformações de ordem mais subjetiva nos participantes, diferente, por exemplo, da categoria *Trabalho*, que explicita uma rede dialógica com vozes sociais relacionadas aos significados compartilhados pelo SERTA, em um nível mais conceitual, referindo-se aos conhecimentos aprendidos. Outras observações relevantes que podemos chamar atenção aqui, relacionando-se aos Projetos de Vida, são as categorias que contemplam os enunciados que apontam para um interesse em compreender de forma mais aprofundada práticas sustentáveis e agroecológicas bem como um conhecimento maior sobre Permacultura como alternativas para uma vida sustentável no campo. Percebe-se que o curso favoreceu mudanças significativas na vida pessoal e profissional, pois dialoga diretamente com percepções e o desejo de mudanças dos sujeitos participantes desse processo.

5.3.3. Instituição SERTA

Tendo em vista a atuação da instituição em diversos aspectos da vida individual e coletiva dos estudantes que permeiam este espaço educativo e com o objetivo de entender um pouco a motivação ou interesse dos sujeitos em procurar o Curso Técnico em Agroecologia, bem como perceber a importância das atividades realizadas no Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC), acompanhar a vivência da metodologia pelos estudantes, compreender o espaço da instituição enquanto espaço de sociabilidades e analisar a relevância desses aspectos para a construção dos projetos de vida dos estudantes, dividimos as respostas obtidas no questionário em 5 seções que serão exploradas abaixo, com suas categorias discursivas:

5.3.3.1. Motivação/ Interesse

Para compreender um pouco sobre a motivação ou interesse dos alunos em procurar o Curso Técnico em Agroecologia, fizemos a seguinte pergunta: *O que despertou o interesse ou motivou você a procurar o Curso Técnico em Agroecologia do SERTA?*

Nas respostas dos estudantes, Quadro 3, encontramos algumas categorias discursivas que apresentam enunciados permeados pelas vozes da metodologia do SERTA, que dialogam entre si e fundamentam esses discursos, desde o interesse em se aproximar da Agroecologia para a transição de uma vida mais sustentável no campo, melhorar a qualidade de vida e a propriedade em que vive, até a melhoria de suas relações pessoais e interpessoais.

Quadro 3 - Motivações ou interesse em procurar o Curso Técnico

Categorias	Explicação Enunciados que realçam vozes sociais sobre...	Exemplos
Agroecologia (19)	Interesse em conhecer e se aproximar mais da Agroecologia e da Permacultura	“Aprofundar o conhecimento sobre agricultura agroecológica e tecnologias alternativas, fazer uma nova

		<p>rede de amigos e parceiros e compartilhar dos meus singelos conhecimentos”</p> <p>“Capacitação em Permacultura”</p> <p>“A necessidade de apropriação técnica da agroecologia, tanto para atuar no meu sítio, como em outras comunidade”</p>
Cotidiano campesino (19)	Melhoria da qualidade de vida e da propriedade em que vivem através de novos conhecimentos adquiridos no SERTA.	<p>“Aprimora os conhecimentos pra ter melhor qualidade de vida no campo”</p> <p>“Desenvolver técnicas para viver de uma maneira agroecológica pois assim estarei vivendo em sintonia com a mãe terra”</p> <p>“Transformar minha propriedade e a dos vizinhos por meios de práticas e tecnologias aplicadas e ensinadas no SERTA”</p>
Metodologia (5)	Metodologia aplicada no SERTA	<p>“Transformar minha propriedade e a dos vizinhos por meios de práticas e tecnologias aplicadas e ensinadas no SERTA.</p> <p>“A maneira e a metodologia de como ser protagonista no meio rural e na agricultura”</p>
Trabalho (4)	Transformações em relação ao trabalho	<p>“A necessidade de fazer a transição para práticas mais</p>

		<p>sustentáveis e multiplicar no sistema educacional conhecimentos para o desenvolvimento sustentável tanto profissionalmente quanto na minha vida pessoal”</p> <p>“Exatamente pela necessidade de ampliar os conhecimentos e aplica-los no meu trabalho”</p> <p>“Foi através do meu trabalho no Porto de Suape. Estamos buscando expandir os conhecimentos agroecológicos para serem aplicados no Porto”</p>
Migração (4)	Migração da cidade para o campo	<p>“A possibilidade de aprender tecnologias para estruturar uma saída da urbanização e poder bem viver no campo”</p> <p>“Gosto muito do campo e pretendo terminar minha vida no campo, fazendo o que vou aprender no SERTA”</p>
Movimentos Sociais (3)	Maior engajamento e militância social	<p>“Participo do movimento agroecológico há alguns anos e vi nesse curso técnico uma oportunidade de socializar conhecimentos”</p> <p>“Melhor qualidade de vida, militância social, política e ambiental”</p>

Indicação (3)	Interesse em procurar o curso através de indicação de amigos ou egressos	“Fui indicado por um amigo” “Conversar com egressos que fizeram o curso”
Ser consigo e ser com o outro (1)	Mudanças nas relações pessoais e interpessoais	“Aprender à cuidar eticamente da terra e tiver da Agrofloresta. Reencontrar comigo mesmo, com minha essência...”
Outros (2)	Enunciados que não apontam nenhuma motivação em procurar o curso ou fogem do tema.	“Estou graduando em Arquitetura e procurei formas de interseccionar o estudo formal e urbano com o saber tradicional e o trabalho braçal”

Fonte: Própria Autora

A busca por novos conhecimentos, principalmente sobre agroecologia e permacultura, que levem a uma melhor qualidade de vida no campo, de maneira sustentável, foi muito destacada nos discursos da categoria *Agroecologia* uma vez que dialoga com vários discursos que circulam no SERTA e que destacam a importância desses saberes e práticas para transformações significativas na vida dos estudantes. A busca por novos conhecimentos e novas técnicas aparece como motivações para procurarem o Curso Técnico em Agroecologia do SERTA e como uma saída para atuarem no meio em que vivem, seja na sua propriedade, seja em outras comunidades, acreditando assim na regeneração da natureza através de práticas sustentáveis no campo. Os discursos também apontam para motivações para estudar, compreender e aperfeiçoar técnicas agroecológicas.

A categoria *Cotidiano Campesino*, através dos enunciados dos estudantes, reforça a ideia de que os sujeitos que permeiam os espaços da instituição SERTA se reconhecem como sujeitos de direito, construtores da sua história, além de reconhecerem a importância do curso para a melhoria da qualidade de vida. e da propriedade em que vivem para uma maior sintonia com a natureza, através de novos conhecimentos adquiridos no SERTA. Os enunciados dialogam com vozes

que circulam no SERTA, pois apontam para uma preocupação e necessidade de que esses sujeitos adquiram novos conhecimentos, novas tecnologias para que possam ser aplicados no meio em que vivem, seja na sua propriedade ou na sua comunidade com mais segurança e possibilidade de transformação e que tragam impactos positivos na vida de todos.

A partir da análise das categorias, pudemos perceber que as motivações ou interesse em procurar o Curso Técnico em Agroecologia dialogam com vários aspectos enfatizados pelo SERTA e que servem de referência para os estudantes, como por exemplo, a *Metodologia* PEADS que possibilita ao estudante ser protagonista no meio em que vive através das tecnologias e técnicas aprendidas no curso e de várias maneiras de transformar a sua propriedade e a comunidade na qual está inserido de maneira sustentável através dos princípios da Agroecologia e da Permacultura.

Na categoria *Trabalho* encontramos enunciados que dialogam com vários discursos que circulam no SERTA que ressaltam a importância de transformações na vida dos estudantes, seja no âmbito pessoal ou em relação ao trabalho. Esses enunciados apontam para uma necessidade de transição para práticas sustentáveis no campo com a possibilidade de multiplicação dessas práticas no seu espaço de trabalho, bem como no sistema educacional que leve a uma melhoria na qualidade de vida, tanto pessoal, quanto profissional.

Também percebemos a partir da categoria *Migração* enunciados que apontam para uma migração da cidade para o campo dialogando com discursos que apontam para uma necessidade de aprender novas técnicas para uma possível migração da cidade para o campo, possibilitada a partir das tecnologias que são aprendidas durante o curso, das experiências e partilhas dos saberes com outros colegas de curso, com a família e com a comunidade.

Os discursos da categoria *Movimentos Sociais* indicam um maior engajamento e militância social a partir do início curso e aparece como uma oportunidade de uma maior conscientização, bem como aponta para o interesse em participar de vários movimentos: social, político e ambiental e aponta uma oportunidade de socializar esses conhecimentos e, a partir daí, pode exigir uma maior participação dos companheiros nas comunidades, assentamentos e acampamentos em que estão inseridos.

Alguns estudantes na categoria *Indicação* apresentaram enunciados que

apontam para o interesse em procurar o curso através de indicação de amigos ou egressos do SERTA.

As categorias *Ser consigo e Ser com o outro* através dos enunciados dos estudantes, apontaram que a formação recebida no curso leva a melhorias e transformações pessoais e interpessoais no que tange à forma de significar e ressignificar o campo, que é concebido pela sua diversidade e possibilidades de intervenção de forma mais sustentável, buscando, a partir das vivências e das práticas, melhorar a sua propriedade e a comunidade na qual está inserido.

A organização das categorias nos ajudam a compreender as vozes que norteiam os enunciados dos estudantes, no entanto, alguns discursos estão permeados por outros discursos presentes em mais de uma categoria, ou seja estão perpassados por mais de uma ideia, como percebemos nos enunciados de alguns estudantes que remetem ao *Cotidiano Campesino*, à *Agroecologia*, entre outras, em que fica enfatizado o desejo de uma maior apropriação dos conhecimentos agroecológicos para uma vida melhor e mais sustentável no campo a partir da *Metodologia* e das técnicas aprendidas no curso.

A categoria *Outros* aponta justificativas que não se inserem em nenhuma categoria acima analisada. Enunciados que não apontam nenhuma motivação em procurar o curso ou fogem do tema

DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 3 – MOTIVAÇÕES OU INTERESSE EM PROCURAR O CURSO TÉCNICO - RECORTE ANALÍTICO 3

Interessante perceber que algumas categorias advindas das motivações ou interesse em procurar o curso do SERTA são semelhantes às observadas no Recorte analítico 2, sobre as transformações que percebem em si, após o início do curso, como analisado anteriormente. No entanto, para esta questão, destaca-se que parte considerável dos estudantes buscaram o curso do SERTA, motivados pela Agroecologia, na busca por conhecimentos sobre o tema específico do curso em foco. As categorias *Agroecologia* e *Cotidiano Campesino*, as mais significativas com 19 participantes em cada uma, apontam para mudanças significativas na maneira de se relacionar com o outro, de enxergar a natureza e de ver a

Agroecologia como uma saída para uma vida sustentável no campo. Isso, de algum modo, pode indicar que suas motivações estão sendo contempladas pelo curso e dialogam com vários discursos que circulam no SERTA, em relação a tais interesses. Outras categorias que classificamos apresentam enunciados que dizem respeito à *Migração*, mais uma vez destacando-se o interesse em migrar da cidade para o campo, que implica uma busca de aprofundar conhecimentos que favoreçam um projeto de vida no campo. Além disso, alguns enunciados indicam um maior engajamento social e apontam o curso como oportunidade de conscientização e possibilidade de, através de uma maior militância, socializar esses conhecimentos adquiridos, além de despertar o sentimento de pertencimento ao lugar onde vive e contribuir para a transformação da realidade.

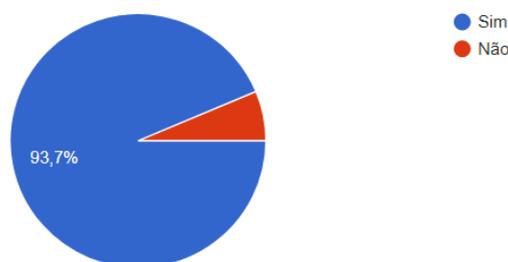
5.3.3.2. Satisfação / Insatisfação

Em relação à questão: *O Curso Técnico em Agroecologia do SERTA está correspondendo às suas expectativas?* Tivemos 93,7 % dos entrevistados que responderam *SIM*, e 6,3% responderam que *NÃO*, conforme Gráfico 5:

Gráfico 5 - Expectativa dos participantes em relação ao Curso

O Curso Técnico em Agroecologia do SERTA está correspondendo às suas expectativas?

63 respostas



Fonte: Própria Autora

Os entrevistados indicaram, em questão fechada para sim ou não, que estão satisfeitos (93,7 %) com o curso e com a sua metodologia. O gráfico acima nos mostra que apesar de a maioria dos estudantes se mostrarem satisfeitos com a metodologia e a forma como o SERTA conduz suas atividades, tivemos 6,3% dos

estudantes que se mostraram, em seus discursos, insatisfeitos com alguns aspectos em relação ao Curso Técnico em Agroecologia.

Foi solicitado que os participantes justificassem a sua resposta. Neste item, apresentaremos apenas o quadro 4, referente às categorias presentes nos discursos que remetem a uma *Insatisfação* dos estudantes no que diz respeito às atividades práticas desenvolvidas durante o curso, como mostraremos no Quadro 4. Isso porque, de algum modo, as análises relacionadas à satisfação apenas reforçam o que já encontramos em enunciados de questões anteriormente analisadas. Sigamos com as análises:

Quadro 4 - Insatisfação dos participantes

Categorias	Explicação Enunciados que explicitam...	Exemplos
Carência (5)	Carência de aulas práticas, no campo; carência de mais técnicas.	<p>“Esperava mais práticas. Estamos em uma conjuntura tão difícil, onde perdemos um professor importantíssimo ainda no primeiro módulo, que desde então se sente mais denso e vazio as atividades. Inclusive a política interna do sertão e alguns posicionamentos de professores durante as aulas. A falta de professoras mulheres nas aulas e atividades também é um ponto que pesa na hora de pensar na correspondência de expectativas”</p> <p>“Sim mas em partes, não diria nesse momento nem que sim e nem que não... sinto falta de mais momentos em campo, de atividades fora do auditório,</p>

		<p>mexendo na terra ou afins”</p> <p>“Pois esperava algo mais técnico em relação ao conteúdo, e sou cobrada por isso”</p>
Descontinuidade (1)	Descontinuidade das atividades desenvolvidas no SERTA	<p>“Para mim que estou indo atrás de aprender, mas com ressalvas, pois as vezes sinto falta de continuidade em algumas atividades desenvolvidas”</p>
Ausência (1)	Ausência da presença feminina no corpo docente	<p>“Esperava mais práticas. Estamos em uma conjuntura tão difícil, onde perdemos um professor importantíssimo ainda no primeiro módulo, que desde então se sente mais denso e vazio as atividades. Inclusive a política interna do sertá e alguns posicionamentos de professores durante as aulas. A falta de professoras mulheres nas aulas e atividades também é um ponto que pesa na hora de pensar na correspondência de expectativas”</p>

Fonte: Própria Autora

A análise das categorias acima mostrou que alguns enunciados indicam uma carência de aulas práticas no campo; carência de mais técnicas; mais aulas fora do auditório, em contato com a natureza, como percebemos na categoria *Carência*.

Nesta categoria *Carência*, um enunciado nos chamou atenção para a

necessidade de mais aulas práticas, por mostrar o atual momento histórico em que estamos atravessando, tocando no fato da perda do Professor Sandro Cipriano, assassinado brutalmente em junho de 2019. Esta categoria aponta a ausência de atuação e posicionamento por parte de alguns professores do SERTA, em relação à discussão de temas importantes para os estudantes, como por exemplo, a presença feminina no corpo docente, dialogando com vozes de vários movimentos sociais que defendem o empoderamento da mulher e sua presença em vários espaços sociais. Em outras palavras, aponta para, mesmo de forma contraditória em seu discurso, que o curso está mais denso e vazio, levando a entender que sente a falta de um maior acompanhamento por parte da instituição em relação à discussão de temas importantes no dia a dia da Instituição e que eram trabalhados pelo professor Sandro, mas que depois da sua morte, esses temas não continuaram a ser discutidos. De todo modo, há uma certa contradição aqui, uma vez que, como foi analisado durante o momento imersivo, houve a inserção de assuntos transversais como machismo e feminismo nas discussões do Tempo Escola.

Esta carência é reforçada na categoria *Descontinuidade*, quando os enunciados apontam para uma descontinuidade das atividades desenvolvidas no SERTA, que são realizadas durante as aulas no período de imersão no Tempo Escola e que não se estendem para as atividades vivenciadas no Tempo Comunidade.

A categoria *Ausência* apresenta enunciados que indicam uma ausência da presença feminina no corpo docente e nos instiga a refletir sobre essa ausência, pois esses enunciados dialogam com vozes sociais que lutam pelo direito das mulheres exercerem qualquer função, ou pelo direito da presença feminina em qualquer espaço da esfera profissional, indo de encontro à realidade do SERTA que recebe várias mulheres de vários segmentos da sociedade em seu curso e da metodologia que é trabalhada no seu dia a dia.

**DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 4 –
SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO COM O CURSO - RECORTE ANALÍTICO**

4

Como em outros enunciados nas respostas às questões anteriores, percebemos

que os enunciados dos estudantes em relação à *satisfação* com o Curso Técnico em Agroecologia remetem a vozes carregados de sentido que estão presentes na metodologia PEADS vivenciada no SERTA, ou vozes que dialogam com uma transformação pessoal e interpessoal proporcionada pelo espaço, bem como pelas vivências. Destaca-se ainda o interesse em aprender sobre a própria filosofia do SERTA, e também sobre *Agroecologia, Permacultura e Tecnologias Alternativas*, sugerindo uma maior articulação entre a teoria e a prática, entre os estudantes e sua comunidade, que levem a uma melhoria de vida tanto dos estudantes quanto da comunidade.

Percebemos nos enunciados dos entrevistados que responderam pela satisfação, que o curso vai além de suas expectativas, pois, há uma valorização do sujeito, da sua história e o curso favorece essa emancipação por apresentar uma metodologia alternativa, respeitando o tempo e o espaço, os saberes e a cultura do estudante, além do respeito à natureza e a importância da agroecologia na transição para uma vida sustentável. Esses enunciados dialogam com vozes sociais presentes no movimento nacional por uma educação do campo, formado por vários movimentos sociais que lutam por uma educação justa e igualitária que respeite a diversidade dos povos que vivem na e da terra.

Por outro lado, os enunciados que apontam para a insatisfação com o curso, dialogam com vozes críticas à metodologia, apontando para carências e desarticulações entre teoria e prática, bem como para descontinuidades entre o Tempo Escola e o Tempo Comunidade, aspectos que mereceriam um maior aprofundamento para compreender tais enunciados, uma vez que é significativa a maioria de estudantes que se dizem satisfeitos com o curso.

Alguns enunciados indicam uma ausência da presença feminina no corpo docente e nos instigam a refletir sobre essa ausência, pois esses enunciados dialogam com vozes sociais que lutam pelo direito das mulheres exercerem qualquer função, ou pelo direito da presença feminina em qualquer espaço da esfera profissional, indo de encontro à realidade do SERTA que recebe várias mulheres de vários segmentos da sociedade em seu curso e da metodologia que é trabalhada no seu dia a dia.

5.3.3.3. Vivência da Metodologia PEADS

Como já vimos no capítulo da metodologia, o Programa Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) é a proposta metodológica que norteia as atividades realizadas na Instituição SERTA e que se fundamenta na preocupação e compromisso de apontar uma direção, um posicionamento, em que a (inter) subjetividade, a autoestima, a autoconfiança, a identidade cultural, o saber local, as experiências familiares, o espaço em que vivem os estudantes, precisam ser levados em consideração e estimulados a interagirem com participação e construção de uma nova realidade, a partir da realidade em que estão inseridos.

Para compreendermos como os estudantes do Curso Técnico em Agroecologia vivenciam essa metodologia na Instituição e fora dela, organizamos a seguinte questão: *Descreva com suas palavras como você vivencia a metodologia do SERTA*, cujas categorias estão apresentadas no Quadro 5:

Quadro 5 - Vivência da metodologia

Categorias	Explicação Enunciados que dialogam com...	Exemplos
Conexão com a vida e a natureza (17)	Relações possibilitadas na metodologia para favorecer uma integração com a vida e a natureza	“O curso apresenta uma metodologia transformadora, porque nos provoca o protagonismo no nosso processo de construção de mundo e de conhecimento, o que nos dá uma percepção profunda de uma co-dependência na teia da vida, que nos antecede e ultrapassa e atravessa. Isso não é uma solução imediata, mas um impulso muito importante para a desconstrução de estruturas rígidas que não servem mais pra o nosso

		<p>sonho de um mundo melhor.”</p> <p>“A metodologia é realmente vivenciada, não é um método ao qual se submete, é uma forma de conexão com a realidade que integra as relações das pessoas, como as relações da permacultura.”</p>
Integração (14)	<p>Interação entre colegas, professores, natureza e comunidade de forma dinâmica, articulada e plena, participando de forma ativa de todas as atividades (TE e TC)</p>	<p>“Participando de diferentes tipos de dimensões: em sala, no campo, visitando uma propriedade, conversando com camponeses e trabalhadores do SERTA ... enfim, de diversas formas”</p> <p>“Interagindo, na sala de aula, com os/as professores/as, com os/as colegas de curso, com a natureza, com o espaço e com a Mãe Terra.”</p> <p>“Eu tento participar de todas as atividades curriculares e extra curriculares do curso”</p> <p>“De forma plena e simples, ouvindo e praticando uma educação libertadora”</p> <p>“De forma dinâmica e articulada de acordo com o ritmo da turma”</p>
Troca de saberes (8)	<p>Coletividade e troca de saberes em diversas áreas da vida, com os colegas e com a</p>	<p>“Na troca de saberes e na aplicação do aprendizado na vida e no trabalho”</p> <p>“De maneira bastante</p>

	<p>comunidade.</p>	<p>satisfatória exercitando o trabalho em grupo e desenvolvendo minhas habilidades e a dos demais colegas”</p> <p>“Levo do meu cotidiano questões relativas à agroecologia para pesquisar, desenvolver junto às colegas e compartilhar saberes. A metodologia do SERTA é autonomia na pesquisa, visando o compartilhamento das experiências e habilidades de cada pessoa.</p> <p>Nesse sentido, tenho me unido às pessoas do curso que possuem habilidades com as quais podem contribuir em meus projetos e minha presença é solicitada em projetos nos quais posso contribuir. Essa grande rede de pessoas e suas expertises, unidas em diversas frentes pela agroecologia, traz um sentimento comunitário.”</p>
<p>Divulgação e multiplicação (3)</p>	<p>Divulgação e multiplicação dos saberes e das experiências</p>	<p>“Buscando contribuir na sua construção, estudando, pesquisando e buscando ser multiplicadora”</p> <p>“Divulgando para outras pessoas.”</p>

Protagonismo (3)	Protagonismo dos participantes proporcionado pela metodologia	<p>“Protagonizando e sendo desafiado”</p> <p>“De forma diferenciada de maneira que todos são construtores do seu próprio saber”</p> <p>“Muito boa e importante pq aqui aprendemos q podemos ser protagonistas da nossa própria história sem ter necessidade de migrar pra outro lugar como pra cidade, por exemplo.</p>
Adaptação (2)	Adaptação às mudanças provocadas pela metodologia do SERTA	<p>“Tento adaptar as mudanças à medida que vou aprendendo.”</p> <p>“Interessante do ponto de vista que nada está exposto concretamente e pode ser mudado”</p>
Ser consigo (1)	Mudanças na vida pessoal através da metodologia vivenciada	“Em meus projetos pessoais e na minha vida pessoal”
Outros (16)	Enunciados que não apontam nenhuma sugestão ou fogem do tema	<p>“Em todas as dimensões da vida.</p> <p>“Com contemplação e silêncio em alguns momentos, com festa e desvario em outros”</p> <p>“Me põe em posição de autoquestionamento”</p>

Fonte: Própria Autora

A categoria *Conexão com a vida e a natureza* traz enunciados que apontam para uma vivência satisfatória em relação à metodologia PEADS vivenciada no

SERTA, por favorecer uma conexão com a natureza, auxiliando no processo de construção de mundo e de conhecimentos a partir das interações sociais que são estabelecidas durante o curso.

A categoria *Integração* traz enunciados que apontam para uma vivência da metodologia de forma dinâmica, articulada e plena, através da interação entre colegas, professores, natureza e comunidade, em que a observação e a escuta são relevantes no processo de partilha das experiências. e na troca de saberes.

Na categoria *Troca de saberes* os enunciados indicam que a vivência da metodologia se dá de forma coletiva em que a troca de saberes em diversas áreas da vida, é significativa, pois oportuniza compartilhar experiências e habilidades com os colegas e com a comunidade.

A categoria *Divulgação e multiplicação* traz enunciados que enfatizam a vivência através da divulgação e multiplicação dos saberes e das experiências adquiridos durante o curso. Os enunciados ressaltam a importância do estudo divulgação dessas práticas para outras pessoas.

A categoria *Protagonismo* apresenta enunciados que indicam o protagonismo dos participantes proporcionado pela vivência da metodologia, oportunizando aos sujeitos construir conhecimentos e serem protagonistas da sua história.

Na categoria *Adaptação* encontramos enunciados que indicam uma possível adaptação às mudanças provocadas pela metodologia do SERTA, partindo do princípio de que nada está pronto e acabado, mas que pode ser mudado.

A categoria *Ser consigo* apresenta um enunciado que indica mudanças na vida pessoal através da vivência da metodologia, contribuindo para a concretização de seus projetos pessoais.

Os enunciados da categoria *Outros* não apontam nenhuma indicação de como vivenciam a metodologia ou fogem do tema.

DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 5 – VIVÊNCIA DA METODOLOGIA - RECORTE ANALÍTICO 5

A partir da análise das respostas, encontramos categorias cujos enunciados nos remetem aos sentidos atribuídos pelos sujeitos em relação à metodologia e percebemos que seus discursos provêm de vozes que circulam no próprio espaço

SERTA, no qual diferentes vozes estão presentes e indicam uma perspectiva pedagógica que contempla princípios tais como: valorizar e partir dos conhecimentos prévios dos alunos; respeitar a cultura do educando; reconhecer o aluno como um sujeito de direito; a ideia de que o conhecimento é construído e não transferido; o papel da educação como transformadora da sociedade, o sentimento de pertencimento à terra, a valorização pela vida no campo de forma sustentável, a valorização e respeito à natureza, entre outros aspectos, conforme apresentamos no Quadro 5 - Vivência da metodologia. É importante enfatizar que, em relação aos projetos de vida e ao sentimento de pertencimento à terra, os estudantes atribuem ao SERTA e à metodologia PEADS, a capacidade de buscar novos horizontes, de compreender e trilhar novos caminhos rumo a uma vida sustentável no campo com base em uma perspectiva Agroecológica a partir dos conhecimentos e vivências dos sujeitos que permeiam seus espaços.

5.3.3.4. Pedagogia da Alternância: Tempo Escola (TE) X Tempo Comunidade (TC)

A Pedagogia da Alternância, como proposta pedagógica utilizada pelo SERTA, aponta para a possibilidade de ação mais eficaz ou mais apropriada à realidade do campo, por possibilitar aos estudantes poder praticar tudo o que é aprendido durante as atividades nos períodos de imersão (TE) e por oportunizar, durante as atividades do Tempo Comunidade (TC), ações solidárias, seja na sua propriedade, na comunidade em que está inserido ou em alguma organização social.

Essa proposta metodológica também é vista como um meio de profissionalização dos estudantes da cidade ou do campo, que visam a uma melhoria da qualidade de vida no seu espaço cotidiano, seja no espaço de trabalho ou na comunidade na qual está inserido.

A formação integral da pessoa humana como protagonista da sua história é um dos objetivos do programa educacional vivenciado no SERTA, que prioriza a ação educativa e o desenvolvimento sustentável do campo e da cidade, como metas a serem alcançadas a médio ou longo prazos.

Com o objetivo de compreender a relação entre as atividades vivenciadas no

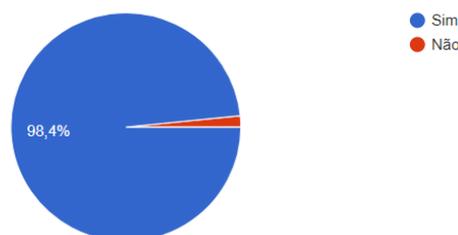
Tempo Escola (TE) e no Tempo Comunidade (TC) indagamos os estudantes do SERTA com a seguinte questão: *Você acha que há uma relação entre as estratégias pedagógicas vivenciadas no SERTA e as atividades desenvolvidas no Tempo Comunidade?* E em seguida pedimos que justificassem sua resposta.

As respostas apresentadas apontam que 98,4% dos entrevistados responderam *SIM*, pois concordam que há uma relação entre as atividades vivenciadas no TE e no TC, conforme Gráfico 6:

Gráfico 6 - Relação entre as atividades do TE e TC

Você acha que há uma relação entre as estratégias pedagógicas vivenciadas no SERTA e as atividades desenvolvidas no Tempo Comunidade?

63 respostas



Fonte: Própria Autora

A partir da análise dos dados obtidos nas respostas dos estudantes, agrupamos as respostas em categorias de acordo com as vozes com as quais dialogam, apresentadas no Quadro 6:

Quadro 6 - Relação entre as atividades do TE e TC

Categorias	Explicação Enunciados que dialogam com...	Exemplos
Continuidade (27)	Uma relação de continuidade e complementaridade entre as atividades do T.E e T.C, enfatizando a relação de proximidade entre a teoria e a prática.	“A matéria principal aprendida no SERTA é a relação, o relacionamento, das pessoas entre si, das pessoas com a terra, das pessoas com as plantas em geral. O Tempo Comunidade é a continuidade disso tudo.”

		<p>“ As atividades do tempo comunidade sao uma extensao e continuacao do que aprendemos nas semanas de imersao.”</p> <p>“Aplico a metodologia do que aprendo nas aulas no meu tempo comunidade, seja nas aulas teóricas ou práticas e isso tem dado muito resultado.”</p> <p>“O que está sendo experimentado no Serta colocamos em prática no tempo comunidade”</p>
Interação (7)	Uma aproximação entre estudantes e a comunidade	<p>“A estratégia pedagógica enaltece pessoas, saberes e cultura, os tempos comunidade, são destinados a interferências e mudanças em cada pessoa e local que alcançamos.</p> <p>“o contato com povo do campo, que nao é possível sem que nos tornemos um com a terra. O inteirar sobre o campo se torna um integrar se ao campo.”</p>
Agroecologia (4)	A Agroecologia como Possibilidade de coletividade e de conexão com a natureza	<p>”Porque "O viver" é afinar um instrumento de dentro pra fora e de fora pra dentro. A Agroecologia é uma forma de ser e viver na coletividade e</p>

		em redes. Estamos conectadas com tudo, com todos e com o todo, que é o universo, à nossa mãe terra. Por isto, o nosso ponto de conectar com outros pontos e seremos uma sociedade ética...”
Possibilidades (3)	Uma transformação dos espaços e fortalecimento das pessoas	“Os desafios da realidade do que se estuda, a possibilidade de transformação não só do espaço mas das pessoas” “De fortalecimento e nos mostrando q somos capazes”
Multiplicação (2)	A divulgação e multiplicação dos conhecimentos adquiridos no SERTA	“Porque ensino outras pessoas” “Na divulgação da metodologia vivenciada no SERTA”
Experimentação (2)	A importância da experimentação e continuação do que é aprendido no SERTA	“Como falei anteriormente, o que vivenciamos no certa, podemos levar para diversos âmbitos de nossas vidas, se estamos abertos a isso, sendo o tempo comunidade um momento de experimentação” “Porque a gente busca continuar esse aprendizado experiencial nas trocas, nas conversas, nas visitas. A gente busca se colocar numa postura de aprendiz. Quem se faz aprendiz, passa a aprender

		em qualquer situação”
Protagonismo (1)	O protagonismo dos participantes	“A PEADS nos desperta para as nossas expertizes. Então, ao mesmo tempo que somos estudantes, somos também educadores em nossas comunidades”
Aproximação (1)	Uma maior aproximação entre o campo e a cidade	“Apesar de toda a complexidade do conceito de "comunidade" para o contexto urbano, em que estou inserida, as estratégias pedagógicas do SERTA acabam nos acompanhando e orientando na caminhada e feitura das atividades desse que chamamos tempo comunidade. Na cidade, a comunidade ganha outro corpo, e acredito que ainda seja complexo para o SERTA perceber essa diferença, que é de grau, já que os processos pedagógicos da escola são muito voltados para a educação no e para o campo a partir de uma perspectiva produtivista, e se tornam difíceis de aplicação no contexto urbano. Acredito que seja um desafio para a escola pensar suas estratégias nesse aspecto, já que é uma

		demanda clara a da cidade, que necessita de desenvolver os conceitos de agroecologia no seu meio, por uma questão de sobrevivência e de transformação dessas estruturas.”
Outros (5)	Enunciados que não apontam nenhuma relação entre as atividades ou fogem do tema	“Eu acho que há sim, mas acho que ainda é uma busca” “É muito precária as ações práticas vem antes das discussões com a comunidade, mas também tem haver com a falta de compreensão dessas estratégias pedagógicas, falha do SERTA ou da nossa compreensão”

Fonte: Própria Autora

A categoria *Continuidade*, considerada a mais expressiva apresenta enunciados que apontam para uma relação de continuidade e complementaridade entre as atividades do T.E e T.C, enfatizando a relação de proximidade entre a teoria e a prática. Através dos enunciados é reforçada a ideia de que as atividades vivenciadas no Tempo Comunidade são uma extensão de tudo que é vivido e aprendido no SERTA. Estes pensamentos dialogam com vozes da Pedagogia da Alternância por compreenderem que é no Tempo Comunidade que os alunos poderão desenvolver atividades diversas contemplando as tecnologias e técnicas aprendidas durante os períodos de imersão.

Os enunciados dos estudantes que aparecem na categoria *Interação* indicam uma aproximação entre estudantes e a comunidade. Esses enunciados estão repletos de significados e sentidos, pois dialogam com vozes que são carregadas de outras vozes que estão presentes na formação que recebem tanto no espaço físico da Instituição SERTA quanto em outros espaços de interação que constituem a inter-

relação social desses indivíduos com outros indivíduos em um processo de comunicação ideológico-verbal. As experiências vivenciadas tanto no Tempo Escola (TE) quanto no Tempo Comunidade (TC) são bastante relevantes para a formação individual e coletiva desses sujeitos, favorecendo uma maior aproximação com o campo e conseqüentemente com a sua comunidade.

A categoria *Agroecologia* também aparece nos enunciados dos entrevistados e aponta a Agroecologia como possibilidade de coletividade e de conexão com a natureza. Esses enunciados dialogam com vozes que defendem a agroecologia como ponto de equilíbrio entre os seres humanos e a natureza e entre os sujeitos nas suas interações sociais.

Pode-se inferir que nas categorias *Possibilidades* e *Multiplificação* os estudantes, em seus enunciados, corroboram em afirmar que as experiências vividas no Tempo Escola e Tempo Comunidade são importantes para o crescimento pessoal e coletivo e que há uma relação entre essas vivências, pois *possibilita* legitimar o saber construído durante as semanas de imersões do curso e os saberes que trazem do seu contexto social nas práticas do T.C, aperfeiçoando assim, a sua formação e contribuindo para a divulgação, *multiplificação* e aplicabilidade desses saberes e experiências nos diversos espaços em que se encontram inseridos.

Na categoria *Experimentação* os enunciados indicam que os momentos vividos no Tempo Comunidade são experimentações de tudo que é construído coletivamente através das partilhas, conversas, visitas e aprendizados do dia a dia do curso. Esses enunciados estão carregados de vozes que circulam no SERTA e que apontam para a importância da experimentação e continuação do que é aprendido no SERTA nos momentos do Tempo Comunidade.

Podemos perceber no enunciado da categoria *Protagonismo* que a metodologia do SERTA fortalece o protagonismo dos sujeitos e desperta neles a sua capacidade de construir a sua história, sendo protagonistas na troca de saberes e experiências.

O desejo de aproximar o campo e a cidade também aparece no enunciado de um estudante, na categoria *Aproximação*, por acreditar na proposta pedagógica do SERTA que orienta para ações desenvolvidas tanto no campo quanto na cidade. O estudante aponta para a necessidade de o SERTA fazer alguns ajustes e algumas adaptações em sua metodologia para atender aos diversos espaços, pois na cidade, por exemplo, a expressão comunidade ganha novas significações dependendo do

contexto social.

A categoria *Outros* apresenta enunciados que apontam para uma crítica à maneira como o SERTA vem realizando as suas atividades. Como por exemplo, as aulas práticas acontecem antes de se ter uma conversa com a comunidade onde as atividades serão realizadas. Os enunciados não apontam para nenhuma relação entre as atividades, fugindo, assim, da questão em pauta.

**DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 6 – RELAÇÃO
ENTRE AS ATIVIDADES DO TE E TC - RECORTE ANALÍTICO 6**

Em relação às atividades do TE e do TC os enunciados mais significativos dos sujeitos apontam para uma relação de continuidade e complementaridade entre as atividades do T.E e T.C, dialogando com a metodologia PEADS e enfatizando a relação de proximidade entre a teoria e a prática percebidas ao longo do Curso de forma muito significativa. A partir das interações entre os estudantes e a comunidade é possível constatar que a *Agroecologia* é vista como uma possibilidade de coletividade e de conexão entre os sujeitos e a natureza e de fortalecimento das pessoas e da luta pela transformação dos espaços. Os enunciados estão carregados de vozes que dialogam com a luta dos movimentos sociais que resistem e lutam por uma sociedade mais justa e pela preservação da natureza, buscando, além do protagonismo dos sujeitos, uma maior aproximação entre o campo e a cidade a partir de uma visão diferenciada sobre o meio ambiente com base nos princípios da Agroecologia.

5.3.3.5.O espaço da Instituição SERTA

No que se refere à visão bakhtiniana e vigotskiana sobre o sujeito, enquanto ser social e historicamente constituído, a partir das interações que estabelece, assume-se um posicionamento do ser como participante e agente transformador da sua realidade. Em relação ao contexto da Instituição SERTA, enquanto espaço dialógico e de múltiplas vivências, podemos perceber que múltiplas vozes estão presentes e remetem à ideia de um espaço formado por sujeitos diversos que interagem entre si e apresentam uma pluralidade de ideias e saberes, em que a

polifonia se faz presente. O sujeito modifica e é modificado pelo meio em que vive. Isso implica dizer que o aluno não é um indivíduo passivo, mas atuante, participativo e parceiro do outro na (co)construção do aprendizado que é desenvolvido na troca dialógica entre as atividades socioinstitucionais e as atividades realizadas no seu dia a dia, junto a sua comunidade.

Tendo em vista ser o SERTA um espaço de diversidade cultural, em que diferentes sujeitos integram o espaço, questionamos aos estudantes através da pergunta: *O SERTA é visto como um espaço de sociabilidades. Como você descreveria esse espaço.*

A partir da análise das respostas, encontramos as seguintes categorias a partir do agrupamento de enunciados semelhantes, que serão apresentadas no Quadro 7:

Quadro 7 - Espaço da Instituição SERTA

Categorias	Explicação Enunciados que dialogam com o SERTA como...	Exemplos
Diversidade (13)	Espaço de diversas culturas e saberes	<p>“Um espaço que possibilita o encontro de diferentes potencializando essas relações.”</p> <p>“Exatamente isso. O SERTA pra mim tem como melhor característica sua promoção de encontros. Fazer pessoas diversas, muito diferentes, partilharem conhecimento e afeto, fazerem alianças e tecerem sonhos.”</p> <p>“É um grande desafio nesse espaço, porque existem uma diversidade</p>

		<p>muito grande de culturas diferentes. Espaço de aprendizagem de resistência e resiliência”</p>
Convivência (10)	Espaço de ressocialização e convivência	<p>“A convivência e troca de energia é muito intensa durante as semanas de imersão. Há um sentimento grande de harmonia, empatia, respeito e amor.</p> <p>“Sem dúvida posso dizer que uma das principais características do curso e trabalhar a convivência e através dos acordos melhorar nossa forma de se relacionar com os outros”</p> <p>“Ressocialização”</p>
Interação (8)	Espaço de interação e troca de saberes	<p>“Várias pessoas bem diferentes umas das outras convivendo e interagindo.</p> <p>Isso é louco e maravilhoso”</p> <p>“É um lugar que promove um constante processo de troca, seja de saberes, de afetos, de cuidados, de conflitos também, que é o que basicamente constitui a sociabilidade.”</p> <p>“Total. Um espaço onde as</p>

		relações se dão intensamente. Onde as diferenças se complementam”
Acolhimento (6)	Espaço acolhedor	<p>“Como um lar aonde cada pessoa consegue coletivamente evoluir como ser individual parte dum organismo maior.”</p> <p>“Um espaço muito bom acolhedor e inclusivo com as causas de todos os indivíduos.”</p>
Conhecimentos (6)	Espaço de produção de conhecimentos e otimização das habilidades e expertises dos estudantes	<p>“Uma nova casa para todos que busca conhecimento, tanto busca e como a gente pode ensinar também”</p> <p>“tendo em vista que o SERTA favorece e alavanca todas as nossas expertises posso dizer, socialmente o SERTA busca no íntimo cada habilidade e a otimiza”</p>
Transformação (3)	Espaço de transformação	<p>“O SERTA para mim é de fato uma escola transformadora. Transforma práticas e transforma visão de mundo. Muito do que Paulo Freire pregou o SERTA realiza em sua</p>

		<p>essência”</p> <p>“Sim, temos ainda muitos paradigmas que precisam ser quebrados a respeito de convivência com o outro e com o meio ambiente. E o SERTA, (metodologia) é o melhor lugar do mundo para que aprendamos a viver e ver o mundo de uma forma diferente.”</p>
Protagonismo (2)	Espaço que protagoniza os sujeitos	<p>“Muito rico, de grandes potencialidades, por possibilitar o protagonismo das e dos educandos.”</p>
Liberdade (2)	Espaço democrático	<p>“Um espaço em que ser diferente é ser livre.”</p> <p>“Um momento e um local de se praticar relações mais abertas, politicamente mais democráticas... Coisas que estamos perdendo na sociedade atual...”</p>
Contradição (2)	Contradição de práticas no espaço da Instituição	<p>“O comportamento machista, misógino, racista, LGBTQfóbico, sexista, preconceituoso e capacitista se reproduz no SERTA, tanto nos discentes, quanto nos docentes e funcionários.</p>

		<p>Porém, há espaço para abrir esses debates na escola. Existe um trabalho de sociabilização feito através da metodologia utilizada pelo SERTA, que é bom, porém ainda precisa melhorar muito.”</p> <p>“Sim e não tem suas contradições; também nem todos se socializam, há grupos fechados, enfim é o retrato da nossa sociedade, em resumo induz a um ambiente propício a essas sociabilidades”</p>
Outros (6)	Enunciados que não apontam nenhuma sugestão sobre o espaço ou fogem do tema	<p>“O melhor lugar do mundo”</p> <p>“Espaço ético”</p>

Fonte: Própria Autora

A categoria *Diversidade* apresenta enunciados que apontam o SERTA como um espaço de diversas culturas e saberes e isso é apontado como uma característica desse espaço institucional por integrar diferentes pessoas de diferentes lugares e possibilitar a troca de conhecimentos e afetos, o respeito ao outro e a possibilidade de tecerem sonhos, bem como contribuir com o fortalecimento da aprendizagem, da resistência e resiliência, dialogando com vozes sociais que veem o SERTA como espaço de vida e produção de conhecimentos e como oportunidade de crescimento pessoal e coletivo.

Os enunciados dos estudantes na categoria *Convivência* indicam O SERTA como um espaço de ressocialização, convivência e oportunidade de se trabalhar melhor a coletividade através de suas atividades e da metodologia vivenciada.

Segundo os enunciados o espaço SERTA favorece a melhoria na forma de se relacionar uns com os outros, bem como favorece um sentimento de harmonia, empatia, respeito e amor entre os estudantes.

Os enunciados da categoria *Interação* enfatizam o SERTA como um espaço de interação e troca de saberes, como um espaço onde pessoas diferentes interagem, onde as relações se dão intensamente e onde as diferenças se complementam.

Tudo isso é reforçado na categoria *Acolhimento* em que os enunciados indicam um espaço muito acolhedor em que essas vivências tornam o espaço muito bom e inclusivo, fazendo os estudantes se sentirem à vontade como se estivessem em seus lares.

Na categoria *Conhecimentos* os enunciados apontam para um espaço de produção de conhecimentos e otimização das expertises dos estudantes, apresentam o SERT como um lugar de encontros, produção de conhecimentos, desenvolvimento das habilidades e emoções, apontando para uma grande fertilidade de ações, projetos, ideias, lugares e pessoas,

A categoria *Transformação* Enunciados aponta o SERTA como um espaço de renovação e transformação de práticas e visão de mundo, apontando a metodologia PEADS como otimizadora dessas práticas, como por exemplo respeito ao outro e ao meio ambiente, dialogando com vozes freireanas que defendem a educação como prática social e emancipatória.

Os enunciados da categoria *Protagonismo* apontam O SERTA como um espaço que protagoniza os sujeitos e reforçam a ideia de que é um espaço de oportunidade única em que favorece o protagonismo dos estudantes, dialogando com vozes presentes na metodologia vivenciada no curso que protagoniza os estudantes e a sua história no processo de aprendizagem.

Na categoria *Liberdade* os enunciados enfatizam o SERTA como um espaço democrático e apontam para um espaço livre em que há a possibilidade de se praticar relações mais abertas e mais democráticas, dialogando com vozes que se opõem ao atual modelo de educação caracterizado por repressão e retrocesso.

A categoria *Contradição* que remete a uma insatisfação percebida nos enunciados de um estudante, em relação ao espaço SERTA, apontam para uma contradição em algumas práticas do dia a dia do espaço da Instituição, que nos leva a entender que é preciso muito ainda a se fazer, para alcançar um espaço menos higienizado, no que diz respeito às questões de gênero, de identidade sexual, de

orientação sexual, pois, alguns membros da equipe e alguns estudantes ainda apresentam um comportamento discriminatório, preconceituoso e sexista em relação a outros estudantes.

A categoria *Outros* aponta enunciados que não apontam nenhuma sugestão sobre o espaço ou fogem do tema ou enunciados permeados por elogios em relação ao espaço por perceberem o SERTA como o melhor lugar do mundo e também como um espaço ético, entre outros.

DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 7 – ESPAÇO DA INSTITUIÇÃO SERTA - RECORTE ANALÍTICO 7

As categorias *Diversidade* e *Convivência* se destacam nos enunciados dos sujeitos em relação ao espaço da Instituição SERTA sendo as mais significativas com 13 participantes na categoria *Diversidade* e 10 participantes na categoria *Convivência*, pois apontam o SERTA como um espaço diverso que oportuniza o encontro, a troca e o respeito pelas diferentes culturas e saberes. Os enunciados destacam ainda o SERTA como um espaço de ressocialização e convivência entre diferentes sujeitos e que possibilita a interação e a troca de conhecimentos como pode ser percebido nos enunciados da categoria *Interação* que contou com 8 participantes.

Outro destaque foram as categorias *Acolhimento* e *Conhecimento* com 6 participantes em cada uma em que os sujeitos participantes concordam em afirmar o SERTA como espaço acolhedor e de oportunidades de produção de conhecimentos, bem como espaço que otimiza as habilidades e expertises dos estudantes. Os enunciados reconhecem que o SERTA protagoniza os estudantes, pois contribui para a organização e a transformação dos sujeitos de forma democrática dialogando com a metodologia PEADS que visa à transformação do meio através dos princípios da Agroecologia e que favorece a renovação e a transformação de práticas e visão de mundo, apontando para as possíveis interações do homem como a natureza e para a possibilidade de um novo começo.

Alguns enunciados apontam para uma possível contradição em algumas práticas vivenciadas no Curso por não dialogarem com a metodologia PEADS que fundamenta as ações do SERTA e está alinhada com os princípios da Educação do Campo por ainda ser percebido por parte dos estudantes e de alguns docentes um

comportamento machista, misógino, racista, LGBTQfóbico, sexista, preconceituoso e capacitista no que diz respeito às suas ações, mas, por outro lado, chama a atenção para a abertura e a possibilidade de debates sobre temas diversos proporcionados pelo próprio SERTA, que é muito bom, mas que ainda precisa melhorar, destacando a necessidade de uma abertura maior para uma possível ressocialização desses sujeitos. É importante enfatizar que esses posicionamentos de alguns estudantes dialogam com vozes de vários movimentos sociais que criticam esses comportamentos na sociedade atual e lutam por uma sociedade mais livre e igualitária.

5.3.4. Projetos de Vida

Discutiremos nesta seção as concepções dos estudantes sobre *Projetos de Vida*, traçando algumas considerações à respeito da importância das estratégias metodológicas do Curso Técnico em Agroecologia e de suas contribuições para o desenvolvimento das atividades e das vivências dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, em relação aos seus Projetos de Vida. Para a análise dos dados dividimos esta seção em 3 partes: *Concepções dos estudantes sobre Projetos de Vida*; *Importância da Pedagogia da Alternância para os Projetos de Vida*; *Proposta Metodológica do SERTA e Projetos de Vida*.

5.3.4.1. Concepções dos estudantes sobre Projetos de Vida

Em relação à concepção dos estudantes sobre Projetos de Vida, indagamos os estudantes com a seguinte questão: *O que você entende por Projetos de Vida?* A partir das análises encontramos algumas categorias discursivas que apresentaremos no Quadro 8:

Quadro 8 - Concepção dos estudantes

Categorias	Explicação Enunciados que dialogam com...	Exemplos
Planejamento (18)	Planejamento para a vida futura	“Entendo que tudo em nossa vida deve ser

		<p>planejado, então, através de projetos, onde podemos usar nossos sonhos, podemos realizar, utilizando a metodologia que estamos adquirindo nas aulas do SERTA”</p> <p>“Um planejamento de modo de viver, flexível aos desafios do caminho, mas com um objetivo planejado a ser alcançado”</p>
Concretização (11)	<p>Uma concretização dos nossos objetivos a partir dos nossos sonhos e desejos</p>	<p>“É encontro e reencontro com nossos desejos, sonhos... Projetando-o num tempo na sua concretude.”</p> <p>“Objetivos a partir de sonhos, mudanças, leitura e planejamento de suas identidades, necessidades e relação com suas comunidades”</p>
Objetivos (8)	<p>Metas a serem alcançadas</p>	<p>“Um rol de metas específicas relacionando tempo-espaco para alcançar objetivos em nossa trajetória”</p> <p>“Entendo ser o que se pretende ser, estar ou ter ao longo da vida. Pensar o próprio futuro e os cenários/contextos que</p>

		deseja estar inserido e vivenciar.”
Transformação (6)	Uma melhor qualidade de vida das pessoas e da comunidade	<p>“A execução do plano que você descobre que há em você. Durante o curso há inúmeras transformações nas vidas dos alunos e essas transformações permitem que nos conheçamos mais e saibamos o que queremos para o futuro nas nossas vidas, o nosso projeto de vida mesmo”</p> <p>“Acredito que seja um projeto voltado para melhorar as condições de vida das pessoas e da comunidade”</p>
Agroecologia (4)	A Agroecologia como um meio de vida, profissão.	<p>“Eu pretendo trabalhar, com agroecologia se possível na área ter meu sustento pra minha família, tem comida, saudável e vender meus produtos.”</p> <p>“Construção de uma vida no campo e de expansão do conceito agroecológico”</p>
Transição (4)	O desejo de transição para uma vida sustentável e equilibrada na terra	“Criar um espaço produtivo com base na agricultura biodinâmica,

		que seja um empreendimento inspirado nos fundamentos da agroecologia.”
Autonomia (1)	A contribuição do curso para a autonomia dos estudantes.	“Como o nosso curso poderá contribuir para a nossa autonomia de produção de conhecimento”
Outros (5)	Enunciados que fogem do tema ou não apontam nenhuma sugestão de resposta	“É como eu quero viver, como pretendo viver”

Fonte: Própria Autora

A categoria *Planejamento*, a mais significativa desta seção, apresenta enunciados que indicam Projetos de Vida como um planejamento para a vida futura. Estes enunciados estão carregados de vozes que remetem à maneira como o SERTA organiza as suas atividades despertando no estudante a importância do planejamento de sua vida futura, através de seus projetos de vida, desenhando o futuro a partir do que é vivenciado no presente e a partir da realidade de cada sujeito.

A categoria *Concretização* aponta enunciados que indicam Projetos de Vida como uma concretização dos objetivos a partir dos sonhos e desejos, da organização e potencialização desses sonhos, metas e das necessidades dos estudantes percebidas individual e coletivamente a partir das vivências.

Os enunciados que remetem à ideia de Projetos de Vida como um objetivo ou meta a ser alcançado, aparece na categoria *Objetivos* em que mostram que seus projetos de vida dialogam com a metodologia vivenciada no SERTA que aponta para um caminho, uma alternativa, uma meta a serem alcançados.

Na categoria *Transformação* percebemos a ideia de Projetos de vida como uma transformação na qualidade de vida das pessoas e da comunidade e que permite a organização e o planejamento daquilo que os estudantes pensam para o

futuro de suas vidas e da comunidade a que pertence.

Dentre as categorias discursivas encontradas, alguns enunciados dos estudantes sobre Projetos de Vida remetem ao desejo de viverem e trabalharem no campo de maneira sustentável junto com sua família como percebido na categoria *Agroecologia*. Os enunciados dialogam com vozes que veem a Agroecologia como um meio de vida, de profissão.

Os enunciados da categoria *Transição* indicam o desejo de transição para uma vida sustentável e equilibrada na terra e também remetem a vozes carregadas de um desejo de se ter uma melhor qualidade de vida com base nos princípios da Agroecologia e na agricultura biodinâmica, que levem a uma melhor qualidade de vida no campo.

A categoria *Autonomia* traz um enunciado que ressalta a contribuição do curso para a autonomia dos estudantes no que diz respeito à busca de conhecimentos para a construção de um plano de vida equilibrado na terra dialogando com vozes que defendem a Agroecologia como estratégia de reprodução e continuação do campesinato e da agricultura familiar.

A categoria *Outros* apresenta enunciados que fogem do tema ou não apontam nenhuma sugestão de resposta, indicando de maneira vaga os projetos de vida como uma forma de vida, como se quer e se pretende viver, uma maneira de se conhecer melhor, entre outros.

DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 8 – CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE PROJETOS DE VIDA- RECORTE ANALÍTICO 8

Esta questão sobre *Concepções dos estudantes sobre Projetos de Vida*, em particular, está alinhada com os objetivos deste trabalho de pesquisa que visa analisar os processos educativos possibilitados pela metodologia do SERTA e a produção de significados e sentidos de pertencimento à terra entre os estudantes e caracterizar a rede dialógica presente nas atividades vivenciadas pelos estudantes do Curso Técnico em Agroecologia em relação aos seus projetos de vida. Para tanto recorreremos, inicialmente, à questão: *O que você entende por Projetos de Vida?* e encontramos a categoria Planejamento como a mais expressiva com 18 participantes. Os enunciados dos participantes indicam que os seus Projetos de Vida estão alinhados a um planejamento de ações futuras, em que o futuro vai se

desenhando a partir do que é vivenciado no presente e a partir da realidade de cada sujeito. Alguns enunciados da categoria *Concretização*, com 11 participantes, e *Objetivos*, com 8 participantes, apontam que os Projetos de Vida são objetivos e metas traçados a partir dos sonhos e desejos, da organização, potencialização e concretização desses sonhos, dessas metas e são frutos das necessidades dos estudantes percebidas e planejadas individual e coletivamente ao longo da vida e a partir das vivências e experiências do Curso que remetem a mudanças significativas como na categoria *Transformações*, com 6 participante, em que os enunciados apontam para uma melhoria na qualidade de vida das pessoas e da comunidade.

A categoria *Agroecologia*, com 4 participantes, traz enunciados que dialogam com a proposta de formação do Curso Técnico que defende a Agroecologia como saída para uma vida sustentável no campo e que aparece como possibilidade de construção e oportunidade de expansão do conceito agroecológico a partir do desejo de transição para uma vida sustentável e mais equilibrada na terra em que os sujeitos sejam protagonistas desse processo e tenham autonomia para tomar suas decisões.

5.3.4.2. Importância da Pedagogia da Alternância para os Projetos de Vida

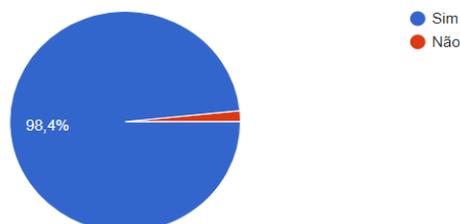
Nesta seção iremos analisar, a partir das respostas obtidas no questionário se as atividades vivenciadas no Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC) são importantes para a construção dos projetos de vida dos estudantes. Para tanto, questionamos os estudantes com a seguinte pergunta: *São importantes as atividades realizadas no TE e no TC para a construção de seu(s) Projeto(s) de Vida?*

O Gráfico 7, mostra que 98,4 % dos entrevistados responderam que *Sim*, como mostramos, a seguir:

Gráfico 7 - Importância da Pedagogia da Alternância para os Projetos de Vida

São importantes as atividades realizadas no Tempo Escola e no Tempo Comunidade para a construção de seu(s) projeto(s) de vida?

63 respostas



Fonte: Própria Autora

Com base nas respostas analisadas, elencamos algumas categorias discursivas que serão disponibilizadas no *Quadro 9*:

Quadro 9 - Importância das atividades vivenciadas no TE e TC

Categorias	Explicação Enunciados que dialogam com...	Exemplos
Possibilidades de Concretização (30)	Possibilidades de colocar em prática os conhecimentos teóricos e de concretização dos projetos de vida	<p>“sim! porque aprendemos na teoria e depois praticamos em nossas comunidade”</p> <p>“É muito importante sim! O que eu aprendo no SERTA eu faço em minha propriedade”</p> <p>“Sim, pois nessas duas atividades-momentos se vivência a teoria e a prática necessárias a implementação dos Planos de Vida”</p>
Aprendizado (10)	A importância das vivências e partilhas na aquisição de novos conhecimentos durante o processo	<p>“Porque o aprendizado é a práxis e podemos resignificá-los a partir das experiências em curso... Saber construir o sistema de Design, às tecnologias sociais, etc. Muito importante, pois aprender a aprender é fundamental.”</p>

		“Todas promovem o autoconhecimento e troca de experiências, fundamentais para a mudança, pois dá coragem e direcionamento para o que a pessoa quer executar”.
Transformação (8)	As mudanças significativas na vida pessoal e coletiva dos estudantes	“Na escola somos munidos de carga para transformar o ambiente em que vivemos” “Elas permitem acesso e treino de habilidades e conhecimentos necessários para a transição em minha vida”
Divulgação (2)	A importância de partilhar e multiplicar os saberes e as experiências que são vividas nos momentos do TE e do TC.	“Ser agentes multiplicadores” “Pois o que aprendemos, tentamos passar para o tempo comunidade. Para que outras pessoas também possa aprender”
Protagonismo (1)	As atividades do TE e do TC como oportunidade dos estudantes se tornarem protagonistas nesses processos	“Nos dois processos há trocas essenciais e descobertas fundamentais de construção. No tempo escola temos o auxílio dos professores e no tempo comunidade somos também os professores. Nos tornamos protagonistas nos dois processos”
Outros (3)	Fogem do tema ou não apontam nenhuma sugestão de resposta	“Aos poucos vou conectando as partes do que quero montar” “Cria uma expectativa muito boa”

Fonte: Própria Autora

A partir das análises dos dados percebemos que algumas categorias são mais expressivas que outras, como por exemplo, a categoria *Possibilidades de Concretização*, onde os enunciados trazem as atividades do TE e TC como

possibilidades de colocar em prática os conhecimentos teóricos aprendidos no SERTA e a sua importância para a concretização dos projetos de vida dos estudantes. Percebemos que os enunciados são carregados de vozes que frequentemente ecoam no espaço da instituição SERTA trazendo possibilidades que oportunizam escolhas e contribuem para que os estudantes alcancem os objetivos esperados.

Na categoria *Aprendizado* os enunciados ressaltam a importância das vivências e partilhas para adquirir novos conhecimentos e traçar novos caminhos durante o processo, oportunizando, assim, a conexão com os projetos de vida, considerados fundamentais para o direcionamento e transição para uma vida mais saudável no campo.

Alguns enunciados apontam o SERTA como espaço que promove mudanças, seja no lugar em que se vive, seja na comunidade ou mesmo nas propriedades modelo de alunos egressos. Esses enunciados apontam para mudanças significativas na vida pessoal e coletiva desses sujeitos, percebidos na categoria *Transformação*.

A categoria *Partilhas*, através dos enunciados dos estudantes, nos possibilita compreender que a troca de conhecimentos e experiências vividas são de suma importância para a efetivação dos saberes e para construção dos projetos de vida. Percebemos que as atividades do TE e do TC criam expectativas nos estudantes e vão apontando essas atividades como fundamentais para sanar as dúvidas e dificuldades que vão surgindo no processo de ensino aprendizagem.

Na categoria *Divulgação* os enunciados apontam para a importância de partilhar e multiplicar os saberes e as experiências que são vividas nos momentos do TE e do TC.

Na categoria *Protagonismo* os enunciados indicam as atividades do TE e do TC como oportunidade dos estudantes se tornarem protagonistas nesses dois processos, uma vez que são capazes de ensinar e aprender, partilhando saberes e experiências.

A categoria *Outros* aponta enunciados que fogem do tema ou não sugerem nenhuma relação das atividades com os Projetos de vida.

DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 9 – IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES VIVENCIADAS NO TE E TC- RECORTE ANALÍTICO 9

Como foi percebido e analisado no quadro anterior, a categoria *Possibilidades de Concretização* também se apresenta de forma significativa na análise deste quadro, que teve como pergunta norteadora: *São importantes as atividades realizadas no TE e no TC para a construção de seu(s) Projeto(s) de Vida?*, com 30 participantes, que em seus enunciados apontam essas atividades como possibilidades de colocar em prática todos os conhecimentos teóricos adquiridos durante o Curso no SERTA e a importância dessas vivências para a concretização dos seus Projetos de Vida.

Percebe-se que os estudantes, na sua maioria, defendem a *Pedagogia da Alternância* como possibilidade de concretização e implementação dos seus planos para o futuro a partir dos conhecimentos adquiridos e das partilhados proporcionadas nas interações, seja nas atividades do TE ou nas atividades realizadas na comunidade.

A importância dessas vivências e dessas partilhas para a aquisição de novos conhecimentos durante o processo, também apareceu de forma significativa na categoria *Aprendizado* tendo 10 participantes em que enfatizam que a prática possibilita ressignificar os conhecimentos e traçar novos caminhos durante o processo, oportunizando, assim, a conexão com os projetos de vida considerados fundamentais para o direcionamento e concretização dessas ações permitindo o acesso, o treino de habilidades e conhecimentos necessários para a transição para uma vida mais saudável no campo.

Outro destaque foi a categoria *Transformações* com 8 participantes, que relaciona os Projetos de Vida às atividades realizadas. A importância do protagonismo dos sujeitos na idealização e execução dos seus Projetos de Vida também é apontada nos enunciados como essenciais para as descobertas que são relevantes durante todo o processo de construção e multiplicação desses saberes, uma vez que para os estudantes é fundamental que divulguem e multipliquem o que aprendem para seu território, seja na sua propriedade ou na comunidade na qual está inserido.

5.3.4.3. Contribuições da Proposta metodológica do SERTA para os Projetos de Vida

Para compreendermos sobre a importância da proposta metodológica do

SERTA e suas contribuições para a construção dos projetos de vida dos estudantes, fizemos o seguinte questionamento: *Como a proposta metodológica do SERTA pode contribuir para a construção do(s) seu(s) projeto(s) de vida?*

Através da análise dos enunciados apresentados, percebemos que os sentidos atribuídos pelos sujeitos aos seus projetos de vida advêm das vozes que circulam no espaço da instituição SERTA e que são consonantes com a metodologia vivenciada neste espaço educativo por reconhecerem o aluno como construtor da sua história, por valorizarem os conhecimentos práticos, intuitivos, os saberes diversos que os estudantes trazem, bem como reconhecerem que esses conhecimentos são importantes para o crescimento individual e coletivo desses estudantes. Este dialogismo presente nos diferentes enunciados será apresentado nas diversas categorias no *Quadro 10*:

Quadro 10 - Contribuições da Proposta metodológica do SERTA para os Projetos de Vida

Categorias	Explicação Enunciados que dialogam com...	Exemplos
Metodologia (14)	Transformações através da metodologia PEADS	<p>“A metodologia do SERTA, o PEADS, pressupõe a transformação. Pesquisamos, nos munimos de conteúdo e transformamos nossos espaços cotidianos”</p> <p>“A partir do momento em que a escola (SERTA) passa a conhecer o aluno, motiva - lo a se conhecer, descobrir e investir em suas espertizes nos mostra caminhos possíveis de desenvolvimento.</p>
Agroecologia (10)	A potencialização de novas Tecnologias e técnicas para as práticas agroecológicas	<p>“Potencializando as práticas que existe e implantando outras”</p> <p>“Com a prática de tecnologias</p>

		alternativas para o campo” “Com conhecimentos técnicos”
Cotidiano Campesino (8)	Uma mudança no olhar sobre o campo, a terra, o meio ambiente, tendo o SERTA como elemento fundamental das conexões entre homem e natureza	“Me ajudando a olhar o campo com os olhos de quem vê, ou seja que consiga entender e aprender com ele independente de onde estiver” “Me oferecendo as bases técnicas e saberes amorosos para me relacionar a terra, o campo e quem nele já habita” O SERTA nada mais é que uma conexão, sendo a matriz (elemento das conexões)”
Sistematização (6)	Uma sistematização e transformação dos projetos de vida	“Tudo que estou aprendendo no processo está contribuindo para a reconstrução e concretização do meu projeto de vida, desde a visão de mundo à tecnologias alternativas” “o curso já mim fez repensar para o meu projeto de vida, na minha casa no local de trabalho e com meus colegas até no curso de pedagogia que estou fazendo”
Partilhas (5)	A importância da troca de conhecimentos e experiências vividas no SERTA para os Projetos de vida	“Na troca de saberes vamos construindo - e com as experiências vividas abrem-se possibilidades novas - perspectivas que nos fazem

		<p>descobrir modos de vida mais condizentes com a própria vida. Neste sentido a metodologia SERTA nos ajuda a buscar dentro de nós mesmos as respostas para nossos projetos. Para mim aqui está o diferencial...</p> <p>“Tem contribuído de diversas formas. Mas a mais importante delas é quando proporciona a troca de saberes. Quando a gente conversa com pessoas que já estão vivenciando o que queremos fazer”</p>
Integração (4)	A ampliação de novas possibilidades para a agricultura e uma maior integração entre o campo e a cidade.	<p>“Com a ampliação de possibilidades que o "saber fazer" trás. Na cidade ou no campo, a aplicação dos princípios de agricultura, ou de criação de pequenos e médios animais, pode e deve fazer parte do contato humano com a realidade”</p> <p>“Através da PEADS e da integração do campo e cidade”</p>
Transição agroecológica (3)	A possibilidade de uma transição agroecológica	<p>“Mudando a percepção do tradicional que foi perpassado pelos nossos pais, avós e outros.</p> <p>“Ao fornecer tecnologias</p>

		sociais para implementação da transição agroecológica para o campo, na conexão com as pessoas e expertises”
Autonomia (2)	Contribuições da metodologia para a autonomia e protagonismo dos estudantes	“Pelo princípio da autonomia” “Nos mostrando cada vez mais q somos capazes”
Movimentos sociais (2)	A possibilidade de um maior engajamento social	“Possibilitando o olhar crítico, a criação de redes, e o engajamento comunitário”
Outros (5)	Enunciados que fogem do tema ou não apontam nenhuma contribuição da metodologia com os Projetos de vida dos estudantes	“Sim e muito” “Ainda não sei ao certo, ainda estou em construção dessa etapa”

Fonte: Própria Autora

Através da análise dos enunciados percebemos que a proposta metodológica do SERTA (PEADS) na categoria *Metodologia* aparece de forma expressiva e indica que a metodologia ajuda a transformar os espaços e apresenta possíveis caminhos de desenvolvimento. Os enunciados dos estudantes indicam transformações e inovações dialogando com vozes presentes na metodologia do SERTA que visa ao protagonismo do sujeito e sua história de vida e mostra possibilidades de aprender a viver no campo de forma sustentável, através de práticas tecnológicas aplicadas.

Na categoria *Agroecologia* os enunciados ressaltam a potencialização de novas Tecnologias e técnicas para as práticas agroecológicas. O contato com agricultores das comunidades, a apreensão de métodos sustentáveis e a possibilidade de compreender e exercer a agroecologia para a melhoria da qualidade de vida e possibilidades de transformação da comunidade são propostas presentes na metodologia que dialogam com os enunciados dos estudantes.

A categoria *Cotidiano Campesino* apresenta enunciados que indicam uma mudança no olhar sobre o campo, sobre a terra, sobre o meio ambiente, tendo o SERTA como elemento fundamental das conexões entre homem e natureza. Os enunciados dialogam com vozes que defendem a importância de uma maior aproximação do homem com o meio em que vive para que, a partir dessa relação, possamos aprender com a natureza, entendê-la e respeitá-la seja onde for e esteja onde estiver.

Os enunciados da categoria *Sistematização* apontam para uma sistematização e transformação dos projetos de vida através da metodologia do curso e suas vivências.

A categoria *Partilhas* apresenta enunciados que indicam a importância da troca de conhecimentos e experiências vividas no SERTA para a construção dos Projetos de vida e destaca, ainda, a importância da metodologia por proporcionar a troca de saberes, a troca de conhecimentos e oportunizar aos estudantes a possibilidade descobrirem novas perspectivas e modos de vida condizentes com sua realidade.

Na categoria *Integração* os enunciados trazem a possibilidade de ampliação de novas tecnologias para a agricultura e uma maior integração entre o campo e a cidade. Como uma saída para a solução de muitos problemas enfrentados seja na zona rural ou urbana.

A categoria *Transição Agroecológica* traz enunciados que apontam para a possibilidade de transição, conexão e uma maior integração com o meio em que se vive e com o outro social, seja na instituição, ou fora dela, nas relações que estabelece com o outro e com o meio.

A categoria *Autonomia* apresenta enunciados que apontam contribuições da metodologia para a autonomia e protagonismo dos estudantes e faz referência a possíveis transformações possibilitadas pela metodologia do SERTA.

A categoria *Movimentos sociais* traz enunciados que apontam para a possibilidade de um maior engajamento possibilitado pela metodologia do SERTA no que diz respeito aos projetos de vida por favorecer uma maior consciência política e uma maior participação na vida social despertando um olhar crítico sobre a realidade.

A categoria *Outros* apresenta enunciados que fogem do tema ou não apontam nenhuma contribuição da proposta metodológica do SERTA para a

construção dos Projetos de vida dos estudantes.

**DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 10 –
CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA METODOLÓGICA DO SERTA PARA
OS PROJETOS DE VIDA - RECORTE ANALÍTICO 10**

Na análise do quadro acima cuja pergunta norteadora foi *Como a proposta metodológica do SERTA pode contribuir para a construção do(s) seu(s) projeto(s) de vida*, encontramos categorias que foram contempladas em outras questões anteriores. Isso implica dizer que os enunciados dos estudantes da categoria *Metodologia* com 14 participantes, enfatizam a importância da metodologia PEADS como ferramenta bastante expressiva e capaz de transformar os espaços e apresentar possíveis caminhos de desenvolvimento para o campo e a cidade, contribuindo assim, para a projeção de metas e ações futuras. Esses enunciados dialogam com vozes que circulam no espaço da Instituição SERTA que defendem a Agroecologia como saída para a construção de um mundo melhor e se destacam na categoria *Agroecologia* com 10 participantes, em que os enunciados apontam para uma credibilidade através da apreensão de métodos sustentáveis e a possibilidade de compreender e exercer a Agroecologia como forma de potencialização das práticas que existem, possibilidade de implantação de outras e desta forma estarão contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e dos seus Projetos de Vida.

Na categoria *Cotidiano Campesino*, com 8 participantes, os enunciados dialogam com os princípios da Agroecologia por acreditarem que é possível uma mudança no olhar sobre o campo, a terra, o meio ambiente, tendo a metodologia do SERTA como elemento fundamental para o estabelecimento de conexões entre o homem e a natureza.

Outros enunciados destacam a importância da troca de conhecimentos e experiências vividas para uma sistematização e concretização dos projetos de vida alinhadas à possibilidade de uma transição agroecológica e à ampliação de novas possibilidades para a agricultura que favoreçam uma maior integração entre o campo e a cidade.

Destaca-se ainda, nas categorias *Autonomia e Movimentos sociais* enunciados que dialogam com a metodologia PEADS e apontam suas contribuições

para a autonomia e o protagonismo dos estudantes, favorecendo uma maior conscientização e um maior engajamento nas lutas sociais levando a possíveis transformações possibilitadas por essas mudanças e à concretização dos seus Projetos de Vida.

5.3.5. Curso Técnico em Agroecologia

O Curso Técnico em Agroecologia do SERTA tem por objetivo formar profissionais habilitados para atuar no âmbito social, político, tecnológico e produtivo junto às comunidades, municípios e estados, em atividades de gestão, planejamento, assistência técnica e extensão rural, desenvolvendo e orientando os projetos e processos produtivos para o bem viver e o desenvolvimento sustentável do campo.

Assim, para compreendermos melhor como os estudantes percebem o campo e qual a relação entre o campo e o Curso Técnico em Agroecologia do SERTA, e se os mesmos apresentam algumas sugestões de mudança para o Curso, dividimos esta seção em 3 partes: *Como você percebe o campo e qual a relação com o Curso Técnico em Agroecologia; Você tem alguma sugestão de mudança para o curso?*

Para compreender como os estudantes percebem o campo fizemos o seguinte questionamento: *Como você percebe o campo e qual a relação com o Curso Técnico em Agroecologia?* A partir da análise das respostas, encontramos categorias diversas que serão apresentadas e analisadas em dois quadros a seguir: no Quadro 11 e no Quadro 12:

5.3.5.1. Percepções sobre o Campo

Quadro 11 - Percepções sobre o Campo

Categorias	Explicação Enunciados que realçam vozes sociais sobre...	Exemplos
Bem viver (8)	O campo como espaço para o bem viver e conservação da biodiversidade.	<p>“No campo abre-se uma oportunidade mais palpável de uma relação com o Bem Viver pelas suas relações próprias, inclusive em relação a ecologia integral, num modo de vida que nos leva a uma compreensão maior na relação com a natureza/meio ambiente. Neste sentido, o curso nos abre horizontes e nos incita a práticas interessantes sobretudo no que diz respeito à promoção e defesa da vida”</p> <p>“Percebo de forma mais criativa e com uma relação bem mais simples de se fazer o manejo e conservação da biodiversidade nativa”</p>
Resistência (7)	O campo como espaço de lutas, conflitos, e, resistência	<p>“Local de múltiplas lutas, riquezas, conflitos, belezas e empoderamento das pessoas a partir de suas descobertas, ativações de suas raízes”</p> <p>“O campo, como qualquer outro território, é espaço de</p>

		<p>disputa, com suas particularidades”</p> <p>“O campo é um lugar de muita luta, muita potência, vida, porém perigoso para as minorias LGBTQIA+”</p> <p>“Eu percebo como uma forma de resistência, que está precisando resgatar as raízes, beber na ancestralidade. Será revolucionário quando conseguirmos unir a ancestralidade com as evoluções nas questões humanas, principalmente no que diz respeito as questões de gênero, divisão justa do trabalho, soberania e segurança alimentar, educação no campo. A força imensa que o campo tem de soberania aliada a autonomia é imbatível”</p>
(Re)conexão (7)	O campo como espaço de conexão e reconexão com a natureza	<p>“O campo é o contato com nossa natureza, nossos ancestrais, nossas curas e o curso está totalmente ligado ao campo, apesar de, mesmo morando na cidade, ele ser capaz de tantas mudanças. Mas no campo é que é possível executar melhor e mais completamente os ensinamentos”</p>

		<p>“O campo pra mim é reconexão com a natureza, meio ambiente e humano com respeito”</p>
Sustentabilidade (6)	<p>O campo como espaço para uma vida sustentável</p>	<p>“O campo é essencial para a vida, sua produção e reprodução, a partir da agricultura, e pensar novas formas para ela é urgente num sistema em colapso em que estamos”</p> <p>“O campo é a natureza em sua forma mais preservada. É lá que podemos exercer melhor uma relação sustentável com os seres e construir uma vida saudável e mais autônoma”</p>
Agroecologia (5)	<p>O campo como espaço para a Agroecologia e como saída para uma vida sustentável no campo</p>	<p>“O campo é essencial para a vida, sua produção e reprodução, a partir da agricultura, e pensar novas formas para ela é urgente num sistema em colapso em que estamos. A agroecologia é uma chave muito importante porque nos ensina a pensar de forma sistêmica, integrada, em contrapartida a um pensamento dicotômico, dual, reducionista e tecnicista do modelo convencional de agricultura”</p>
Possibilidades de aprendizado (4)	<p>O campo como espaço e</p>	<p>“Como lugar de imensas possibilidades e de contínuos</p>

	oportunidade de aprendizado e de práticas	<p>desafios aonde praticar as técnicas alternativas e sustentáveis que estudamos no curso”</p> <p>“O campo é uma sala de aula sem paredes, é a fábrica, o laboratório e o parque de diversão. O campo oferece e é os próprios meios e ferramentas de aprendizagem. O SERTA nos cria as condições de irmos até ele”</p>
Diversidade (3)	O campo como espaço de sujeitos diversos	<p>“Campo é território de sujeitos culturais sociais políticos”</p> <p>“Realidades muito diferentes, o campo tem várias interpretações conforme sua história de vida e experiências”</p>
Trabalho (2)	O campo como espaço de trabalho e educação	<p>“O campo é o alvo a ser alcançado, diferente do que fora pregado a vida toda. O campo é o local de trabalho e educação e tudo o que ele permeia se faz essencial para que essa realidade aconteça”</p> <p>“O campo hj é uma base para a produção alimentar”</p>
Inspiração (1)	O campo como espaço de inspiração	<p>“Eu vejo o campo como uma inspiração para a criação de várias obras de artes e tudo que a arte disponha para a criação das mesmas e com o curso a visão é mais profunda e ampla”</p>

Projeto de vida (1)	O campo como projeto de vida	“O campo para mim é projeto de Vida. Lá se encontram a nossa essência. Aprender a ser no contexto da Agrofloresta”
Outros (9)	Enunciados que fogem do tema ou não apontam nenhuma relação direta do campo com o Curso Técnico	“Minha relação com o curso é ótima e com o campo também”

Fonte: Própria Autora

Os enunciados que aparecem na categoria *Bem Viver* apontam para uma percepção sobre o campo como espaço para o bem viver e conservação da biodiversidade. Os enunciados dialogam com as vozes dos ideais do *Bem Viver* quando apresentam o campo como espaço de vida e conservação da natureza, nos despertando para a reflexão da relação entre os seres humanos e a natureza em que a harmonia e o respeito se fazem necessários para uma vida sustentável no campo.

Os enunciados que aparecem na categoria *Resistência* reforçam a ideia de que o campo é espaço de lutas, conflitos, resistência. Esses enunciados dialogam com vozes dos movimentos sociais que lutam por uma educação do campo e para o campo que atenda às necessidades dos povos que vivem na e da terra e que respeite e perceba os sujeitos como parte viva e construtora da sua história.

A categoria *(Re)conexão* traz enunciados que percebem o campo como espaço de conexão e reconexão com a natureza. Os enunciados mostram a importância da harmonia entre os seres humanos e o meio ambiente e apresentam essa re(conexão) como possibilidade de um contato mais próximo com a natureza e com nossos ancestrais.

A categoria *Sustentabilidade* traz enunciados que percebem o campo como espaço para uma vida sustentável em que há uma relação de harmonia e respeito com o meio em que se vive e com os seres em geral, possibilitando pensar novas formas de agir e estar em contato com a natureza, através de técnicas e práticas sustentáveis e autônomas.

Os enunciados que percebem o campo como espaço de vida e como saída para uma vida sustentável no campo aparecem na categoria *Agroecologia*, sendo, portanto, considerada, a chave para uma importante mudança de vida e uma possibilidade de se pensar o campo de forma sistêmica, integrada, dialogando com vozes que se opõem aos pensamentos dicotômicos, hegemônicos, reducionistas e tecnicistas que se apresentam no modelo atual e convencional de ensino e que defendem uma educação do campo e para o campo, com respeito aos saberes e experiências dos estudantes e lutam por uma educação justa e solidária.

Na categoria *Possibilidades de aprendizado* os enunciados apontam percepções sobre o campo como espaço e oportunidade de aprendizado e de práticas, mostrando que o campo é uma escola sem paredes, é espaço de convivência, de vida, de saberes e de cultura diversos e o SERTA possibilita essa conexão por ser um espaço de inúmeras possibilidades de se pôr em prática tudo o que se aprende durante o curso, seja nas atividades do TE ou nas atividades do TC.

O campo como um espaço de sujeitos diversos, políticos, culturais e sociais, aparece nos enunciados da categoria *Diversidade* em que aponta os sujeitos com realidades bem diversas, distintas e com história e contextos próprios.

A categoria *Trabalho* traz enunciados que ressaltam o campo como espaço de trabalho e educação e de possibilidades diversas a partir da realidade que se apresenta a cada estudante no contexto sócio cultural em que se está inserido, dialogando com vozes que defendem o campo como espaço de conexões e contra os ideais do agronegócio que não priorizam a produção alimentar sustentável e só visam o lucro e a produção em grande escala, empobrecendo o solo e explorando famílias.

Na categoria *Inspiração* um enunciado apresenta o campo como espaço de inspiração para a criação de várias obras de artes, ressaltando a ideia de que o SERTA possibilita olhares diversos sobre a vida e a natureza.

A categoria *Projetos de Vida* apresenta um enunciado que aponta para a possibilidade do campo ser visto como Projeto de Vida dialogando com as vozes presentes na metodologia do SERTA que trabalha com os estudantes durante um dos módulos do curso a temática Projetos de vida, em que os alunos correlacionam seus desejos e projetos a partir dos seus interesses e do que é vivenciado e compartilhado durante as imersões, seja nas atividades do TE ou do TC.

A categoria *Outros*, apesar de ter sido a mais expressiva, apresenta enunciados que fogem do tema ou não apontam nenhuma relação direta do campo

com o curso Técnico em Agroecologia. Os enunciados apontam para uma satisfação em relação ao curso, uma ótima relação com o campo e com o curso, sem apontar nenhuma sugestão.

DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 11 – PERCEPÇÕES SOBRE O CAMPO - RECORTE ANALÍTICO 11

As categorias analisadas acima nos apontam enunciados que apresentam a visão dos estudantes do Curso Técnico em Agroecologia sobre o Campo. A pergunta norteadora para este quadro foi *Como você percebe o campo?*

Alguns enunciados apontam o Campo como um espaço para o *Bem Viver*, sendo a categoria mais representativa com 8 participantes, pelas relações próprias que estabelece com o meio, inclusive em relação à ecologia integral, à Permacultura em que defende um modo de vida natural, em conexão com a natureza que nos leva a uma compreensão maior sobre a relação estabelecida entre os seres humanos e o meio ambiente. Esses enunciados dialogam com vozes de vários movimentos sociais que buscam uma maior harmonia e respeito entre o homem e o meio em que vive. Essas vozes também são compartilhadas pela metodologia vivenciada no SERTA e percebida através dos discursos dos estudantes e dos que integram as vivências dentro e fora da Instituição.

Outra categoria que se destacou foi a categoria *Resistência* com 7 participantes que percebem o campo como um espaço de lutas e resistência dialogando com vozes da Educação do Campo que nasce da luta e da resistência de vários movimentos sociais e da luta dos povos que vivem na e da terra. Esses discursos são perpassados por vozes que defendem a Agroecologia como saída para uma vida sustentável no campo e aparecem nos enunciados de alguns estudantes na categoria Agroecologia.

Vozes presentes nos enunciados que apontam o Campo como espaço de reconexão com a natureza e sustentabilidade estão também presentes nos princípios que norteiam a metodologia e as ações do SERTA.

Esses princípios ecoam nas diversas atividades vivenciadas ao longo do Curso e são percebidos nos enunciados e nas ações dos estudantes que permeiam este espaço educativo.

Os enunciados apontam ainda o campo como espaço diverso e como

oportunidade de aprendizado e de práticas a partir do planejamento de ações e da teoria aprendida no Curso.

O campo como Projeto de Vida é apontado em um discurso e cabe aqui ressaltar que o Curso e sua metodologia buscam juntamente com professores, equipe gestora e estudantes traçar metas e planos para o futuro impactando em mudanças significativas na vida dos estudantes da sua comunidade, dialogando com o objetivo deste trabalho que visa compreender as contribuições da metodologia PEADS na construção dos Projetos de vida dos sujeitos.

Percebemos que há uma preocupação tanto na proposta metodológica quanto no Projeto Político Pedagógico em alinhar as ações do SERTA à realidade dos alunos e assim buscar soluções para os problemas além de dialogar com as famílias e a comunidade para que juntos possam mudar a realidade existente e construir um mundo mais justo e mais humano em conexão com a nossa mãe terra.

5.3.5.2. Relação do Campo com o Curso Técnico em Agroecologia

No Quadro 12 apresentaremos as percepções dos estudantes sobre a relação entre o campo e o curso Técnico em Agroecologia e analisaremos em seguida as categorias discursivas encontradas:

Quadro 12 - Relação do Campo com o Curso Técnico em Agroecologia

Categorias	Explicação Enunciados que dialogam com...	Exemplos
Agroecologia (11)	Agroecologia como saída para pensar o campo de forma sistêmica, integrada, agroecológica	“A agroecologia é uma chave muito importante porque nos ensina a pensar de forma sistêmica, integrada, em contrapartida a um pensamento dicotômico, dual, reducionista e tecnicista do modelo convencional de agricultura” “O curso técnico em

		<p>Agroecologia, com a metodologia do SERTA, traz uma mudança na concepção do imaginário do campo para muitas pessoas que o veem como um lugar de pobreza, miséria. O curso técnico traz o valor do campo, a riqueza, a diversidade”</p> <p>“A agroecologia é uma ferramenta para a transformação desse espaço e dos modos de vida normalizados pela sociedade”</p>
Possibilidades (7)	O curso como possibilidades de transformação das diversas realidades.	<p>“Como lugar de imensas possibilidades e de contínuos desafios aonde praticar as técnicas alternativas e sustentáveis que estudamos no curso”</p>
Fortalecimento (4)	A possibilidade de levar informação para os espaços campestres e fortalecer as práticas no campo	<p>“O curso técnico ele valoriza e fortalece as práticas do campo”</p> <p>“Um lugar que é frágil a respeito de esperança pra quem vive e o curso fortalece muito isso”</p> <p>“Eu percebo o campo desatualizado, a escassez de pontos de informação. A relação com os técnicos é justamente essa a de levar a informação, não somente, também a de buscar a informação com quem sabe. De certa forma muito do que se sabia antes foi perdido ou substituído por métodos e maneiras convencionais das quais não</p>

		convence e na sustenta ninguém
Metodologia (3)	A metodologia PEADS para melhorar a qualidade de vida dos povos do campo	“Como uma forma de melhorar de vida e de cuidar da terra que tem nos dado o alimento de cada dia” “A metodologia aplicada no SERTA tem como principal objetivo melhorar a qualidade de vida no campo, por meio da conscientização e mudança na maneira como o trabalhador rural trata a terra”
Empoderamento (1)	Um empoderamento, autonomia e soberania dos povos do campo	“O curso vem para trazer empoderamento, esclarecimento, amorosidade e trocas de saberes, de experiências. Atuação no campo para despertar e reativar a vontade de se reerguer na força interna, na capacidade de reconstruir a realidade, sem sair do campo”
Ser consigo e ser com o outro (1)	A importância do Curso como instrumento para resgatar relações	“Um instrumento para resgatar relação de nós seres humanos com nossos eu, para melhoria das relações com os outros, com ao mundo e trazer ao debate o social, o político e ambiental”

Fonte: Própria Autora

A partir das categorias acima analisadas pudemos perceber que há uma relação direta do Curso Técnico em Agroecologia com o campo. Os enunciados da categoria *Agroecologia* dialogam com os movimentos sociais do campo que percebem a Agroecologia como saída para pensar o campo de forma diferenciada possibilitando a integração entre homem e natureza dialogando com os ideais da

educação do campo que enxergam o campo como um espaço rico e diversos e que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária.

A categoria *Possibilidades* reforça essa ideia acima apresentada através dos enunciados dos estudantes que apontam o curso como possibilidades de transformação das diversas realidades existentes no campo através das técnicas aprendidas no curso que poderão levar a uma mudança de vida de forma sustentável. Os enunciados indicam que o curso possibilita uma maior sensibilidade a respeito do território, uma maior integração entre o homem e a natureza e auxilia na forma de intervenção desses espaços para a sua transformação, não como uma forma de dominação desses espaços, mas como uma forma de interação.

Os enunciados apontados na categoria *Fortalecimento* indicam a possibilidade de o curso favorecer a disseminação de informações necessárias para os espaços camponeses uma vez que esses espaços são vistos como espaços atrasados, desinformados e com pouco acesso a informações, dialogando com vozes que veem o campo como um espaço de atraso e ignorância e fortalecer as práticas no campo dialogando com vozes que apontam para uma valorização e fortalecimento dos sujeitos e das práticas no campo, a partir das técnicas e tecnologias vivenciadas no SERTA e aplicadas nas comunidades.

A categoria *Metodologia* apresenta enunciados que indicam que o curso, através da metodologia PEADS aplicada no SERTA, ajuda a melhorar a qualidade de vida no campo por ter como principal objetivo melhorar a qualidade de vida dos povos que vivem na terra, seja por meio da conscientização da maneira de enxergar e tratar a terra, seja por meio de práticas favorecidas pelo curso.

A categoria *Empoderamento* traz enunciados que apontam para um empoderamento, autonomia e soberania dos povos do campo. Esses enunciados dialogam com as vozes da educação do campo que acreditam na capacidade de reconstrução da realidade em que vivem esses povos sem a necessidade de sair do campo”

A categoria *Ser consigo e ser como outro* apresenta enunciado que ressaltam a importância do Curso como instrumento para resgatar relações, relaciona o curso à possibilidade de uma maior compreensão de nós mesmos e da relação com o outro, levando a uma melhoria das interações sociais para uma melhor convivência, seja nos espaços do SERTA, seja no âmbito familiar, ou na

sua comunidade.

DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADRO 12 – RELAÇÃO DO CAMPO COM O CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA - RECORTE ANALÍTICO 12

As categorias analisadas acima, cuja pergunta mediadora foi sobre *a Relação do Campo com o Curso Técnico em Agroecologia*, apresentaram enunciados de 11 participantes, na categoria *Agroecologia*, sendo a mais expressiva, que dialogam com os princípios filosóficos e metodológicos vivenciados no SERTA. Segundo os enunciados, a Agroecologia é considerada como a saída para se pensar o campo de forma sistêmica, integrada e agroecológica. Percebe-se que há uma relação dialógica entre as vozes da Agroecologia e o pensamento dos estudantes em relação ao que pensam sobre o Campo e sua relação com o Curso Técnico. Essa dialogicidade é reforçada na categoria *Possibilidades*, com 8 participantes, ao apresentarem a Agroecologia como possibilidade de transformação das diversas realidades existentes no campo através das técnicas aprendidas no Curso e que poderão contribuir para uma mudança de vida de forma mais sustentável. Os enunciados apontam para um fortalecimento das práticas do campo através do Curso que dialogam com vozes que fundamentam a metodologia aplicada no SERTA que tem como principal objetivo melhorar a qualidade de vida no campo, por meio da conscientização, informação, empoderamento, amorosidade e troca de saberes entre os sujeitos que levem a mudanças significativas na maneira de ser, lidar e tratar a terra.

Alguns enunciados nos chamam a atenção por apontarem o Campo como um lugar que é frágil a respeito de esperança para quem vive, com escassez de pontos de informação, desatualizado e o curso aparece como uma possibilidade de fortalecimento e enfrentamento desses problemas junto à comunidade. Esses discursos estão frequentemente presentes em todo o processo educativo do SERTA que alertam para a necessidade de planejamento que levem a mudanças de comportamento e consequentemente a uma mudança na qualidade de vida do planeta terra.

Alguns enunciados ressaltam a importância do Curso como instrumento para resgatar relações e como saída para a melhoria das relações com o outro,

com o mundo, trazendo para o debate discussões sobre o social, o político e o ambiental em consonância com os princípios presentes, tanto na metodologia quanto no Projeto Político Pedagógico da Instituição em estudo que ressaltam a importância da reconstrução da realidade em que vivem os povos do campo, dialogando com os princípios da Agroecologia que fundamentam as ações do SERTA sem ter a necessidade de sair do campo e migrar para a cidade em busca de uma vida melhor.

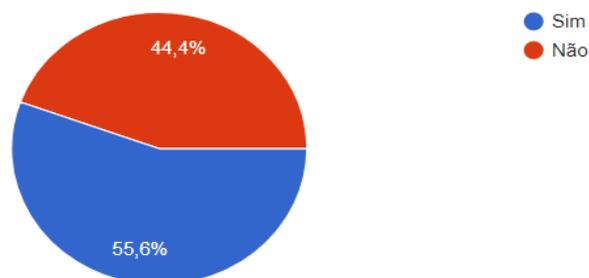
5.3.5.3. Sugestões de mudança para o Curso Técnico em Agroecologia

Em relação à questão: *Você tem alguma sugestão de mudança para o curso?* Tivemos 55,6% dos entrevistados que responderam *SIM* e 44,4% que responderam *NÃO*, conforme Gráfico 8:

Gráfico 8 - Sugestões de mudança para o Curso Técnico

Você tem alguma sugestão de mudança para o curso?

63 respostas



Fonte: Própria Autora

A partir da análise das respostas dos entrevistados encontramos algumas categorias discursivas que serão apresentadas em dois quadros abaixo:

No Quadro 13 - SIM - 55,6% - Sugestões de mudança para o Curso Técnico Quadro 13, apresentaremos as categorias discursivas encontradas a partir da análise das respostas referentes a 55,6% dos entrevistados que responderam que *SIM* por se mostrarem insatisfeitos e apresentarem algumas sugestões de mudanças para o Curso:

Quadro 13 - SIM - 55,6% - Sugestões de mudança para o Curso Técnico

Categorias	Explicação Enunciados que favorecem vozes sociais sobre...	Exemplos
Representatividade (8)	A presença de mais mulheres no corpo docente e a necessidade de um espaço menos higienizado	<p>“Maior representatividade feminina de educadoras e busca por contribuição pedagógica principalmente tecnológica externa à instituição”</p> <p>“Gostaria que o SERTA fosse um espaço menos higienizado no sentido heteronormativo, pois apesar de uma grande democracia racial e equidade perante as camadas campo-cidade, o curso essencialmente não vem se preocupando com abarcar pessoas trans e travestis e outras dissidências de gênero, no sentido de introjeção de discurso do corpo docente, para daí desenhar uma prática nesse sentido, que é um tema sobre o qual vinha conversando com Sandro Cipriano”</p>
Praticidade (6)	A necessidade de	“Mais aulas práticas

	mais aulas práticas em campo	“Investir em aulas fora das quatro paredes de escola convencional, mergulhar em espaços abertos e em contato com a natureza para que mais alunas e alunos se sintam pertencentes e conectados a essa terra”
Planejamento (4)	A necessidade de um maior planejamento das aulas e das atividades vivenciadas no SERTA (TE) e no Tempo Comunidade (TC)	“Só uma maior organização no planejamento das aulas e do nosso tempo de imersão” “Algumas pontos referentes a sistematização e o caminho da comunicação interna e externa”
Equilíbrio (3)	A necessidade de um maior equilíbrio entre a teoria e a prática	"Que se tenha mais equilíbrio entre a teoria e a prática. Afinal, é um curso técnico”
Transição (2)	A importância de uma transição agroecológica no espaço da Instituição SERTA	“Acho que a instituição poderia dar uma grande guinada se começasse uma transição agroecológica mesmo, ou seja, visando autonomia de fato, que a tornasse cada vez mais independente de recursos externos, independente sobretudo do Estado. Acho que a atual estrutura institucional obriga todos

		<p>do SERTA, o que também inclui o que alunos absorvem como aprendizado, a um gasto impressionante de energia em batalhas do jogo democrático, e vejo que isso ocorre pelo SERTA ainda ser totalmente dependente dessas fontes. Essa necessidade tão patente não me parece sustentável (e para sustentá-la como tal, muito, talvez bem mais da metade da energia dispensada pelas cabeças principais, foi e continua se voltando para políticos). Talvez minha visão neste ponto seja enviesada, mas é assim que eu percebo e penso”</p>
Compromisso (2)	A necessidade de mais clareza e cumprimento das regras pelos alunos	“Compromisso dos participantes”
Retorno (2)	A necessidade de um retorno dos resultados das avaliações	“Não é uma mudança, é mais uma clareza nas regras, algumas aulas não entendo quais são os objetivos do que está sendo desenvolvido, o porque de fazer aquelas atividades,

		<p>acredito que fica mais fácil vencer o jogo quando se sabe as regras. Outra coisa, se temos uma avaliação a cada final de modulo, porque não temos um retorno desta avaliação, afinal como saber se estamos indo pelo caminho certo, sem ter um feedback? E com o feedback, algumas pessoas perceberiam que seus esforços estão sendo reconhecido, o que a deixaria cada vez mais motivada, e os que acham que ainda não levam a sério e estão perdendo está oportunidade de crescimento, sem a sensação de impunidade se esforçarão e também sairão ganhando ao final”</p>
Empreendedorismo (1)	O resgate da escola rural com uma base metodológica voltada ao empreendedorismo e tecnologias digitais	“Que apesar dos tempos difíceis no âmbito econômico, social e político, acho importante o resgate da escola rural com uma base metodológica também voltada ao empreendedorismo e tecnologias digitais”
Formação (1)	A necessidade de	“Acho que faltam

	mais professores com conhecimentos científicos	educadores com um maior conhecimento científico, talvez trazer mais professores da academia”
Espaço heterogêneo (1)	A necessidade de um dormitório misto	“De homens e mulheres poderem dividir o mesmo quarto e não ficar separado”
Debates (1)	Diversidade sexual e de gênero, racismo, intolerância religiosa, saúde mental, entre outros.	“Muito se fala que sem feminismo não há agroecologia, porém raramente temos aulas com mulheres (cis ou trans). Além disso, raramente ou quase nunca falamos sobre diversidade sexual e de gênero, de racismo, de intolerância religiosa, de saúde mental. É preciso trazer esses debates para a escola”
Metodologia (1)	A necessidade de novas estratégias metodológicas	“A necessidade de pensar novas estratégias pedagógicas mais expandidas, que abarquem a demanda da cidade, que também clama por um entendimento sobre a agroecologia, daí o fato de estar também ocupando tanto esse espaço”
Outros (5)	Enunciados que fogem do tema ou não apontam nenhuma sugestão de	“Sempre temos o que melhorar, isso que nos faz avançar”

	mudança para o Curso Técnico	
--	---------------------------------	--

Fonte: Própria Autora

Os enunciados analisados na categoria *Representatividade* sugerem a presença de mais mulheres no corpo docente e apontam para a necessidade de um espaço menos higienizado. Os enunciados fazem uma crítica à falta de representatividade feminina no corpo docente da Instituição bem como sugerem um espaço menos higienizado no que diz respeito às questões heteronormativas.

A categoria *Praticidade* traz enunciados que indicam a necessidade de mais aulas práticas em campo, em espaços abertos, em contato com a natureza para que os estudantes se sintam mais conectados e pertencentes ao campo.

Na categoria *Planejamento* os enunciados apontam para a necessidade de um maior planejamento das aulas e das atividades vivenciadas no SERTA (TE) e no tempo comunidade (TC).

A categoria *Equilíbrio* traz enunciados propõem um maior equilíbrio entre a teoria e a prática para garantir um maior aproveitamento do curso por parte dos estudantes e a oportunidade de colocar em prática tudo o que veem nos períodos de imersão.

Em relação à categoria *Transição* temos enunciados que ressaltam a importância de uma transição agroecológica no espaço da Instituição SERTA. Os enunciados trazem um questionamento e uma sugestão para que o SERTA realmente faça uma transição agroecológica nas suas práticas, uma vez que em alguns espaços da Instituição ainda percebemos atitudes que não dialogam com vozes que são trabalhadas e vivenciadas pela metodologia do curso. Os enunciados sugerem mudanças para que o SERTA possa, cada vez mais, se tornar independente de recursos externos, sobretudo do Estado, podendo assim conquistar sua autonomia e soberania de verdade.

Alguns enunciados, na categoria *Compromisso*, chamam a atenção e apontam para a necessidade de mais clareza e cumprimento das regras pelos alunos.

O pedido de um retorno dos resultados das avaliações também aparece nos enunciados da categoria *Retorno* como sugestão e questionamento, uma vez

que apontam esse feedback como uma oportunidade de crescimento pessoal e coletivo e como motivação para a realização e participação das diversas atividades propostas, seja no TE ou no TC.

A categoria *Empreendedorismo* traz enunciados que sugerem o resgate da escola rural com uma base metodológica voltada ao empreendedorismo e tecnologias digitais, como forma de superar os tempos difíceis que estamos atravessando seja no âmbito político, econômico ou social.

A categoria *Formação* traz um enunciado que sugere a contratação de mais professores com conhecimentos científicos, vindos da academia.

A sugestão de um espaço misto aparece na categoria *Espaço heterogêneo*, através dos enunciados em que os estudantes sugerem a organização de um dormitório misto, uma vez que homens e mulheres dividem quartos separados, nos períodos de imersão do curso.

A categoria *Debates* traz no enunciado de um estudante a sugestão de mais debates sobre diversidade sexual e de gênero, racismo, intolerância religiosa, saúde mental, entre outros no espaço da Instituição.

A categoria *Metodologia* traz um enunciado que aponta a necessidade de novas estratégias metodológicas para que essas estratégias possam alcançar tanto as necessidades do campo quanto da cidade por entenderem que os espaços urbanos também clamam por conhecimento sobre a Agroecologia e por uma vida mais saudável.

A categoria *Outros* traz enunciados que fogem do tema ou não apontam nenhuma sugestão de mudança para o Curso Técnico.

No Quadro 14 apresentaremos as categorias que remetem a 44,4% dos entrevistados que responderam que *NÃO* tem nenhuma sugestão de mudança para o curso:

Quadro 14 - 44,4% - NÃO apresentaram sugestões de mudança para o Curso Técnico

Categorias	Explicação Enunciados que favorecem as vozes sobre...	Exemplos
Metodologia (7)	A metodologia como um método de ensino perfeito e renovador	<p>“O SERTA é perfeito o método de ensino”</p> <p>“Acho q a maneira como a metodologia está sendo aplicada está dentro das minhas perspectivas”</p> <p>“Para mim a pedagogia da alternância é muito renovadora”</p>
Outros (17)	Enunciados que fogem do tema ou se sentem satisfeitos com o curso e não apontam nenhuma sugestão de mudança	<p>“Não por enquanto”</p> <p>“Não tenho nenhuma sugestão no momento”</p>

Fonte: Própria Autora

As categorias acima analisadas apresentam os enunciados dos estudantes que se mostraram satisfeitos com o curso.

A categoria *Metodologia* traz enunciados que apresentam a metodologia *PEADS* e a *Pedagogia da Alternância* trabalhadas no SERTA, como método de ensino perfeito e inovador, dialogando com a ideia de que o curso atende as suas expectativas, principalmente por entender que é um método renovador, bem como por perceberem que os docentes se apresentam afinados com a proposta metodológica e seguros de si.

A categoria *Outros* apresenta enunciados que fogem do tema ou enunciados de estudantes que se sentem satisfeitos ou apresentando certo contentamento com o curso, mas sem apontar nenhuma sugestão de mudança.

**DIALOGANDO COM OS ENUNCIADOS/ QUADROS 13 E 14 –
SUGESTÕES DE MUDANÇA PARA O CURSO TÉCNICO - RECORTES
ANALÍTICOS 13 E 14**

Alguns enunciados analisados que sugerem mudanças para o Curso ressaltam a importância da presença de mais mulheres no corpo docente e apontam para a necessidade de um espaço menos higienizado, bem como um maior equilíbrio entre a teoria e a prática e a possibilidade de se pensar novas estratégias pedagógicas.

O pedido de um retorno dos resultados das avaliações aparece em alguns enunciados como sugestão e questionamento, uma vez que apontam esse feedback como uma oportunidade de crescimento pessoal e coletivo e como motivação para a realização e participação das diversas atividades propostas pela metodologia PEADS.

Novas estratégias metodológicas que possam alcançar tanto as necessidades do campo quanto da cidade foram sugeridas em alguns enunciados por compreenderem que os espaços urbanos também clamam por mudanças, por uma vida mais saudável e por mais conhecimento sobre a Agroecologia.

Concluimos nossa análise, a partir da triangulação dos dados construídos nos três momentos da pesquisa, com a sensação de que as vivências e atividades propostas pela metodologia PEADS, a pedagogia da alternância vivenciada através das atividades do TE e do TC favorecem a partilha de saberes e a oportunidade de praticarem tudo que é aprendido no curso, em seu território, na sua propriedade ou na comunidade. Percebemos que os objetivos e metas traçados durante o curso favorecem a realização dos projetos de vida dos estudantes por estarem de alguma maneira ligados às propostas do Curso Técnico em Agroecologia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo ao realizar este trabalho de pesquisa foi o de compreender como a proposta metodológica do SERTA (PEADS) pode contribuir para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes e, nessa direção, analisar as vozes sociais que permeiam este espaço educativo e como os discursos produzidos pelos estudantes, através de seus enunciados, estão interligados dialogicamente ao contexto histórico-cultural em que estão inseridos.

É de grande relevância entender que é através da relação dialógica entre estudantes, membros da equipe pedagógica e professores, que a metodologia aplicada no SERTA, o PEADS, pode contribuir para a construção dos projetos de vida dos estudantes, numa interação em que todas as partes estejam interligadas dialogicamente aos territórios dos sujeitos.

A partir da análise dos dados construídos neste trabalho de pesquisa, pudemos perceber que o sujeito, no seu dia-a-dia, assume diversos lugares enunciativos, dependendo das exigências do espaço, do tempo histórico e das relações que ele estabelece no seu contexto sociocultural.

De acordo com a análise dos dados construídos nos três momentos da pesquisa, compreendemos que a metodologia PEADS e a Pedagogia da Alternância possibilitam o protagonismo dos sujeitos, o sentimento de pertencimento a um grupo social, a motivação para aprender, pesquisar e compartilhar os saberes diversos que são apreendidos no curso, seja nos momentos de imersão (TE), seja nas atividades do Tempo Comunidade (TC), ao proporcionar a oportunidade de escuta e de valorização individual e coletiva dos sujeitos ao longo de todo o processo vivenciado desde o início da primeira semana de imersão no Curso Técnico em Agroecologia.

A partir das observações e dos enunciados dos estudantes percebemos que os estágios são momentos importantes para a concretização das ações planejadas no Tempo Escola, mas que alguns enunciados apontam para uma descontinuidade das atividades desenvolvidas no SERTA, que são realizadas durante as aulas no período de imersão e que não se estendem para as atividades vivenciadas no Tempo Comunidade.

A capacidade de interagir consigo e com o outro a partir das vivências no TE ou no TC; a possibilidade de um autoconhecimento; o despertar de afetos nos vínculos sociais; o respeito ao outro e à natureza; o processo de subjetivação envolvendo os estudantes, as famílias, o local, o trabalho, o cotidiano da vida e a comunidade; o compromisso ético em transformar o conhecimento em ação concreta, em repassar sua experiência e conhecimento para a família e a comunidade local; o conhecimento que é gerado entre os estudantes a partir das pesquisas ou levantamento de seus conhecimentos prévios, são alguns aspectos percebidos durante o processo de análise dos dados construídos.

As análises apontam, ainda, que os professores, estudantes e equipe pedagógica se sentem protagonistas no processo de ensino aprendizagem, apontando para uma parceria que passa a ser construída entre os estudantes, as famílias e comunidades, uma vez que a comunidade torna-se parte da construção de conhecimento e da melhoria da qualidade de vida, contribuindo para a transformação da realidade local, seja na melhoria da renda das pessoas, seja na relação de respeito e conservação da natureza.

Percebe-se que acordos e normas de convivência, criados coletivamente com o objetivo de estabelecer a confiança, o respeito, a partilha, a conscientização dos estudantes em relação à participação ativa nas vivências proporcionadas pela metodologia PEADS, seja no TE ou no TC, são fundamentais para o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos.

As interações estabelecidas entre educadores e estudantes que dialogam entre si e se opõem à visão hierárquica e autoritária da educação formal em direção a uma relação de reciprocidade, solidariedade, amizade e respeito, como alternativa para a construção de um modelo de educação que respeite e valorize a cultura, os saberes e a história individual e coletiva dos estudantes se alinham à metodologia PEADS e aos princípios da Educação do Campo.

A valorização das pessoas, do lugar, da história das famílias, das condições em que vivem, do trabalho, da vida no campo, dos saberes, a realidade dos estudantes são considerados conteúdos curriculares junto com as disciplinas, desvalorizados ao longo da história e que constituem, hoje, a proposta metodológica do SERTA.

Percebemos ainda, a partir das análises dos questionários e suas relações com nosso objeto de estudo, o reconhecimento e o despertar do sentimento de

pertencimento ao campo bem como o pertencer a um grupo social específico, tendo a Agroecologia como uma saída para uma vida melhor.

Outro ponto muito destacado foi a motivação apresentada pelos estudantes participantes da pesquisa em aprender mais sobre Agroecologia e Permacultura, pesquisar e compartilhar os saberes diversos que são apreendidos e vivenciados ao longo do curso, que contribuem para as escolhas e projetos futuros e principalmente para a construção de uma vida mais sustentável no campo.

A realização de debates sobre temas diversos é percebida pelos estudantes como uma possibilidade de visibilização do cotidiano, conhecer culturas diversas que proporciona uma compreensão maior da realidade e a transformação individual coletiva dos sujeitos.

O reconhecimento por parte dos professores, estudantes e equipe pedagógica de que os conhecimentos que são gerados entre os estudantes a partir das pesquisas ou levantamento de seus conhecimentos prévios são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades é fundamental para que se sintam importantes e se percebam protagonistas no processo de ensino aprendizagem.

O processo avaliativo também foi apontado como um ponto positivo da metodologia por proporcionar a autoavaliação e a heteroavaliação de todo o processo educativo, de forma democrática e participativa.

O compromisso ético em transformar o conhecimento em ação concreta, percebido em vários enunciados, a preocupação em repassar sua experiência e conhecimento para a família e a comunidade local foi bastante enfatizada através dos discursos produzidos e percebidos entre os participantes.

Ao longo das análises, alguns pontos nos chamaram atenção, primeiro, em relação à necessidade de se pensar novas estratégias pedagógicas, que sejam mais expandidas, que consigam alcançar, além do campo, a demanda da cidade, que clama por um entendimento sobre a Agroecologia e pela necessidade de uma mudança de postura em relação ao modo de ser e se relacionar com a natureza. Nas vozes de alguns sujeitos, os enunciados dialogavam com questões dos espaços urbanos, ainda pouco explorados nas práticas observadas e nos discursos nos três momentos da metodologia que exploramos.

Segundo, parece haver a necessidade, nas vozes de alguns sujeitos, que haja um maior equilíbrio entre a teoria e a prática, tendo em vista que a análise versou sobre um Curso Técnico em Agroecologia.

Uma maior representatividade feminina de educadoras também foi um ponto enunciado, como havendo uma carência no espaço do SERTA, visto que o SERTA parece abrir-se para dialogar sobre algumas questões importantes, transversais, como as questões de gênero, mas na prática esta temática não foi explorada em dialogicidade com eventos atuais. Por exemplo, como foi percebido em alguns enunciados, este tema vinha sendo discutido junto com um professor, S. C., mas que não houve continuidade dos debates sobre determinados temas após a sua morte.

Pode-se concluir que, os resultados alcançados a partir da análise dos dados desta pesquisa, apontam a metodologia diferenciada, não linear vivenciada no espaço da Instituição como um possível caminho para a construção dos Projetos de Vida dos sujeitos que permeiam este espaço educativo, em diálogo com os documentos que orientam as práticas do SERTA bem como suas próprias práticas.

Para pesquisas futuras, com base em aberturas dialógicas advindas deste trabalho, pode-se pensar em estudar a relação de reciprocidade entre Agroecologia e Projetos de Vida, Questões de Gênero e Agroecologia, que buscam alternativas sustentáveis e uma possível reconexão com a natureza para uma melhor qualidade de vida, seja no campo ou na cidade, buscando, a partir das interações, dialogar com os princípios do bem viver que visam a uma maior harmonia e respeito entre o homem e a natureza.

7. REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, P. *et al.* **Questões éticas da pesquisa em psicologia do desenvolvimento.** Psicologia, Ciência e Profissão. Brasília, 2012.
- ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.s). **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Políticas de formação de educadores (as) do campo.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007.
- BAKHTIN, Mikhail (V. N. VOLOCHÍNOV) **Marxismo e Filosofia da Linguagem** 11ª Edição. São Paulo: HUCITEC. 2004.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSPE, 2003. Cap. I. p. 01-10.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BECHKER, H. A. Observation by informants in institutional research. *Quality & Quantity*, v. 6, p. 157-169, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de educação.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSPE, 2003. Cap. II. p. 11-27.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Nova LDB (Lei no 9394/96). Rio de Janeiro: Qualithmark Editora, 1997.
- CAFÉ, Adalcilena; (*et. al.*). **Juventude do Campo e Educação: múltiplos olhares e possibilidades.** In: RANGEL, Ana Cristina (org.). **Políticas Públicas para a Juventude do Campo na Amazônia: direito nosso, dever do estado!** BELÉM, PA: [s.n.]. Jun. 2007.
- CALDART, R. S. Educação do campo. In: _____ (Org.). CALDART, R. S. *et al.* (Org.). **Dicionário da educação do campo.** São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2ª edição. Expressão Popular, p. 257, 2012.
- CALDART, Roseli Salete. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo.** In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de; (Org.s). **Por uma educação do Campo: contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo.** vol. 5. 2004.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo

- Ricardo; CALDART, Roseli Salete (Orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002 (Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4).
- CALDART, Roseli. A Escola do Campo em movimento. *In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). Por uma Educação do Campo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- DAYRELL, Juarez Francisco. **Juventude, Grupos de Estilo e Identidade. Educação em Revista**. FAE/UFMG, 30. Belo Horizonte, 1999.
- DURSTON, John. **Juventud rural em Brasil y México: reduciendo La invisibilidad**. Santiago do Chile: CEPAL, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba, PR. CRIAR EDIÇÕES, 2003.
- FERNANDES, B. M., & MOLINA, M. C. (2004). **O campo da Educação do Campo**. In Molina, M. C., & S. Jesus, M. S. (Orgs.). *Por Uma Educação do Campo: Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do campo* (pp.32-53). Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- FERNANDES, B. M., CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (2009). **Primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo**. In Arroyo, M. G. Caldart, R. S., & M. C. Molina, (Orgs.). *Por uma educação do campo* (pp.20-63). Petrópolis, RJ: Vozes.
- FERNANDES, Bernardo M. **Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais**. Educação do Campo e pesquisa: questões para a reflexão, org. Molina, Monica C. et al, 2008.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Por uma educação básica do Campo**. In ARROYO, Miguel Gonzalez. **A educação básica e o movimento social do campo: Por uma educação básica do campo**. Brasília-DF: [s.n], 1999.
- FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. “Primeira Conferência Nacional ‘Por uma educação básica do campo’: texto preparatório”. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, H. C. A. **A construção da rede sócio-técnica de educação de assentados da reforma agrária: o PRONERA**. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007
- FROSSARD, Antonio Carlos. **Identidade do Jovem Rural Confrontando com Estereótipo de Jeca Tatu: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Nova De Lisboa – Portugal, Universidade François Rabelais de Tours – França. Nova Friburgo - RJ, Brasil. Dezembro de 2003.

FURLANI, Daniela Dias; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Jovens de ambiente rural e urbano e sua relação com projetos de vida. In: LEITE, Jáder Ferreira; DIMENSTEIN, Magda. (Org.). **Psicologia e Contextos Rurais**. Natal: Editora da UFRN – EDUFRN, 2013. Cap. IV. p. 117-142.

GIL, Antônio C. (1999). Observação. In: _____. **Métodos e Técnicas em Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas. Cap. 10, p. 110-116

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

GOMES, Nilma L; DAYRELL, Juarez T. **A juventude no Brasil**. Belo Horizonte: Mimeo. 2004.

KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.116, p.41-59, jul. 2002.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Trad. de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIMA, Suzana Maria Valle; VIEIRA, Luis Fernando; CASTRO, Antônio Maria Gomes de. [Et al.]. **JUVENTUDE RURAL E AS POLÍTICAS E PROGRAMAS DE ACESSO À TERRA NO BRASIL: Recomendações para Políticas de Desenvolvimento para o Jovem**. Brasília: MDA, 2013.

MEDINA, L. **El Análisis Dialógico del Discurso: analizar el discurso sin olvidar el discurso**. En Canales, M. (Coord.). Escucha de la escucha. Análisis e interpretación en la investigación cualitativa (pp. 295-317). Santiago: Universidad de Chile. (2013).

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLINA, M. C. **A contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de educação do campo e desenvolvimento sustentável**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

MOURA, Abdalaziz de. **Princípios e fundamentos da Proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável – PEADS: Uma proposta que revoluciona o papel da escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo**, Recife, Editora: Via Design Publicações, 2ª ed. 2003.

MOURA, Abdalaziz de. **Uma Filosofia da Educação do Campo que faz a diferença para o Campo**, Recife, Editora: Via Design Publicações, 1ª ed. 2015.

OLIVEIRA Jr.Otacílio de; PRADO, Marco Aurélio Máximo. **A categoria juventude em contextos rurais: o dilema da migração**. In: LEITE, Jáder Ferreira; DIMENSTEIN, Magda. (Org.). **Psicologia e Contextos rurais**. Natal: Editora da UFRN – EDUFRN, 2013. Cap. II. p. 57-88.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento. Um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

PANORAMA DA EDUCAÇÃO NO CAMPO. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Inep | MEC. 2007.

PERES, F.; BARBOSA, E. A. Jovens do campo e projetos de vida: reflexões da psicologia histórico-cultural. In: SILVA, T. A. A. da. (Org.). **As juventudes e seus diferentes sujeitos**. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2017. Cap. IV. p. 83-97.

PERONDI, Maurício. Jovens e participação social: narrativas de experiência em coletivos juvenis. In: SILVA, T. A. A. da. (Org.). **As juventudes e seus diferentes sujeitos**. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2017. Cap. V. p. 99-118.

PRONACAMPO. Brasília: MEC, 2012.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionilo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017.

RIBEIRO, M. A. (2004). **Orientação profissional para “pessoas psicóticas”: um espaço para o desenvolvimento de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos**. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002

SANTOS, Cláudio Eduardo Félix dos; PALUDO, Conceição, OLIVEIRA, Rafael Bastos Costa de. **Concepção de educação do campo**. IN: TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira; ESCOBAR, Micheli Ortega, (orgs). Cadernos didáticos sobre educação no campo. Universidade Federal da Bahia, Salvador: EDITORA, 2010.

SCHMIDT, M. L. S. (2008). **Aspectos éticos nas pesquisas qualitativas**. In I. C. Z. Guerriero, M. L. S. Schmidt & F. Zicker (Orgs.). *Éticas nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde* (pp. 247-252). São Paulo: Hucitec.

SILVA, Catarina Malheiros da. **Escola, saberes cotidiano no meio rural: um estudo sobre os (as) jovens do sertão da Bahia**. (Dissertação de Mestrado) Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

SILVA, M. S. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do campo e pesquisa**. Questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 60-90

SILVA, Vera Terezinha Carvalho. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida sustentabilidade social e ambiental**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2007.

SOUZA, M. A. Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1089-1111, set./dez. 2008.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Introdução. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 11-16.

TRINDADE, Domingos Rodrigues da. **O potencial da licenciatura em educação do campo da universidade de Brasília para a produção de ações contra-hegemônicas: um estudo de caso no Assentamento Itaúna em Planaltina de Goiás**. (Dissertação de Mestrado) Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Brasília, 2011.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. S. Paulo: Martins Fontes, 1991.

WANDERLEY, M. de Nazareth Baudel. **Juventude Rural: vida no campo e projetos para o futuro**. Recife, Editora UFRPE, 2013.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapas de estudos recentes**. Brasília: MDA, 2005.

XIMENES, Verônica Moraes; SILVA, Alexsandra M. Sousa; ABREU, Márcia Kelma de Alencar; [*Et al.*]. Modos de vida de jovens em contextos rurais: o que temos a dizer sobre isso? In: COLAÇO, Veriana; GERMANO, Idilva; MIRANDA, Luciana Lobo; BARROS, João Paulo. (Orgs.). **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2019. p. 513-531.

8. ANEXOS

8.1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Pesquisa: Educação do Campo e projetos de Vida: Dialogando com a Proposta metodológica do SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa)

Responsável: Nicéia Andrade da Silva (contato:99666-6104 / niceiaandrade26@gmail.com)

Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco – Fundação Joaquim Nabuco

Apresentação e procedimentos:

Este trabalho de pesquisa se propôs a compreender como a proposta metodológica do SERTA contribui para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes a partir da Análise Dialógica Discursiva (ADD) baseada no círculo de Bakhtin e das vozes sociais que permeiam este espaço educativo.

Objetivo Geral:

Compreender as contribuições da proposta metodológica do SERTA para a construção dos Projetos de Vida dos estudantes, considerando-se o jogo dialógico presente nos enunciados dos sujeitos, a partir das interações possibilitadas por este espaço formativo.

Objetivos Específicos;

Analisar os processos educativos possibilitados pelo SERTA e a produção de significados e sentidos de pertencimento à terra entre os estudantes;

Caracterizar a rede dialógica vivenciada pelos estudantes do SERTA em relação aos seus projetos de vida.

Trata-se de uma pesquisa mista, em que a pesquisadora esteve imersa em alguns momentos no espaço educacional da instituição SERTA, a fim de construir os dados da pesquisa por meio de observações, anotações e aplicação de um questionário *on line* com os estudantes e de uma posterior análise dos enunciados produzidos a partir da Análise Dialógica Discursiva do círculo bakhtiniano.

Riscos e benefícios:

Este estudo se faz necessário pela emergência de pesquisas na área sobre Educação do Campo, especificamente no que se refere à temática Projetos de vida. Justifica-se pela necessidade de uma maior compreensão acerca da Proposta metodológica do SERTA (PEADS) em relação à construção dos projetos de vida dos estudantes que vivenciam as atividades propostas por esta Instituição educacional. O benefício esperado com este trabalho de pesquisa é que os resultados possam fornecer informações importantes para os sujeitos

campesinos, acerca da participação e das realizações de práticas sociais a partir da proposta educacional do SERTA. Especialmente obter informações sobre a possível potencialização ou limitação dessas vivências para a construção dos projetos de vida dos estudantes.

Não há relato algum na literatura, até o momento, de quaisquer riscos de ordem física ou psicológica com a participação em pesquisas desse tipo.

Compromisso:

A pesquisadora se compromete a estar sempre disponível para esclarecer dúvidas sobre os procedimentos da pesquisa.

Os dados obtidos nessa pesquisa, a partir das observações, dos questionários, das anotações serão utilizados para fins exclusivos de pesquisa, servindo apenas para ilustrar aspectos importantes acerca do tema. As capturas das informações a partir dos documentos também poderão ser utilizadas de modo similar, em publicações de pesquisas. Os participantes da pesquisa não serão identificados pelo nome, exceto na medida em que este seja apontado nos comentários.

A participação na pesquisa não implicará absolutamente nenhum custo, nem recompensa financeira para os participantes.

Consentimento:

Tratando-se de uma pesquisa mista, ao aceitar participar, através deste termo de consentimento estou, automaticamente, autorizando a minha participação na pesquisa.

Fui devidamente apresentado (a) às informações acima e, após lê-las e compreendê-las, decidi que:

() Aceito participar da pesquisa () Não aceito participar da pesquisa

AGRADECEMOS MUITO POR SUA COLABORAÇÃO

8.2. QUESTIONÁRIO SOBRE PROJETOS DE VIDA DOS ESTUDANTES DO SERTA

Este questionário tem como objetivo compreender as contribuições da proposta educacional do SERTA para a construção identitária dos estudantes, considerando-se as vivências e possibilidades desse espaço formativo em relação aos projetos de vida.

Os dados aqui informados serão utilizados para fins de pesquisa e como base para futuras publicações e divulgações sobre o tema. O anonimato dos entrevistados será preservado em todo e qualquer documento divulgado em foros científicos.

O questionário está dividido em partes: contém questões referentes a sua história de vida, à Instituição SERTA e às perspectivas futuras.

Você gastará cerca de 20 minutos para respondê-las.

***Obrigatório**

1. Qual o seu nome? *

2. Qual a sua idade? *

3. Gênero? *

Masculino

Feminino

Outro

4. Qual a sua turma? *

Turma A

Turma B

Turma C

Turma D

HISTÓRIAS DE VIDA

5. Onde você estudou durante a Educação básica? *

Zona Rural

Zona Urbana

()Parte em Zona Rural e Parte em Zona Urbana

6. Onde você mora atualmente? *

()Zona Rural

()Zona Urbana

7. Qual a sua relação com o Campo? (Viveu no campo? Sua família vive no campo? Tem curiosidade sobre a vida no campo?) *

8. O que despertou o interesse ou motivou você a procurar o Curso Técnico em Agroecologia do SERTA? *

INSTITUIÇÃO SERTA

9. O Curso Técnico em Agroecologia do SERTA está correspondendo às suas expectativas? *

Sim

Não

10. Justifique sua resposta em relação à questão anterior.

11. Descreva com suas palavras como você vivencia a metodologia do SERTA. *

12. Você acha que há uma relação entre as estratégias pedagógicas vivenciadas no SERTA e as atividades desenvolvidas no Tempo Comunidade? *

Sim

Não

13. Justifique sua resposta em relação à questão anterior.

PERSPECTIVAS FUTURAS

14. Esta pesquisa é sobre Projetos de Vida dos estudantes do SERTA. O que você entende por Projetos de Vida? *

15. São importantes as atividades realizadas no Tempo Escola e no Tempo Comunidade para a construção de seu(s) projeto(s) de vida? *

Sim

Não

16. Justifique sua resposta em relação à questão anterior.

17. Como você percebe o campo e qual a relação com o curso técnico em Agroecologia? *
18. Como a proposta metodológica do SERTA pode contribuir para a construção do(s) seu(s) projeto(s) de vida? *
19. O que mudou para você depois do início do Curso Técnico em Agroecologia do SERTA? *
20. O SERTA é visto como um espaço de sociabilidades. Como você descreveria esse espaço? *
21. Você tem alguma sugestão de mudança para o curso? *
Sim
Não
22. Justifique sua resposta em relação à questão anterior. *

Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1Vhqxf9U-W_d1w0Obyk4g5760dyxDFxczPx0C2p9Yxy0/edit